

Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
Programa de Pós-graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio
Cultural das Ciências e da Saúde

LUCAS CUBA MARTINS

FOTOGRAFIAS DE PEÇAS ANATÔMICAS DO MUSEU DA PATOLOGIA NO
ARQUIVO DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ: UM ESTUDO SOBRE
CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS EM ATIVIDADES
CIENTÍFICAS

Rio de Janeiro

2023

LUCAS CUBA MARTINS

**FOTOGRAFIAS DE PEÇAS ANATÔMICAS DO MUSEU DA PATOLOGIA NO
ARQUIVO DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ: UM ESTUDO SOBRE
CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS EM ATIVIDADES
CIENTÍFICAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Aline Lopes de Lacerda

Rio de Janeiro

2023

LUCAS CUBA MARTINS

FOTOGRAFIAS DE PEÇAS ANATÔMICAS DO MUSEU DA PATOLOGIA NO ARQUIVO DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ: UM ESTUDO SOBRE CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS EM ATIVIDADES CIENTÍFICAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a .Dr^a Aline Lopes de Lacerda (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) - Orientadora

Prof^a. Dr^a Luciana Quillet Heymann (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde)

Prof. Dr Paulo Knauss de Mendonça (Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense)

Suplentes:

Prof^a. Dr^a André Malverdes (Universidade Federal do Espírito Santo)

Prof^a. Dr^a. Ana Luce Girão Soares de Lima (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde)

Rio de Janeiro
2023

M379f Martins, Lucas Cuba.

Fotografias de peças anatômicas do Museu da Patologia no Arquivo do Instituto Oswaldo Cruz : um estudo sobre contexto de produção de fotografias em atividades científicas / Lucas Cuba Martins. – Rio de Janeiro, 2023.

170 f. : il. color.

Orientadora: Aline Lopes de Lacerda.

Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.

Bibliografia: f. 129-139.

1. Documentação. 2. Arquivos. 3. Museus. 4. Fotografia.
5. Patrimônio Cultural. 6. Brasil.

CDD 363.69

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Responsável pela Ficha Catalográfica: Marise Terra - CRB-6-351

Aos pacientes de Manguinhos, por suas contribuições à ciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Marco e Lilian, por incentivarem meus estudos desde criança, pelos exemplos e pela formação cidadã. São a base de tudo. Ser filho de um professor e uma enfermeira são dois orgulhos que levo comigo.

Ao meu irmão Raphael, sempre disposto a me ouvir falar por horas dos assuntos de que gosto e sempre pronto para acrescentar mais informações ao debate. O melhor parceiro para assistir ao Chaves.

A minha esposa Helena, que fez o papel de verdadeira assistente de pesquisa, ajudando na consulta aos arquivos, digitalizando documentos, revisando textos e, é claro, por todo o incentivo nessa empreitada, por segurar as pontas nas ausências, pelo colo nos momentos de angústia e pelo companheirismo diário.

A minha orientadora, Profa. Dra. Aline Lopes de Lacerda, por compartilhar seu conhecimento sobre o campo das fotografias de arquivo, pelas reuniões e por todo incentivo no desenvolvimento do trabalho.

Aos professores da banca de defesa: Prof. Dr. Paulo Knauss, Profa. Dra. Luciana Heymann, Prof. Dr. André Malverdes e Profa. Dra. Ana Luce Girão, por aceitarem o convite para participarem deste processo.

Aos colegas da turma 2021 do PPGPAT, que se ajudaram mutuamente durante todo o processo: Ana, Bianca, Christiane, Dani, Renalli, Douglas, Fabiane, Iza, Karol, Liege, Rainer e Raul. E especialmente a Thamires e Patrícia, pelas confidências nos momentos de alegria e frustração.

Aos professores do PPGPAT, que com suas aulas contribuíram para a formação desta pesquisa. Não podendo deixar de destacar a querida amiga e professora Sandra Baruki, por todas as contribuições a esse trabalho, bibliografias e reuniões. Também aos funcionários da Secretaria Acadêmica, particularmente Valéria, por todo o apoio no processo.

Aos profissionais e amigos da Casa de Oswaldo Cruz: Ana Roberta Tartaglia, querida amiga que foi a responsável por me incluir no fabuloso mundo dos arquivos da Fiocruz. A Nathacha e Bianca, por toda ajuda na localização dos documentos, pelas incontáveis sessões de consulta ao acervo e pelas indicações preciosas que me ajudaram a entender o arquivo da COC. Também

a Felipe Vieira e Nathália Serrano, no atendimento às minhas demandas. Aos profissionais da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde, por toda ajuda localizando dezenas de exemplares que consultei durante a pesquisa.

Aos profissionais do Laboratório de Patologia: Prof. Dr. Marcelo Pelajo e Profa. Dra. Barbara Cristina de Oliveira, cujas aulas foram fundamentais para definir o recorte de minha pesquisa, aproximando-me do acervo de anatomia patológica. Também a Renalli Fausto, Maria Karla e João Paulo que foram fundamentais em proporcionar o contato necessário com o material de anatomia.

Aos membros do Comitê de Ética em Pesquisa, particularmente a Patrícia Moço e Profa. Dra. Laurinda Maciel, pela ajuda no ajuste fino para a submissão do trabalho ao CEP que foi aprovado nos termos do parecer 5.554.730, registrado sob o número CAAE: 59632522.5.0000.5241

Ao Programa de Incentivo ao Desenvolvimento Institucional (PIDI) e a Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (FIOTEC) pela bolsa de pesquisa que permitiu a execução deste trabalho com dedicação integral.

“Rigorosamente, todas estas notícias são desnecessárias para a compreensão da minha aventura; mas é um modo de ir dizendo alguma coisa, antes de entrar em matéria, para a qual não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada. Há de haver alguma; tudo depende das circunstâncias, regra que tanto serve para o estilo como para a vida; palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies”

(Primas de Sapucaia - Machado de Assis)

RESUMO

O trabalho apresenta um estudo sobre a produção e a utilização de fotografias em atividades científicas, com ênfase nas imagens de anatomia patológica produzidas pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC) entre os anos de 1900 e 1960, integrantes do arquivo do IOC, sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz. A produção estava relacionada com as dinâmicas institucionais envolvendo o Serviço de Fotografia e o Museu da Patologia, da Seção de Anatomia Patológica. Com a pesquisa, foram levantadas diversas informações que lançam luz sobre as lacunas relativas ao contexto de produção das fotografias e as relações entre atividades científicas e seus serviços auxiliares, dentro da dinâmica de trabalho do Instituto. Essas informações vão permitir um aprofundamento da descrição arquivística desses documentos, já disponível, de forma sumária, na base de dados da Casa de Oswaldo Cruz, ao passo que o trabalho aponta caminhos para outras investigações que busquem refletir sobre o estatuto documental das imagens desse arquivo e sua relação com as peças de anatomia patológica do Instituto Oswaldo Cruz.

ABSTRACT

The paper presents a study on the production and use of photographs in scientific activities, with emphasis on the images of pathological anatomy produced by the Instituto Oswaldo Cruz (IOC) between the years 1900 and 1960, part of the IOC archives, under the custody of the Casa de Oswaldo Cruz. The production was connected to the institutional dynamics involving the Photographic Service and the Pathology Museum, of the Pathology Section. With the research, several information were collected that shed light on the gaps regarding the context of production of the photographs and the relations between scientific activities and their auxiliary services, within the working dynamics of the Institute. This information will allow a deepening of the archival description of these documents, already available, in summary form, in the database of the Casa de Oswaldo Cruz, while the study points paths for further investigations that seek to reflect on the documental status of the images of this archive and its relationship with the pathological anatomy pieces of the Instituto Oswaldo Cruz.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – RETRATO DE JEAN-MARTIN CHARCOT S/D. ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ, FUNDO IOC	43
FIGURA 2 - REPRODUÇÃO DE DONNADIEU, OP. CIT., P. 163.	47
FIGURA 3 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DE 1865, P. 56.	49
FIGURA 4 - EX LIBRIS DE OSWALDO CRUZ COM A INSCRIÇÃO "FÉ ETERNA NA CIÊNCIA". FOTO DE HUMBERTO TESKI. FONTE: TARTAGLIA, 2018, P. 46.....	56
FIGURA 5 – REPRODUÇÃO ORGANOGRAMA DO IOC - 1912. FONTE: CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.	65
FIGURA 6 - PLANTA DO NECROTÉRIO, 1936 - CORTE AB - REPRODUÇÃO DO AUTOR COM MELHORAMENTO DA IMAGEM. ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC....	72
FIGURA 7 - LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO, 1914, REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	75
FIGURA 8 - SALA DE FOTOGRAFIA, 1912, REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	76
FIGURA 9 - CORREIO DA MANHÃ, 26 DE MARÇO DE 1910, P. 9 (MICROFILMAGEM). ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL/HEMEROTECA DIGITAL	77
FIGURA 10 - O PAIZ, 02 DE MARÇO DE 1919, P. 11 (MICROFILMAGEM). ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL/HEMEROTECA DIGITAL	78
FIGURA 11 - VIDA DOMÉSTICA, 1920, 2ª ED., P. 10 (MICROFILMAGEM). ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL/HEMEROTECA DIGITAL	78
FIGURA 12 - NOTA DE COMPRA DE MATERIAL FOTOGRÁFICO, 1916, REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO OC.....	79
FIGURA 13 - ANÚNCIO DA THE WELLINGTON PAPERS. FONTE: HTTP://WWW.CODEX99.COM/PHOTOGRAPHY/86.HTML (DEZ/2022).....	80
FIGURA 14 - NOTA DE COMPRA, 1916, REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO OC.	80
FIGURA 15 - ANÚNCIO DA MARCA HALOID. FONTE: HTTPS://WWW.BUTKUS.ORG/CHINON/BOOKLET/HALOID_PHOTOGRAPHIC/HALOID_PHOTOGRAPHIC.HTM	81
FIGURA 16 - NOTA DE COMPRA, 1921, REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO OC.	81

FIGURA 17 - PEÇA ANATÔMICA - CORAÇÃO, J. PINTO. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC	85
FIGURA 18 - PEÇAS DE NECROPSIA (FOTOGRAFIA SOLICITADA POR YDÉRZIO VIANNA). ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC	86
FIGURA 19 – [VISTA DE TRECHO DO MUSEU DE ANATOMIA PATOLÓGICA], [1951], J. PINTO. REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC..	88
FIGURA 20 - VISTA PARCIAL DO MUSEU DE ANATOMIA PATOLÓGICA, [195-]. REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC	90
FIGURA 21 - VISTA PARCIAL DO MUSEU, [1959]. REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	90
FIGURA 22 - PAVILHÃO DA PATOLOGIA DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ - PAVIMENTO TÉRREO, OLENKA GREVE, S/D. REPRODUÇÃO DO AUTOR COM EDIÇÃO. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO PRESIDÊNCIA	92
FIGURA 23 - [DETALHE DO MUSEU DE ANATOMIA PATOLÓGICA], 1959. REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	93
FIGURA 24 - [DETALHE DO MUSEU DE ANATOMIA PATOLÓGICA], 1959. REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	93
FIGURA 25 - ETIQUETA HISTÓRICA DO MUSEU DA PATOLOGIA. ACERVO DO AUTOR... 94	
FIGURA 26 - ETIQUETA HISTÓRICA DO MUSEU DA PATOLOGIA. ACERVO DO AUTOR... 95	
FIGURA 27 - CAPTURA DE TELA DA BASE ARCH MOSTRANDO OS NÍVEIS DO FUNDO IOC. FONTE: HTTPS://BASEARCH.COC.FIOCRUZ.BR/INDEX.PHP/PECAS-ANATICAS	100
FIGURA 28 - ETIQUETAS COLADAS NO NEGATIVO. FOTOGRAFIA DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	104
FIGURA 29 - ENVELOPE PARA IDENTIFICAÇÃO DE MATERIAL FOTOGRÁFICO. FOTOGRAFIA DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	105
FIGURA 30 - PEÇAS DE NECROPSIA (FOTOGRAFIA SOLICITADA POR WANTUYL CUNHA), 1956. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	106
FIGURA 31 - RETOQUES NO NEGATIVO DA IMAGEM ANTERIOR. REGISTRO DO AUTOR. ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	107
FIGURA 32 - DETALHE DO NEGATIVO DA FIGURA 17. REGISTRO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	108
FIGURA 33 - PEÇA ANATÔMICA - FETO. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC	111

FIGURA 34 - PEÇA ANATÔMICA - FETO. FOTOGRAFIA E ACERVO DO MUSEU DA PATOLOGIA/LABPAT.....	112
FIGURA 35 - FETO BICÉFALO (FOTOGRAFIA SOLICITADA POR DR. AZEVEDO). ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	112
FIGURA 36 - PEÇA ANATÔMICA - FETO. FOTOGRAFIA E ACERVO DO MUSEU DA PATOLOGIA/LABPAT.....	113
FIGURA 37 - PEÇA ANATÔMICA - CORAÇÃO COM HELMINTOS. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC	113
FIGURA 38 - PEÇA ANATÔMICA - CORAÇÃO COM HELMINTOS. FOTOGRAFIA E ACERVO DO MUSEU DA PATOLOGIA/LABPAT	114
FIGURA 39 - PEÇA ANATÔMICA – FETO. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC	114
FIGURA 40 - PEÇA ANATÔMICA - FETO. FOTOGRAFIA E ACERVO DO MUSEU DA PATOLOGIA/LABPAT.....	115
FIGURA 41 - PEÇA ANATÔMICA - ÚTERO. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	115
FIGURA 42 - PEÇA ANATÔMICA - ÚTERO. FOTOGRAFIA E ACERVO DO MUSEU DA PATOLOGIA/LABPAT.....	116
FIGURA 43 - PEÇA ANATÔMICA - ÚTERO COM FIBROMAS MÚLTIPLOS. ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	116
FIGURA 44 - PEÇA ANATÔMICA - ÚTERO COM FIBROMAS MÚLTIPLOS. FOTOGRAFIA E ACERVO DO MUSEU DA PATOLOGIA/LABPAT.....	117
FIGURA 45 - PEÇA ANATÔMICA - CRÂNIO. ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	117
FIGURA 46 - PEÇA ANATÔMICA - CRÂNIO. FOTOGRAFIA E ACERVO DO MUSEU DA PATOLOGIA/LABPAT.....	118
FIGURA 47 - DIAGNÓSTICO ANATOMOPATOLÓGICO DE J.S. AUTÓPSIA Nº 2361. FOTOGRAFIA DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	120
FIGURA 48 - CAPA DO PRONTUÁRIO 167. REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC	123
FIGURA 49 - DIAGNÓSTICO ANATOMOPATOLÓGICO. PRONTUÁRIO A161. REPRODUÇÃO DO AUTOR. ACERVO CASA DE OSWALDO CRUZ/FUNDO IOC.....	124
FIGURA 50 - HINO A OSWALDO CRUZ, MICROFILMAGEM, ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ, FUNDO OSWALDO CRUZ.	158

FIGURA 51 - REDE DE ESPAÇOS HOSPITALARES DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ ENTRE 1909-1930. FONTE: SANTOS, OP. CIT., P. 252. 170

LISTA DE SIGLAS

COC – Casa de Oswaldo Cruz

SAP – Seção de Anatomia Patológica

DAD – Departamento de Arquivo e Documentação

DGSP – Diretoria-geral de Saúde Pública

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

HEC – Hospital Evandro Chagas

IOC – Instituto Oswaldo Cruz

LABPAT – Laboratório de Patologia

MJNI – Ministério da Justiça e Negócios Interiores

PDF – Prefeitura do Distrito Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – FOTOGRAFIAS EM ATIVIDADES CIENTÍFICAS	20
1.1 – “O lápis da natureza”: fotografia e objetividade mecânica	20
1.2 – Do retrato ao microscópio: registros fotográfico-científicos	27
1.3 – A fotografia nas entranhas da Patologia	38
CAPÍTULO 2 – FÉ ETERNA NA CIÊNCIA: PRODUÇÃO CIENTÍFICA E FOTOGRAFICA	52
2.1 Discípulos de Pasteur, discípulos de Oswaldo Cruz	52
2.2 A Patologia em Manguinhos.	61
2.3 O trabalho de fotografia.	74
2.4 Vidrinhos e vidrões: o Museu da Patologia do IOC	87
CAPÍTULO 3 – O QUEBRA-CABEÇAS: RESTABELECENDO VÍNCULOS COM O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO CONJUNTO DOCUMENTAL	100
3.1 Negativos de vidro: marcas do tempo	101
3.2 As imagens de peças anatômicas e seus entes de referência	109
3.3 As peças anatômicas em diversas perspectivas de uso	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	129
Fontes	129
Bibliografia	132
APÊNDICES	140
ANEXOS	158

INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta visa investigar o fundo Instituto Oswaldo Cruz, com ênfase no dossiê Peças Anatômicas integrante da série Serviço de Fotografia, colocando em perspectiva histórica a criação e o funcionamento do referido Serviço e a produção de documentos fotográficos sob a sua responsabilidade. A investigação tem por premissa compreender a formação do material fotográfico a partir da função do respectivo Serviço no Instituto e dos usos que as fotografias tiveram, analisando, para isso, a relação das imagens com seus entes de referência sob a perspectiva da conexão entre o Serviço de Fotografia e o acervo do Museu da Patologia.

Atualmente, o acervo fotográfico de peças anatômicas encontra-se com descrição arquivística preliminar e possui poucas informações que o relacionem com as peças originais que pertencem (ou pertenceram) à coleção biológica do Museu da Patologia. Esse gap de informações inclui os usos e circuitos que a fotografia de peças anatômicas tinha nos meandros da pesquisa patológica no IOC, a definição anatômica das peças fotografadas e dados de coleta como: número da autópsia, patologista solicitante e/ou responsável. As informações de autoria e data de produção das fotografias também são precárias e fragilizam a potencialidade documental do material em questão.

A escassez de estudos anteriores deste tipo está relacionada com as peculiaridades do material em questão: registros fotográficos médico-científicos que não possuem dados de contexto que facilitem a leitura da imagem e contribuam para o trabalho de organização. Os caminhos de investigação usuais - aqueles que podem ser empregados em fotografias de paisagens, grupos de pessoas e retratos, arquiteturas e espaços edificados, por exemplo - não são facilmente encontrados em registros visuais de peças anatômicas isoladas. Ainda que alguns registros do dossiê fujam dessa premissa (fotografias que trazem etiquetas do Museu da Patologia, detalhes dos frascos que contêm a peça, ou até mesmo a mão que segura o objeto para a fotografia) a lógica de produção desse material apresenta um terreno árido para a identificação de contextos.

Ao elaborarmos este trabalho, realizamos pesquisas não apenas na bibliografia fundamental para o entendimento da história do Instituto Oswaldo Cruz, mas também em fontes primárias; documentos de arquivo que pudessem apresentar informações para a identificação das relações e dos percursos que permearam a produção de material fotográfico de peças anatômicas no Instituto Oswaldo Cruz.

No primeiro capítulo, e com base em leituras de bibliografia selecionada, propomos um estudo da fotografia enquanto recurso apropriado pela ciência no final do século XIX. Para isso, recorreremos aos argumentos sobre a objetividade mecânica da imagem fotográfica, conceito cronologicamente marcado e que tinha grande relevância na construção da crença na aura de extrato da realidade que a fotografia adquire. Neste capítulo, também propomos uma leitura da imagem fotográfica como elemento basilar para a sedimentação de determinados campos das ciências exatas e das ciências sociais. Nesse ponto, a fotografia adquire o status de objeto científico, perfazendo, ela própria, o lugar da cena real fotografada. Por último, nos debruçamos sobre o trabalho de fotografia anatômica e seu desenvolvimento, em paralelo ao crescimento da Anatomia Patológica como ciência fundamental na virada do século.

No segundo capítulo, o trabalho de argumentação busca levantar e articular informações sobre o contexto de produção das imagens de anatomia patológica no âmbito do Instituto, particularmente no período em que os negativos de vidro, técnica consagrada para a fotografia, foram utilizados na instituição. Este capítulo possui uma introdução que narra a criação do Instituto Soroterápico Federal, atual Fundação Oswaldo Cruz, e a relação do laboratório de fotografias com o setor de Anatomia Patológica, pioneiro no país. Além disso, apresentamos o Museu da Patologia, que acumulou e organizou, ao longo de décadas, parte do material biológico que está retratado no dossiê de peças anatômicas, objeto empírico deste trabalho.

No último capítulo, à guisa de auxiliar o aprimoramento das descrições arquivísticas da Casa de Oswaldo Cruz, apresentamos o resultado do cruzamento de dados de diversos tipos de fontes levantadas ao longo da pesquisa, incluindo material textual como prontuários médicos e relatórios de autópsias. O cruzamento dessas informações possibilitou a recuperação de informações de

contexto, produção e uso do material de arquivo, de modo que diversas informações poderão ser atribuídas aos níveis de descrição da base de dados, desde história arquivística da série Serviço de Fotografia, passando por âmbito e conteúdo do dossiê Peças Anatômicas, contribuindo para uma melhor representação informacional do arquivo.

Por último, apresentamos nossas considerações finais sobre o desenvolvimento desta pesquisa e ainda as fontes que possibilitaram o desenvolvimento do trabalho.

CAPÍTULO 1 – FOTOGRAFIAS EM ATIVIDADES CIENTÍFICAS

Neste capítulo inicial, buscamos discutir o uso da imagem fotográfica nas atividades científicas desenvolvidas nos séculos XIX e XX. Notadamente, nas atividades relacionadas com aspectos da investigação do corpo humano, seja no ambiente policial, seja no ambiente médico-hospitalar. O processo fotográfico, mediado por meios mecânicos e químicos, surge como alternativa à técnica artística do desenho e da pintura, que passam a ser consideradas, na comparação com a fotografia, formas de representação visual subjetivas e evitadas de interferência da mão humana.

Desse modo, ganha destaque o método surgido, quase que ao mesmo tempo, na França e na Inglaterra e que permitia a captura do real através da luz. De acordo com André Rouillé, ao proporcionar a impressão de retirada das mãos e dos olhos do artista do trabalho de representar a realidade, e conferir à máquina o protagonismo do processo de captação de uma cena, “[...] a fotografia redistribuiu a relação que, havia vários séculos, existia entre a imagem, o real e o corpo do artista.” (ROUILLÉ, 2009, p. 34). Não era mais o pincel, lápis ou outro instrumento que fazia a extensão da mão do artista, era uma máquina capaz de operar, quase sem intervenção humana.

As ciências, como veremos, logo se apropriam da fotografia e a estabelecem como registro objetivo e documental de suas ações. A imagem fotográfica surgida no século XIX é, ao mesmo tempo, invenção e inventora de uma nova ordem de visão, dirigida por valores daquele período em que a sociedade ocidental passava por transformações políticas, econômicas e sociais (Ibidem, p. 17). Para Rouillé, a fotografia é dada mais ao ato de fabricar realidades do que propriamente ser um extrato da realidade.

1.1 – “O lápis da natureza”¹: fotografia e objetividade mecânica

Oh! A ciência! Tudo se repete. Para o corpo e para a alma, - o viático - temos a medicina e a filosofia, - os remédios das boas mulheres e as canções populares apropriadas. E as distrações

¹ *The Pencil of Nature* é um livro, publicado pela primeira vez em fascículos entre 1844 e 1846, editado por Henry Talbot. Tido como o primeiro livro ilustrado com fotografias e um marco na história da fotografia.

dos príncipes e os jogos que eles interditam! Geografia, cosmografia, mecânica, química ... A ciência, a nova nobreza! O progresso. O mundo marcha. Por que não havia de girar? É a visão dos números. Vamos para o Espírito. É certíssimo, este oráculo, que eu faço. Compreendo, e não sabendo explicar-me sem palavras pagãs, preferiria silenciar.² (Arthur Rimbaud)

A fotografia tem seu nascimento estabelecido a partir de duas experimentações distintas, e já conhecidas: A câmara escura (o dispositivo ótico que se relaciona com as noções de perspectiva do Renascimento) e a sensibilidade química de determinados elementos à luz do sol. (DUBOIS, 1993, p. 129). André Rouillé aponta que o aparecimento da fotografia coincide, na França e na Inglaterra, com o surgimento da modernidade capitalista, das mudanças nos modos de produção e da economia de mercado. Esse caráter moderno e a própria origem experimental da fotografia, demonstra que o método fotográfico estava, ele próprio, atrelado ao desenvolvimento científico e industrial, ao modo de fazer ciência daquele tempo e aos anseios de uma sociedade burguesa dominante que utilizava a produção científica como ferramenta de modelação social. O autor aponta que “Os lugares, as datas, os usos, os dispositivos, os fatos: tudo comprova que a invenção da fotografia se insere na dinâmica da sociedade industrial nascente.”. (ROUILLÉ, 2009, p. 31)

Em 1839, a apresentação do Daguerreótipo, na França, inaugura a ampliação da eficácia da representação (Ibidem, p. 33), que já não conta mais com as interferências da mão do artista - passível de erros, emoções, e insegurança – mas sim com a imagem replicada pela máquina, aparentemente livre de qualquer influência subjetiva ou estranha à realidade. O método, desenvolvido por Louis Daguerre, utilizava uma placa de cobre revestida com prata polida, até que se tornasse reflexiva. O material então era sensibilizado com vapores de iodo e, após a exposição na câmera escura, a imagem era revelada com um banho de mercúrio.³

² Trecho de “*Uma Estação no Inferno*”, de Arthur Rimbaud, publicado em 1873. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000029.pdf>

³ Outros processos e elementos químicos foram sendo introduzidos ao longo dos anos com o objetivo de melhorar a fixação da imagem e sua permanência na chapa de metal. A daguerreotipia continuou a ser uma técnica muito utilizada até os anos 60 do século XIX. Para maiores detalhes do processo, ver: <http://www.graphicsatlas.org/identification/>

Podemos dizer que a máquina fotográfica ganha um certo de grau de “espelho”, não só pela reflexividade do suporte polido de Daguerre, mas também por não produzir, não executar uma ação de representação, e sim de reflexão do real que, fixado (no metal), passa a ser tomado como o próprio real. (Cf. DUBOIS, op cit e ROUILLÉ, op cit.) Essa captura, jargão do meio que diz muito sobre a noção de apoderamento que a fotografia faz da cena fotografada, dá ao registro o valor de ícone, pois guarda o mais alto grau de semelhança com a coisa fotografada. (ROUILLÉ, op. cit., p.70-75) A ela é também atribuído o valor de índice, pois a existência do registro fotográfico pressupunha a relação de contato direto da câmera com a cena fotografada, na medida em que seriam os raios luminosos os responsáveis por imprimir a imagem latente da cena no suporte sensível, estabelecendo uma relação de contiguidade entre um ponto e outro e criando a crença no caráter testemunhal do registro fotográfico

Essa marca, própria do desenvolvimento da fotografia, será seu ponto de interseção com as ciências do século XIX, com a produção de conhecimento científico notadamente utilizado na ordenação da sociedade industrial deste período. Antes de tratarmos desta questão, faz-se necessário compreender a construção do lugar de documento que a fotografia adquire, a partir da ideia de objetividade mecânica e aparência do real.

Com o surgimento da fotografia, a arte representativa é deslocada para o campo da subjetividade, sujeita às interpretações do artista e da técnica utilizada, e a fotografia ganhava o estatuto de representação objetiva, mediada por meios mecânicos de impressão da realidade através da luz. A noção geral de que a grafia pela luz (*foto e grafia*)⁴ estava amparada em uma objetividade mecânica, impassível de alteração pela ação emocional do tomador da foto, transformava a fotografia nos séculos XIX e XX em documento e instrumento de comprovação da realidade, no que Charles Favrod chama, muito apropriadamente, de “atestado de presença” (FAVROD, 1989 *apud* FABRIS, 2002, p. 30).

⁴ “Parece que em latim ‘fotografia’ se diria: ‘*imago lucis opera expressa*’; ou seja: imagem revelada, ‘tirada’, ‘subida’, ‘espremida’ (como um suco de limão) por ação da luz.” (BARTHES, 1984, p. 121)

Esse estatuto de representação objetiva coloca a fotografia no circuito das ciências emergentes daquele período, alçando o registro visual fotográfico ao mesmo patamar de outros documentos e produtos científicos. Mais ainda, coloca a fotografia como ancoragem de uma nova vida nas cidades, um novo *corpus* social que se formava e crescia, atento às novidades que a ciência e a técnica podiam trazer para sua vida cotidiana. Assim como outros processos científicos, a fotografia podia ser mesurada e medida. Ela era calculada, cronometrada, medida e valorizada; havia o tempo de exposição, o tempo de revelação, o tempo de fixação, o preço, a quantidade, o formato. (ROUILLÉ, op. cit., p. 37)

Todo esse repertório de elementos próprios da fotografia se diferenciava dos usos que as ciências faziam das artes até então. Desde o século XVIII, o trabalho de ilustração científica já havia se desenvolvido como um campo de trabalho artístico próprio. Os desenhistas de ilustração científica, são, até hoje, profissionais especializados na reprodução detalhada de exemplares botânicos e zoológicos. A ilustração médica também é um tema proeminente neste campo, em especial os desenhos anatômicos e morfológicos.

Toda essa cooperação entre arte e ciência não se dava sem tensões e tampouco foi assimilada *tout de suite*. Os limites que a representação artística tinha para que fosse considerada complementar ao trabalho científico, sem que o sobrepujasse, eram de certo nebulosos. Ao mesmo tempo em que a vocação artística do ilustrador era valorizada nesse meio, o respeito a certas normas e a contenção de um caráter transcendente ao real, eram encorajados para alcançar o que se considerava a correta representação científica; um equilíbrio entre a sensibilidade do artista e a verdade científica. (DANSE, 1990, *apud* OLIVEIRA; CONDURU, 2004, p. 337)

A exemplo, no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), pioneiro nos estudos em medicina, sanitarismo e infectologia no Brasil, desenhos de exemplares das coleções entomológicas eram apresentados em artigos científicos publicados na revista especializada *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Os desenhistas de Manguinhos produziam pranchas de estudos sobre barbeiros, mosquitos, besouros, helmintos etc, apoiando as atividades de pesquisa do Instituto em um trabalho em que abundavam as características formais e fidedignas da representação científica, havendo pouco espaço para interpretação artística.

Quando o desenho era considerado incorreto do ponto de vista científico, era desprezado, e não poderia ser publicado. É o caso de treze pranchas com desenhos do inseto barbeiro, de autoria dos desenhistas Manoel de Castro Silva, Luiz Kattembach e Raymundo Honório Daniel⁵, feitas para as pesquisas desenvolvidas pelo laboratório de Arthur Neiva⁶. De todos os desenhos contidos nas pranchas, apenas três foram utilizados, sendo os demais considerados muito artísticos e pouco científicos, com partes faltantes, cores incorretas e simetria exagerada. (OLIVEIRA; CONDURU, op. cit., p. 354)

A fim de mitigar os riscos de ter seus trabalhos desconsiderados, os ilustradores desenvolveram um esquema de técnicas, ao longo do tempo, de observação visual dos espécimes que deveriam ser retratados, sempre mirando o equilíbrio entre ciência e arte: ensaios e modelos, rascunhos, cópias baseadas em publicações semelhantes etc. Todas essas ações buscavam

[...] encontrar a melhor fórmula para a representação. Quão intensamente as observações visuais entrarão na alteração deste esquema dependerá do próprio desenhista e, como não poderia deixar de ser no caso da ilustração científica, do controle estabelecido pelos códigos que orientam o julgamento científico. (RANGEL, 2009, p. 366).

Logo, o processo fotográfico não corria nestes mesmos riscos, pois amparava-se no conceito de objetividade. Lorraine Daston aponta que a noção moderna de objetividade é fruto da produção intelectual do século XIX, precisamente da obra de Kant (DASTON, 1999, p.80). O filósofo alemão recupera tanto o conceito de subjetividade como o de objetividade, amplamente utilizados pelas disciplinas da escolástica medieval e os utiliza, dando a eles o significado moderno que empregamos hoje. A autora aponta que

Apenas nos anos 20 e 30 do século XIX as entradas dos dicionários – primeiro em alemão, depois em francês, e mais tarde em inglês – começaram a definir as palavras “objetividade” e “subjetividade” num sentido aproximado

⁵ Sobre o trabalho dos desenhistas do Instituto Oswaldo Cruz, recomendamos conferir: LACERDA, A. L. de, *et al.* A imagem a serviço do conhecimento: a entomologia nas ilustrações do acervo histórico da Fiocruz. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COC, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/54874>

⁶ Arthur Neiva (1880 – 1943) foi um médico e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz. Destacou-se pelas pesquisas relacionadas ao ciclo de vida do *Trypanosoma Cruzi* e pela forma de transmissão da Doença de Chagas. Realizou expedições de investigação ao nordeste e centro-oeste do país, em companhia de Belisário Pena. Foi também professor da antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diretor do Museu Nacional e deputado federal pela Bahia. Cf. <http://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/fundo-arthur-neiva>

àquele que nos é familiar, muitas vezes com um aceno em direção à filosofia kantiana. (Ibidem, p. 80)

Faz-se mister questionar se a objetividade científica, enquanto virtude epistemológica da prática científica (Ibidem, p. 83), desenvolveu-se antes da definição do conceito objetividade. Para Lorraine Daston, a objetividade, tal qual a posicionamos na discussão científica, é diferente da busca pela verdade ou pela certeza. A autora aponta que “por vezes a objetividade científica coincide com estas outras virtudes epistemológicas, por vezes entra em conflito com elas [...]” (Ibidem, p. 81), sendo possível que o pensamento científico se empenhe em buscar a virtude da verdade em detrimento da objetividade, e vice-versa.

Deste modo, podemos compreender que, embora circundantes ao mesmo conjunto epistemológico, a objetividade pode ser uma virtude tardia às ciências. Isso significa dizer que as ciências já tinham a busca pela verdade como fio condutor antes do binômio subjetividade-objetividade entrar no circuito de discussões. A preocupação com a objetividade está diretamente associada com a era da máquina: da sociedade industrial mecanizada e por isso encontra foro nas discussões sobre o caráter documentário da fotografia.

Esse é o ponto de destaque da fotografia no *ethos* científico do século XIX. As novas máquinas e instrumentos de pesquisa (com destaque para os óticos, como o microscópio) permitiam avanços consideráveis nas descobertas daquele período. A câmera fotográfica surge como um dispositivo ótico singular: um instrumento científico-mecânico capaz de produzir ângulos e pontos de vista que extrapolavam as possibilidades do olho humano, permitindo o alcance dos resultados objetivos desejados, que eram eternizados através de um processo químico precisamente desenvolvido e realizado em laboratório.

Ao comparar a fotografia com o desenho científico, Rouillé aponta que a mão dá lugar à máquina, e o ateliê dá lugar ao laboratório (RUILLE, op cit., p. 35). Mas, para além das diferenças de instrumento e espaço, a fotografia e o desenho guardavam diferenças de representação. A prática da gravura, pintura e desenho presumia uma seleção cuidadosa e um arranjo iconográfico que permitisse a representação mais fiel possível do exemplar estudado, com vistas a atenuar as diferenças e variáveis entre distintos exemplares do mesmo tipo.

Os astrônomos que colhiam cuidadosamente as suas informações, os anatomistas que aperfeiçoavam os seus esqueletos, e os botânicos que reconstruíam uma orquídea típica a partir de um mosaico de flores individuais, todos eles almejavam atingir o rigor, mas não a objetividade. (DASTON, op cit., p. 87)

Ainda que com as limitações de cor e técnica dos primeiros processos fotográficos, a qualidade virtuosa de representação fiel, imediata e automática atribuída as fotografias, consolidou esse meio como alternativa ao desenho. Enquanto o desenho precisava que a mente do artista fosse capaz de captar as características do mundo real, para assim transformá-las em expressão artística, a imagem fotográfica era imediata e não corria o risco de interpretar equivocadamente as coisas. Isso permitia que o registro fotográfico documentasse o mundo tal qual ele se apresentava, sem que para isso fosse necessário recorrer aos modelos e estudos anteriores, como fazia o desenho. A fotografia, portanto “[...] produz novas visibilidades, abre as coisas, extrai daí evidências inusitadas.” (RUILLE, op cit., p. 40)

Essa concepção faz parte de um novo entendimento no *ethos* da produção científica que visava a documentação da realidade natural e dos fenômenos estudados. Ela pode ser atestada pela supervalorização da função documental da imagem, que se sobrepunha à função formal da arte (desenho, pintura e gravura), no que Philippe Dubois assente

Essa bipartição recobre claramente uma oposição entre a técnica, por um lado, e a atividade humana, por outro. Nessa perspectiva, a fotografia seria o resultado objetivo da neutralidade de um aparelho, enquanto a pintura seria o produto subjetivo da sensibilidade de um artista e de sua habilidade. Quer o pintor queira, quer não, a pintura transita inevitavelmente por meio de uma individualidade. Por isso, por mais “objetivo” ou “realista” que se pretenda, o sujeito pintor faz a imagem passar por uma visão, uma interpretação, uma maneira, uma estruturação, em suma, por uma presença humana que sempre marcará o quadro. Ao contrário, a foto, naquilo que faz o próprio surgimento de sua imagem, opera na ausência do sujeito. Disso se deduziu que a foto não interpreta, não seleciona, não hierarquiza. Como máquina regida apenas pelas leis da mecânica e da química, só pode retransmitir com precisão e exatidão o espetáculo da natureza. (DUBOIS, op. cit., p. 32)

Essa colocação encontra foro no surgimento de um dos primeiros processos fotográficos, o talbótipo/calótipo⁷. Nas palavras de seu criador, o método fotográfico produzia imagens “impressas pela mão da natureza” (TALBOT *apud* DASTON; GALISON, 2010, p. 131)⁸, caracterizando a fotografia como testemunho direto, documento escrito pela própria luz. Amparadas nessa noção de registro mecânico inequívoco, as ciências do século XIX irão se apropriar da fotografia como registro documental de várias de suas ações; desde a classificação de fenômenos naturais até a abordagem de grupos sociais. Pela fotografia, era possível encarar uma realidade mais evidente que a própria realidade⁹, na medida em que a fotografia, no seu caráter documentário, ao ser acumulada e hierarquizada, produzia novos sentidos.

1.2 – Do retrato ao microscópio: registros fotográfico-científicos

“A fotografia é um modo de produção que consome matérias-primas, aperfeiçoa os seus instrumentos, reproduz as competências e a submissão da sua força de trabalho e derrama no mercado uma quantidade prodigiosa de mercadorias.” (John Tagg)¹⁰

“Com efeito, é possível que nosso senso de conhecimento histórico tenha sido transformado pela fotografia.” (Peter Burke)¹¹

Os usos científicos que a imagem terá ao longo dos seus primeiros 50 anos marcam a tônica que a fotografia enquanto documento terá. As apropriações para o registro dos fenômenos naturais, das experiências em laboratório e dos estudos sociológicos serão a marca da apropriação da representação visual que a fotografia proporcionava.

⁷ Inventado por Willian Henry Fox Talbot na Inglaterra, o processo foi apresentado em 1839 e divide com o daguerreótipo o protagonismo no surgimento da fotografia. Era realizado diretamente sobre papel sensibilizado com ácido gálico e nitrato de prata, formando uma imagem negativa. A imagem podia ser positivada usando um papel igualmente sensibilizado. Ver: <http://www.graphicsatlas.org/identification/>

⁸ Nesta, e em outras obras e documentos em língua inglesa, francesa ou alemã, a tradução é livre.

⁹ É como na película de Stanley Kubrick, *A Clockwork Orange/Laranja Mecânica* (1971), em que o personagem Alex DeLarge é obrigado a assistir certo filme e diz: - É engraçado como as cores do mundo real só parecem realmente reais quando vistas numa tela [de cinema].

¹⁰ Cf. TAGG, John. O curso da fotografia. In: TRACHTENBERG, Alan (org.) Ensaio sobre fotografia: de Niépce a Krauss, Lisboa: Orfeu Negro, 2013, p.366.

¹¹ Cf. BURKE, Peter. Testemunha Ocular: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004, p. 26.

Desses usos, a fotomicrografia foi uma das mais utilizadas. A técnica reunia dois avanços científicos e óticos: o microscópio e a fotografia, permitindo o registro documental do mundo invisível que vinha se descortinando perante os cientistas. Azevedo cita que as fotomicrografias permitiam a divulgação de pesquisas de bacteriologia, impulsionando a crença no mundo dos micróbios. A autora aponta que

As publicações com fotomicrografias de bactérias circularam principalmente em atlas fotográficos, como o publicado por Charles Slater (1857-1940) e Edmund J. Spitta em 1898. No final do século XIX, Fernand Monpillard (1865-1937), membro da Sociedade Francesa de Fotografia, investiga os processos fotomicrográficos, com o objetivo de integrá-los ao protocolo experimental. As fotomicrografias ajudaram também no exame microscópico de manchas de sangue relacionadas com um crime, contribuindo muito para o campo da medicina legal. (AZEVEDO, 2016, p. 30)

Outro campo que utilizou a fotografia como forma de registro das suas descobertas foi a Astronomia. Em 1854, John Herschel, astrônomo inglês, realizou o experimentos junto a Talbot, na tentativa de fazer registros do sol. Os trabalhos desenvolvidos pelos dois, resultaram na montagem de um equipamento chamado foheliógrafo. Silva e Barbosa apontam que os desafios iniciais para a produção de fotografias de corpos celestes, estavam nas dificuldades técnicas próprias dos primeiros anos de desenvolvimento das da fotografia. (SILVA e BARBOZA, 2020, p. 984)

Questões como o elevado tempo de exposição e as superfícies muito reflexivas dos daguerreótipos, estão entre as primeiras dificuldades encontradas pelos astrônomos. Ainda assim, a primeira fotografia astronômica foi feita em um daguerreótipo adaptado ao telescópio, em 1840. Alguns anos depois, fotografias da superfície lunar foram premiadas na Exposição Universal de Londres de 1851. (Ibidem, p. 985)

A astronomia fez, e ainda faz, farto uso das técnicas de fotografia para registrar seus objetos de estudo. No Brasil, em 1919, foram tomadas fotografias de um eclipse solar na cidade de Sobral, Ceará. Essas imagens entrariam para a história pela importância que tiveram no estudo da teoria da relatividade de Albert Einstein. (Ibidem, p. 988)

Nas ciências sociais, a antropologia foi um campo de estudo que fez amplo uso do registro fotográfico, e o tomava como prova de autenticidade, ou – para retomar o conceito – atestado de presença. O antropólogo, em seu gabinete, colocava em um mesmo plano de significados os objetos de cultura material, registros escritos, espécimes e as fotografias, tidos como documentos primários e realistas, com credibilidade não questionada. (FABRIS, op. cit., p, 30). Essa ciência fazia uso da fotografia a partir do esquadramento do corpo humano e de suas variações. Esse tema, o corpo fotografado, será central, a partir daí, no desenvolvimento dos primeiros métodos de produção e acumulação de retratos para diversos fins.

De acordo com Nancy Stepan, a fotografia etnológica realizada nos trópicos tinha grande interesse nos temas raciais, e se inspirava na prática dos gravuristas e pintores dos séculos anteriores. Essas fotografias eram impregnadas pelo tom de exotividade tropical, com elementos dotados de certo grau de erotismo¹² (corpos femininos normalmente retratados nus ou com pouca roupa) e buscavam articular o corpo com a natureza (retratos com palmeiras, animais ou paisagens ao fundo) (STEPAN, 2001, p. 88-89). Esse trabalho de imagens era utilizado na ilustração de livros de viajantes e naturalistas, quando não era comercializado em postais de viagem e álbuns.

Essas fotografias tinham ainda o papel de amparar os estudos sobre miscigenação e raças, particularmente difundidos na Europa e Estados Unidos do século XIX. Ao analisar as fotografias dos trabalhos realizados no Brasil, de Louis Agassiz, considerado um dos fundadores do racismo científico, a autora pondera sobre o fortalecimento do caráter racista dos retratos de negros e negras despidos, ela diz:

Na tradição europeia, da qual Agassiz fazia parte, estar vestido era um sinal de civilidade, e as roupas eram marcas importantes de espaço, status e gênero. Fazer uma pessoa ficar nua, com exceção de locais e situações específicas (a exemplo, consultório médico), retirava a dignidade e a humanidade da

¹² Sobre este tema verificar o artigo: MAGALHÃES, Aline Montenegro. RAINHO, Maria do Carmo T. Produção, uso e apropriações de uma imagem: o processo de iconização da fotografia da mulher de turbante, de Alberto Henschel. *Revista História UEG - Morrinhos*, v. 9, n. 2, jul./dez. 2020 p. 1-26.

peessoa. Para Agassiz, remover a roupa de seus modelos era possível pois eles eram escravos. (Ibidem, p. 99)¹³

Agassiz foi um dos exploradores da expedição Thayer¹⁴, realizada no Brasil com objetivo de fazer um inventário etnográfico do país. Acompanhado de dois fotógrafos, o explorador desembarcou no Rio de Janeiro e encontrou uma sociedade de maioria negra, desigual e repleta de traços do tempo colonial, em uma atmosfera propícia para o desenvolvimento de suas teorias raciais. As imagens dessa expedição buscavam demonstrar os diversos tipos raciais esquematizados por ele, rompendo com a dicotomia branco-negro, presente nos estudos até então realizados nos Estados Unidos e Europa (Ibidem, p. 105).

Outras duas manifestações fotográficas deste período são dignas de destaque neste estudo. Ambas guardavam relação com o mesmo tipo de manifestação fotográfica: o retrato. A burguesia se apropria do retrato fotográfico como instrumento de distinção social, com uso das poses e da construção da cena que vai retratar o fotografado. Ao mesmo tempo, as ciências jurídicas constroem, em torno da fotografia, um sistema de catalogação e controle de grupos sociais que também utilizava o retrato fotográfico como elemento central, mas amparados pela ideia científica de classificação dos grupos humanos, dos tipos comuns e das generalidades.

Neste período, o surgimento dos gabinetes de fotografia, para o retrato burguês, determinou o aprimoramento de um *mise-en-scène* que permitia ao fotógrafo alcançar as condições ideais que almejavam ser representadas. (KOUTSOUKOS, 2007, p. 12). A pose, o cenário e o enquadramento eram dotados de influências da pintura, mas também eram fruto da inovação de cada retratista (CARNEIRO, 2021, p. 44-45). A produção deste tipo de fotografia, criava condições para o surgimento de “novos reais” (Ibidem, p.45), contudo,

¹³ “In the European tradition of which Agassiz was a part, being dressed was the sign of civilization, and clothes a significant marker of place, status and gender. Causing people to be naked, except in carefully designated places and circumstances (e.g a doctor’s office) robbed a person of dignity and humanity. For Agassiz, removing his sitter’s clothes was possible because they were slaves.”

¹⁴ A expedição Thayer foi organizada pelo governo dos Estados Unidos da América e aconteceu entre 1865 e 1866, sendo chefiada por Agassiz. Parte do acervo produzido pela expedição encontra-se no Peabody Museum da Universidade de Harvard (<https://peabody.harvard.edu/>) Cf. RATTES, Cecília Luttenbarck de Oliveira Lima. Retratos do outro: as fotografias antropológicas da Expedição Thayer e da Comissão Geológica do Império do Brasil (1865-1877). Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

sem que isso fragilizasse a noção de objetividade da técnica fotográfica. Tampouco devemos inferir que o retrato científico-judicial não se utilizava de recursos similares, constituindo uma representação objetiva *tout-court* dos corpos estudados; antes, como veremos, havia o emprego de métodos e técnicas que, usando a capa da normatização científica, permitiam o surgimento de novas realidades.

Importante diferença a se destacar, é a de que o retrato burguês possuía características de autorepresentação. Na medida em que existia uma relação comercial entre o cliente que contratava um serviço de fotografia e o retratista que prestava esse serviço, o cliente podia ditar determinados elementos que julgava necessários na sua própria fotografia, construindo sua autorepresentação (KOUTSOUKOS, op. cit., p.2). Essa relação já não existia no retrato fotográfico científico e judiciário. Nele, a representação é sempre constituída pela percepção que o fotógrafo ou cientista tem do outro, aquele que está sendo estudado, hierarquizado e catalogado. E pelo método de captura fotográfica, que se pretende científico.

O retrato judiciário desenvolveu-se no final do século XIX, a partir de experimentações de nomes como Alphonse Bertillon¹⁵ e Francis Galton¹⁶. O primeiro, após analisar as diversas fotografias de pessoas fichadas pela polícia de Paris, passou a determinar diretrizes de fotografia que buscavam eliminar diferenças de representação, uniformizando a prática fotográfica exercida no âmbito judicial. As fotografias eram tomadas em um gabinete precisamente montado para este fim: a cadeira era deliberadamente desconfortável, forçando o fotografado e permanecer ereto e voltado para a frente. A câmera era acoplada a um dispositivo que permitia a rotação em 180º, possibilitando a tomada de imagens no plano frontal e de perfil. (FABRIS, op. cit., p. 32)

¹⁵ Alphonse Bertillon (1853 - 1914) foi um criminologista francês, chefe de identificação da polícia de Paris e estudioso da antropologia, fotografia e estatística. Parte de seu método de identificação fotográfica de criminosos ainda é utilizado em vários países, embora tenha sido substituído quase totalmente pela datiloscopia. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Alphonse-Bertillon>

¹⁶ Sir Francis Galton (1822 - 1911) foi um antropólogo inglês e entusiasta da eugenia. Após a publicação de *A Origem das Espécies*, por Charles Darwin, passou a realizar pesquisas relacionadas aos tipos humanos e diferentes raças, sendo professor do laboratório de biométricas e estudos de eugenia da Universidade de Londres. Cf. <https://galton.org/biography/biography.html>

Esses retratos, que visavam a representação do *criminoso*, tanto de frente como de perfil, encontravam fundamentação nos estudos da frenologia e da craniometria, muito célebres na segunda metade do século XIX, e que buscavam identificar tipos e classificar grupos humanos a partir do formato do crânio, das feições faciais e do tamanho de ossos como mandíbula, frontal e temporal. As fotografias realizadas por Bertillon eram associadas a uma descrição das características antropométricas do indivíduo e a notas padronizadas que, juntas, formavam uma ficha (SEKULA, 1999, p. 353). Esse material era arquivado dentro de um sistema lógico organizado ao redor dos traços antropométricos mais identificados. Sekula afirma que o arquivo de Bertillon funcionava:

[...] como uma complexa máquina biográfica que, presumidamente, produzia resultados simples e inequívocos. Ele procurava identificar infratores reincidentes, isto é, criminosos que eram passíveis de serem considerados 'habituais' ou 'profissionais' em seu comportamento desviante. (Ibidem, p. 357,)¹⁷

As imagens fotográficas vão ganhando o estatuto de aparato de controle, judicialmente utilizadas em delegacias e como instrumento de classificação de criminosos e, cientificamente, utilizadas pelas ciências sociais na classificação do corpo, das raças e dos tipos humanos, entre eles o *tipo criminoso*. Enquanto isso, funcionavam também como signos de status e poder da classe dominante, através de retratos finamente preparados e usados para eternizar momentos, presentear familiares e amigos, e para compor as colunas sociais dos periódicos da época. Essa dicotomia será apontada por Alan Sekulla como um “[...] sistema de representação capaz de funcionar tanto honorificamente, como repressivamente.¹⁸” (Ibidem, p. 345)

A busca por esse *tipo criminoso* era um reflexo dos estudos estatísticos de Adolphe Quételet¹⁹ na tentativa de determinar o *homem médio*, um conjunto de dados que formavam a média dos tipos humanos. As pesquisas de Quételet

¹⁷ “... as a complex biographical machine that produced presumably simple and unambiguous results. He sought to identify repeat offenders, that is, criminals who were liable to be considered 'habitual' or 'professional' in their deviant behavior.”

¹⁸ “...a system of representation capable of functioning both honorifically and repressively.”

¹⁹ Lambert Adolphe Jacques Quételet (1796-1874) foi um matemático e estatístico belga. Realizou estudos estatísticos para os governos da Bélgica e Países Baixos, em que analisou dados de criminalidade, mortalidade, nascimentos, distribuição etária etc. Publicou trabalhos nos campos da antropologia e sociologia, com ênfase nos estudos de raça e gênero. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Adolphe-Quetelet>

influenciaram enormemente o trabalho fotográfico desenvolvido por Bertillon e seu arquivo do tipo criminoso. Enquanto o retrato burguês caracteriza-se pela qualidade de distinguir socialmente o retratado, o retrato do criminoso buscava ressaltar os elementos comuns, medianos, para formar um indivíduo médio indistinto. A sinalética, como ficou conhecido o método de Bertillon é, para Annateresa Fabris,

[...] mais e menos que um retrato: menos porque, enquanto instrumento de controle social, não permite o acesso à 'verdade íntima' do sujeito; mais, porque inscreve no próprio código de figuração todos os preconceitos e os efeitos de poder inerentes a seu uso. (FABRIS, op. cit., p. 35.)

Já Francis Galton realizava experimentos na tentativa de obter a imagem visual definitiva do tipo criminoso médio. Para isso, Galton empregou um método que chamou de imagem compósita. Nela, o cientista sobrepunha retratos de vários infratores e gerava uma imagem a partir da superposição das anteriores. Assim, buscava poder replicar os traços fisionômicos que mais se repetiam, formando uma montagem sintética, ao mesmo tempo artificial e real (Ibidem, p. 34). As tentativas de Galton, através de seu aparato compósito, mesclavam o trabalho estatístico difundido por Quételet com um interesse pelo registro visual da norma e do desvio social, próprios do pensamento científico daquele período.

Como já dissemos, as fotografias judiciais estavam associadas a indivíduos classificados como indesejáveis, ou de grupos que eram encarados como tendo elevada inclinação para o crime. Não é necessário ir longe para compreender quais grupos e sujeitos estavam enquadrados nessas características: nas fotografias, tanto de Bertillon como de Galton, abundavam negros, asiáticos e pessoas do oriente médio – imigrantes em maioria - além de grupos étnicos como os ciganos.

O historiador da arte e da fotografia, John Tagg, aponta que o retrato fotográfico passa a operar um poder de controle social, estabelecido pela sua capacidade de representação dinâmica e hierarquização dos corpos representados, e assevera: “Como o Estado, a câmera nunca é neutra.” (TAGG, 1999, p. 246,)²⁰. Para ele, o estudo da fotografia extrapola o fluxo convencional da história da arte, e se encontra nos espaços de controle dos estados

²⁰ “Like the state, the camera is never neutral.”

modernos. Essa noção nos parece apropriada ao considerarmos que a fotografia como elemento de controle e poder, se fará presente nas instituições notadamente com essa característica: a delegacia, a prisão, o hospital, o manicômio etc.

Tagg aponta, ainda, que o surgimento da fotografia coincide com o surgimento da estrutura policial moderna, e ambos se desenvolveram em conjunto. Essa relação demonstra que a fotografia foi assimilada pela sociedade burguesa industrial e, desde 1840, a polícia inglesa empregava fotógrafos civis em suas unidades (Ibidem, p. 252.). É nesse ambiente judicial que a acumulação de registros fotográficos irá se tornar uma nova forma de representação da sociedade:

O que nós temos nessa imagem padronizada é mais do que a fotografia de um criminoso. É o retrato de um produto do método disciplinar: o corpo feito em objeto; dividido e estudado; trancado em uma estrutura espacial de celas cuja arquitetura é o índice; feito dócil e forçado a se render à verdade; separado e individualizado; subjugado e feito sujeito [de estudo]. Quando acumuladas, essas imagens equivalem a uma nova representação da sociedade. (Ibidem, p. 253)²¹

Em Michel Foucault temos que, com o surgimento das repúblicas, o corpo coletivo, a sociedade, precisava ser protegido dos desviantes. Ele afirma que a eugenia, a criminologia e a exclusão dos degenerados, funcionavam como “métodos de assepsia” social (FOUCAULT, 2014, p. 234). O registro fotográfico insere-se nessa complexa estrutura de poder e controle social, que contribui com a construção de um discurso que dá significado aos acontecimentos. Vale destacar que o senso comum propõe que o poder se exerce apenas negativamente ou através da destruição. Contudo, Foucault afirma que o poder produz, inclusive, conhecimento. (Ibidem, p.239.). Dialogando com esse pensamento, John Tagg pondera que o discurso fotográfico produz significados e conhecimento, estando impregnado de relações de poder e associado com um regime de verdade subjacente às práticas da fotografia judicial. (TAGG, 2009, p.

²¹ “What we have in this standardised image is more than a picture of a supposed criminal. It is a portrait of the product of the disciplinary method: the body made object; divided and studied; enclosed in a cellular structure of space whose architecture is the lide-index; made docile and forced to yield up its truth; separated na individuuated; subjected and made subject. When accumulated, such images amount to a new representation of society.”

19 – 21). O autor aponta ainda que a acumulação destes registros fotográficos constitui uma nova máquina disciplinadora, nos moldes apresentados por Foucault, o arquivo²² das fotografias. Ele organiza a nova representação social, materializa a acumulação do trabalho e permite a preservação do registro para o tempo, ambas demandas do capitalismo moderno. (Ibidem, p. 223-224)

Contudo, não foi apenas o campo judicial que fez uso da fotografia como aparato. Em 1862 o médico francês Duchenne de Boulogne produziu, com auxílio de seu fotógrafo, um álbum singular no uso da fotografia pela medicina: em “Mecanismos da Fisionomia Humana ou Análise Eletrofisiológica da Expressão de Emoção” um conjunto de fotografias mostravam o médico estimulando com pequenos choques elétricos o rosto de pacientes que reagiam com diversas expressões em sua fisionomia. Boulogne era um estudioso dos músculos da face e, com seu experimento, buscava comprovar algumas de suas teorias sobre funções e reflexos nesta área. (SILVA, 2014, p. 349)

A fisionomia da face não era, contudo, a única representação do corpo que interessava ao campo das ciências médicas na segunda metade do século XIX e primeira do XX. A medicina passa a utilizar a fotografia para estudar e classificar as Patologias que afligiam o corpo humano em crise. Fabris aponta que o olhar estudioso sobre a fisiologia do corpo humano dividia-se entre o espaço das academias de *beaux arts* e o hospital, onde o corpo modelo (da beleza ideal) cedia lugar para o corpo em crise. Ela pondera:

O corpo que interessa ao hospital não é, porém, semelhante ao corpo que desperta atenção na academia. No primeiro caso, a fotografia ajuda a definir uma norma, a diferenciar o sadio do patológico graças ao registro do corpo em crise. (FABRIS, OP. CIT., p. 35)

Também na França, a “Revista Fotográfica dos Hospitais de Paris” trazia fotografias de diversos pacientes e suas Patologias. Com ares de exotividade, as fotografias do jornal incluíam siameses, pessoas com membros extras, infecções purulentas de pele etc. (SILVA, op. cit., p. 351-352). Essas imagens evocavam certa simbologia sobre o corpo humano, uma representação “[...] sobre aflições e sofrimento humano, bem como reflexões sobre mortalidade do corpo.” (CARNEIRO, op. cit., p. 68). Essa representação fotográfica destacava-

²² Móvel de arquivar, gaveteiro, no original *file cabinet*.

se, ainda, pela aproximação com o retrato burguês e seus códigos, pois traziam elementos de pose, cenário e ambientação, próprios daquele retrato. Essa relação, destaca Carneiro, se dá pela “[...] percepção de uma objetividade inerente da imagem mecânica.”. (Ibidem, p. 71)

A fotografia detinha a qualidade da rapidez, da precisão e do registro, pontos importantes para o desenvolvimento da medicina moderna, produzindo dados caracterizados como confiáveis e de fácil acesso pelos estudiosos. Feita dessa forma em documento médico, as fotografias de pacientes seguiam uma lógica de representação dos tipos doentes, agrupando as manifestações em séries que eram estudadas. Outro uso comum, era a fotografia anexada ao prontuário ou ficha do paciente, que contribuía para a identificação, controle e vigilância, tanto da doença, como do doente. Todo esse material deu origem aos arquivos dos hospitais, lazaretos, hospícios, dispensários etc.

Para André Rouillé, uma das primeiras funções da fotografia-documento era justamente a de arquivar: ele diz “Uma das grandes funções da fotografia-documento terá sido a de erigir um novo inventário do real, sob a forma de álbuns e, em seguida, de arquivos.” (RUILLE, op. cit., p. 97). Esse inventário da realidade tinha um interesse em documentar o real em sua totalidade, uma compulsão pelo visível. Sempre produzindo sentido através da acumulação, classificação, arquivamento; reproduzindo as práticas de hierarquização da sociedade que estão ligadas ao surgimento do processo fotográfico. Mas a realidade posta pela imagem fotográfica não é nem melhorada e nem aumentada, como pressupunham os seus adeptos; ela, nas palavras de Rouillé, “Mostra alguma coisa diferente, faz surgir outras evidências, por propor novos procedimentos de investigação e a colocação do real em imagens” (Ibidem, p. 41). Essa nova forma de ver é que determina o nível de realidade que resulta do ato fotográfico. O arquivo fotográfico, esse inventário do visível, portanto, é um extrato tirado a partir do ‘*como vemos*’ o mundo.

A fotografia-documento médica, tal qual a judiciária, tinha relação com a função nova que o hospital, enquanto espaço do Estado, adquire no contexto da sociedade moderna. Segundo Foucault, até o século XVII o hospital era mais um “morredouro” (FOUCAULT, op cit., p. 175), dedicado a afastar os pobres moribundos do convívio social, dando-lhes um conforto e caridade nos

momentos finais. Essa situação muda no século XVIII, quando as experiências dos hospitais militares e marítimos, ambientes de grande disciplina e controle, passam a ser, de algum modo, replicadas para outras instituições. O hospital então, diz Foucault, ganha o espaço de lugar da terapêutica, de controle do meio, de individualização do tratamento. Essa nova perspectiva vai interessar diretamente aos arquitetos, que precisam elaborar e construir espaços pensados para essa nova função, refletindo a necessidade de controle sobre os indivíduos ali albergados e sobre o meio em que se encontram. (Idem, p. 185-186)

Para fotografia, essa transformação em espaço da terapêutica, significa que novos inventários da realidade precisam ser gerados. Não basta apenas fotografar e organizar por tipos os indivíduos, é preciso criar um catálogo de moléstias e da progressão para a cura. A fotografia vai registrar o andamento da recuperação e da melhora do paciente.

No final do século XIX, a fotografia já era amplamente empregada na medicina, em especial nas publicações especializadas. João José Clode ressalta que, embora a psiquiatria e a neurologia tenham sido as pioneiras no uso da fotografia, no final do século publicações de otorrinolaringologia, dermatologia e microscopia já faziam farto uso da imagem (CLODE, 2010) e que na virada do século, Roëtgen²³ descobre o Raio-X, iniciando um novo momento na história fotográfica da medicina: “A imagem passou a poder mostrar o que até aí era invisível – a imagem dos corpos opacos. Deixou de ser necessário abrir para poder ver dentro do corpo humano.”. (Ibidem, p. 14)

No Brasil, Silva destaca que o uso da fotografia pela medicina pode ser observado a partir de 1890, embora registros anteriores possam ter se perdido. As revistas científicas são o maior repositório deste material no país, sendo responsáveis pela preservação de parte da história médico-científica nacional (SILVA, op. cit., p.353). O autor aponta que na primeira metade do século XX as fotografias médicas se popularizam e que um determinado estilo passa a ser empregado na maioria dos registros. Nele, o corpo doente, ereto e nu, registrado na sua totalidade, será o modelo adotado no país (Ibidem, p. 357). Nesse caso,

²³ Wilhelm Conrad Röntgen (1845 – 1923) físico alemão que identificou a radiação de ondas X. Pela sua descoberta recebeu o primeiro prêmio Nobel de Física, em 1901.

o autor destaca que a fotografia médica encontrava nos grupos sociais menos privilegiados, os modelos para esse procedimento fotográfico. Ele diz:

O lugar social do cientista, especialmente em se tratando de médicos, opera como condição legitimadora de suas ações e de seus enunciados. A sociedade lhes confere essa prerrogativa. Quando se trata de pacientes, de seres humanos diante de uma lente, o registro fotográfico deixa de ser mera captação passiva dos traços da natureza para ser um ato objetivo de imposição de valores e de vontades. Não teria a medicina avançado tanto, não fosse a colaboração resignada de tantos 'corpos' que se deixaram tocar, abrir, invadir, subtrair, fotografar. (Ibidem, p. 359)

O estudo de fotografias médico-científicas deve, portanto, considerar os estatutos sociais vigentes, compreendendo os sujeitos que participam do processo fotográfico (seja como cientista, fotógrafo ou modelo) e as relações subjetivas representadas no discurso das imagens. Em que pese o caráter objetivo que os registros científicos possuíam, essa sedução pela objetividade atribuída sempre deve ser considerada a partir da subjetividade inerente de toda ação humanamente mediada. Esses registros, tidos como reflexos do real, são, em verdade, reflexos da organização social constituída no desenvolvimento da sociedade moderna industrial. Frutos de uma ação intencional, caracterizados como documentos da realidade e registro do *ethos* de um tempo, servindo ora como aparato de controle de grupos marginalizados, ora como elemento honorífico da classe burguesa.

1.3 – A fotografia nas entranhas da Patologia

“Os legistas são os únicos médicos que sabem de tudo. Infelizmente, só quando é tarde demais.” (Jô Soares)²⁴

A matéria da Patologia médica rapidamente se tornou uma disciplina essencial para a formação do médico oitocentista. (BESSER, p. 8) O estudo das manifestações das doenças nos tecidos e órgãos era fundamental para o entendimento da evolução clínica das moléstias e para traçar tratamentos que visavam salvar o paciente da morte. A anatomia patológica se encarregava de estudar macro e microscopicamente elementos do corpo humano com objetivo de entender o funcionamento das doenças no corpo e suas sequelas na saúde

²⁴ Trecho do romance “O Xangô de Baker Street”, de Jô Soares.

do paciente. Para isso, eram retiradas peças cirúrgicas, fragmentos ou pedaços de órgãos e tecidos, que eram submetidos a análises pelos patologistas. Contudo, quando a morte chegava para os enfermos, a Patologia se encarregava das autópsias, que durante séculos foram encaradas como tabu social e religioso, mas que forneciam elementos significativos das horas finais dos pacientes, funcionando como a peça que faltava em um quebra-cabeças. Ao encarar uma autópsia como investigação científica, a Patologia, de acordo com Gulczynski et. al.:

[...] permitiu correlacionar os achados post mortem no corpo, incluindo órgãos afetados, com o histórico médico do paciente, os sintomas e distúrbios funcionais. A história da autópsia revela como a observação e a interpretação dependem da atitude em relação à morte e aos mortos. (GULCZYNSKI et. al., 2010, p. 169)²⁵

Foi o médico francês Xavier Bichat²⁶, ainda no século XVIII, e sem a microscopia, que consolidou o conjunto de conhecimentos que vinham sendo elaborados desde o século XVI. Em suas obras, sendo a última e póstuma *Anatomie Générale, Appliquée à la Physiologie et à la Médecine*, um marco para o estudo da anatomia humana, Bichat identificou 21 tecidos do corpo humano apenas através de estudos em autópsias, e realizou outras diversas observações relativas ao funcionamento dos sistemas corporais. (Ibidem, p. 172). Ainda que seu trabalho fosse dotado de lacunas próprias do conhecimento da época, o médico francês proporcionou à pesquisa médica o esteio necessário para seguir com as investigações, amparadas pelos avanços tecnológicos e industriais que seriam feitos no século XIX.

GULCZYNSKI et. al caracterizam a segunda metade do século XIX como a “[...] era de ouro da autópsia e da anatomopatologia” (Ibidem, p. 173)²⁷, com o surgimento de vários departamentos de Patologia em universidades e hospitais

²⁵ “...allowed to correlate the post mortem findings in body including affected organs with the medical history of the patient, the symptoms and functional disorders. The history of autopsy reveals how observation and interpretation depend on the attitude toward death and the dead.”

²⁶ M. François Xavier Bichat (1771-1802), médico e anatomista francês. Cf.: http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/m_francois.htm

²⁷ “...being the golden age for autopsy and anatomopathology.”

e com a publicação de trabalhos do polonês Virchow²⁸, conhecido como o *pai da Patologia*. Ele sedimentou o uso da microscopia no estudo dos tecidos, revolucionando o entendimento das características celulares, além de ter aprimorado as técnicas de autópsia, tendo um método de secção cerebral batizado com seu nome.

Virchow era também um entusiasta da coleta de material anatomopatológico²⁹, sua coleção deu origem a um museu da anatomia, aberto por ele, que contava com grande quantidade de peças. Após assumir a cadeira de Anatomia no hospital Charité, em Berlim, a coleção foi sendo institucionalizada, e o museu passou a incorporar espécimes recolhidos nos trabalhos do hospital. Com a morte do patologista, o museu funcionou com períodos de interrupção por conta das guerras e crises políticas, e hoje é uma das instituições de referência no campo da anatomia patológica.

Os museus de Patologia, Anatomia e Fisiologia³⁰, se multiplicaram nesse período, junto com os conhecimentos do campo da Patologia. As coleções eram feitas a partir de material coletado, principalmente em autópsias, sempre priorizando exemplares que contivessem os elementos singulares de uma determinada doença ou condição. Casos raros, exóticos e pouco conhecidos também eram considerados como dignos de compor as coleções de espécimes, como era o caso da Coleção de Medicina Perinatal de Göttingen, na Alemanha, formada a partir de “[...] todo material interessante ou extraordinário” (TRÖHLER, 1993, p. 349) encontrado na prática clínica dos obstetras responsáveis. Nesta coleção, além dos espécimes ditos úmidos (aqueles preservados em meio líquido), também foram incorporados ossos e uma grande quantidade de objetos usados na prática da obstetrícia, como fórceps, cadeiras e camas de parir, lâminas de cirurgia etc.

Ao analisar o Museu de Anatomia de Wistar, Simon Baatz destaca que os museus de anatomia tinham as mesmas origens que outros museus científicos, como os de Paleontologia, Zoologia e Botânica, ligados a instituições de

²⁸ Rudolf Virchow (1821-1902) médico e patologista, pioneiro no campo da anatomia patológica. Foi reitor da Universidade de Berlim e criador do Museu Patológico de Berlim. Cf.: <https://www.bmm-charite.de/biography-of-rudolf-virchow.html>

²⁹ Órgãos e tecidos, ou suas partes, retirados durante procedimentos cirúrgicos ou autópsias.

³⁰ Estudo do funcionamento do corpo humano

educação e ciência, contribuindo para o prestígio da universidade, complementando as aulas e servindo de substrato para pesquisas (BAATZ, 1993, p. 449). Essas coleções, na maior parte das vezes, eram fruto dos trabalhos dentro da própria universidade (pesquisas de campo, no caso das ciências naturais, e atendimento em hospitais universitários, no caso das coleções de anatomia patológica), sendo um reflexo das ações das instituições nos seus campos de estudo e pesquisa.

Para esses museus de anatomia universitários, a função de estudo era especialmente importante, uma vez que eram escassos os recursos visuais relacionados a etiologia de diversas manifestações clínicas, sendo a peça anatômica um elemento fundamental para o compartilhamento do conhecimento científico do período. Baatz destaca que muitos exemplares das coleções desta época eram originalmente pessoais, mantidos pelos professores com ajuda dos pupilos, sendo incorporadas aos acervos institucionais após a morte dos titulares (Ibidem, p. 450). Essa prática mostra a ligação entre os pesquisadores e alunos com o exercício da coleta e da manutenção destes museus de anatomia. Nos parece que a vontade pessoal estava atrelada à vocação e disponibilidade das instituições para criarem coleções deste tipo.

Em que pese o caráter acadêmico destes museus, Ana Delicado e Cristiana Bastos apontam que muitas dessas instituições estavam abertas ao público, contribuindo para a popularização dos estudos sobre a anatomia humana e das doenças descobertas no século XIX. As autoras salientam que esses museus “[...] exercem uma atração especial sobre o público, ao serem associados a medos instintivos [...], a temas fascinantes, mas tabu [...] e a uma multiplicidade de áreas.” (DELICADO; BASTOS, 2014, p. 28). Assim como os teatros de operação, os museus de patologia atraíam grande curiosidade do público. Em algumas instituições, a visitação era franqueada ao público leigo.

Dado o papel que a Patologia passa a ter dentro da prática e do estudo médico no século XIX, podemos afirmar que, assim como nas outras disciplinas médicas, a fotografia também estará presente na morgue. O encontro da câmara escura com a câmara fria é norteado pelos mesmos princípios que vimos até aqui estabelecendo: o apelo que a imagem-máquina possui em relação a objetividade, as suas características modernas, que aqui já elencamos, e a

crença no valor documentário da fotografia. Contudo, a fotografia anatomopatológica difere do retrato do corpo em crise, na medida em que possui a qualidade de imagem que chamaremos *ultra foco*. Trata-se de fotografias em que o exemplar fotografado é isolado de qualquer contexto, restando pouco ou nada de elementos que não sejam o espécime em destaque.

O *corpus* empírico do estudo anatomopatológico, isto é, o fragmento de corpo humano ali diante da câmera do fotógrafo, reina quase absoluto, destacado de todo o resto, isento de qualquer elemento que seja estranho à sua função objetivamente proposta: uma peça anatômica de estudo. Seu registro dava a ver a peça por inteiro apresentando, depois, os cortes e secções que permitiram o estudo mais aprofundado de determinadas questões.

Um livro clássico sobre fotografias na área médica, *Le Photographie Medicale*³¹, de Albert Londe, fotógrafo de maior renome no campo da fotografia médica do século XIX, traz importantes apontamentos sobre o uso da câmera na fotografia de exemplares anatômicos. Londe trabalhou com o médico e professor *monsieur Charcot*³² (Figura 1), pioneiro na Psiquiatria e Neurologia, responsável pelos estudos neurológicos da Síndrome de Tourette e do Mal de Parkinson, nomeados assim por ele em homenagem a amigos pesquisadores. Na obra de Albert Londe, podemos verificar o capítulo “fotografias após a morte”, em que diversas instruções de caráter técnico são apresentadas a fim de produzir o melhor resultado fotográfico, a partir de peças anatômicas ou mesmo de cadáveres na mesa de autópsia. Londe assente que

Quando a doença tem um resultado fatal, o papel do médico ainda não terminou: é ainda necessária uma autópsia do sujeito; ele terá de isolar os órgãos afetados e preservá-los a fim de os estudar mais tarde. A fotografia não lhe é menos útil do que anteriormente, para observar o aspecto externo das peças que devem ser submetidas a preparações ou dilacerações antes de serem submetidas a um exame mais delicado. (LONDE, 1893, p.136)³³

³¹ Aqui cabe destacar que o exemplar consultado faz parte da biblioteca de História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, tendo sido adquirido nos primórdios do Instituto de Manguinhos e tendo pertencido à coleção do patrono Oswaldo Cruz.

³² Jean-Martins Charcot (1825-1893) - Fundador da neurologia clínica e entusiasta da hipnose no tratamento das desordens mentais. Dirigiu o hospício de Salpêtrière, onde lecionou para vários alunos, entre eles, Sigmund Freud.

³³ “Lorsque la maladie a une terminaison fatale, le rôle du médecin n’est pas terminé: l’autopsie du sujet est quelquefois nécessaire; il devra en effet isoler les organes atteints et les conserver



Figura 1 – Retrato de Jean-Martin Charcot s/d. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Fundo IOC

Ainda na introdução de seu livro, o fotógrafo especializado em fotografia médica faz um grande balanço da aplicação da fotografia à medicina até então. Nele, Londe relata o pioneirismo de diversos médicos e fotógrafos, incluindo Douchenne de Boulogne que, trabalhando juntos, permitiram o avanço em conjunto de suas duas ciências: a medicina e a fotografia. O autor ainda estabelece seu laboratório como um modelo para outros trabalhos semelhantes. No texto ele diz:

A fotografia é uma ciência relativamente jovem: foi em 1889 que se comemorou o cinquentenário da sua descoberta. Os seus inícios, como os de todas as novas invenções, foram difíceis; os seus métodos eram incompletos, os seus procedimentos muito delicados, os seus resultados problemáticos a preservar. Os papéis desempenhados nos progressos recentes por estas duas classes de trabalhadores têm sido consideráveis, e pode-se dizer sem hesitação que o seu papel no desenvolvimento da fotografia tem sido bastante preponderante.

A introdução oficial da fotografia nos serviços hospitalares data do ano de 1878. Foi graças à iniciativa do Professor Charcot que a Assistência Pública de Paris criou nessa altura o serviço fotográfico do Salpêtrière.

[...] Desde 1882, tem estado sob a nossa direção e é graças à nossa iniciativa que o processo de brometo de gelatina e prata, cuja maravilhosa sensibilidade é tão apreciada, se tornou em uso diário e substituiu o processo de colódio úmido. (Ibidem, p.1-2)³⁴

afin de les étudier ultérieurement. La Photographie ne lui sera pas moins utile que précédemment, pour noter l'aspect extérieur de pièces qui doivent subir des préparations ou des dilacérations avant d'être soumises à un examen plus délicat."

³⁴ "La Photographie est une science relativement jeune: c'est en 1889 qu'on a célébré le cinquantenaire de sa découverte. Ses débuts, comme ceux de toutes les inventions nouvelles,

É relevante perceber, no texto de Londe, que o fotógrafo especializado em fotografia médica, para ele, não é apenas o operador de uma máquina, mas um estudioso dedicado a uma ciência que está em pleno desenvolvimento, tal qual o médico em relação à medicina. É também singular perceber, na fala de Londe, que os médicos também são responsáveis pelo desenvolvimento da fotografia médica. Essa noção de construção conjunta fica clara ao escrever que eles têm feito todos os esforços no sentido de manter seu conhecimento da fotografia atualizado, e que “[...] embora os fundos colocados à nossa disposição devam ser muito modestos, o laboratório de M. Charcot é citado em toda a França e no estrangeiro como um modelo do seu gênero.” (Ibidem, p. 2) e segue:

A criação devida a M. Charcot preenche uma necessidade real, e não há dúvida de que os médicos terão cada vez mais o hábito de recorrer a uma ajuda tão valiosa como a fotografia. O exemplo dado pelo nosso mestre foi seguido por todos os lados. Foi assim que o falecido Professor Damaschino tinha montado um laboratório semelhante no Hospital Laennec. Também tinha uma notável coleção de fotografias de pacientes e reproduções micrográficas relacionadas com anatomia patológica. Estes belos documentos foram por ele legados ao Museu de la Salpêtrière, onde se encontram atualmente. No Bicêtre, M. D'Bourneville tem um departamento muito bem instalado no qual está encarregado de estudos sobre os loucos, os idiotas e os degenerados. O Dr. Féré está também a prosseguir com sucesso a mesma investigação. (Ibidem, p.2)³⁵

É possível verificar que os laboratórios fotográficos, embora operados por fotógrafos, estão diretamente associados ao pioneirismo dos médicos, e que o trabalho clínico e de pesquisa destes está imbricado com a produção fotográfica.

ont été difficiles; ses méthodes étaient incomplètes, ses procédés très délicats, ses résultats d'une conservation problématique. Mais peu à peu elle s'est perfectionnée, elle est sortie des mains du photographe de profession pour passer concurremment dans celles des amateurs et des savants. La part prise dans les progrès récents par ces deux classes de travailleurs a été considérable et l'on peut dire sans hésitation que leur rôle dans le développement de la Photographie a été tout à fait prépondérant. L'entrée officielle de la Photographie dans les services hospitaliers date de 1^{ère} année 1878. C'est grâce à l'initiative de M. le professeur Charcot que l'Assistance publique de Paris créa à cette époque le Service photographique de la Salpêtrière. Depuis 1882, il est sous notre direction et c'est grâce à notre initiative que le procédé au gélatinobromure d'argent, dont la sensibilité merveilleuse est si précieuse, y est devenu d'un usage quotidien et a remplacé complètement le procédé au collodion humide.”

³⁵ “L'exemple donné par notre maître a du reste été suivi de tous côtés. C'est ainsi que le regretté professeur Damaschino avait installé à l'hôpital Laennec un laboratoire analogue. Il a laissé du reste de remarquables collections de clichés de malades et de reproductions micrographiques ayant trait à l'anatomie pathologique. Ces beaux documents ont été légués par lui au Musée de la Salpêtrière où ils se trouvent actuellement. A JBicêtre, M. le D' Bourneville a un service très bien installé dans lequel il s'occupe des études concernant les aliénés, les idiots et les dégénérés. M. le Dr Féré poursuit également avec succès les mêmes recherches.”

Contudo, está claro que toda a operação técnica da fotografia repousa sobre os fotógrafos, assim podemos notar claramente instruções de caráter técnico quando Londe dá o passo a passo para realizar fotografias de peças anatômicas.

Nestas instruções, o fotógrafo de Charcot especifica procedimentos a serem adotados em diferentes situações e visando distintos resultados. Por exemplo, se o contorno de um exemplar deve estar bem destacado na imagem, o objeto deve ser colocado “[...] ou numa lâmina de vidro ou numa taça de vidro, e por baixo, a 45°, um cartão branco ou de uma cor adequada para dar um fundo do ângulo desejado.” (Ibidem, p. 139)³⁶. Para fotografias do cérebro, deve se considerar fotografar antes de qualquer ação de fixação, para que as características do tecido mole possam ser registradas. Caso o órgão precise ser seccionado, cada fatia deve ser fotografada em ordem sucessiva, a fim de mostrar o processo completo. Ainda diz:

Para espécimes anatômicos frescos, é sempre aconselhável que sejam transportados para o estúdio fotográfico. As dificuldades encontradas na sua reprodução devem-se à suavidade dos tecidos, que flamejam, à sua coloração e aos reflexos que emitem. (Ibidem, p. 137)³⁷

As orientações transmitidas buscam realizar o trabalho que aqui chamamos de *ultra foco*, fazendo a fotografia de peças anatômicas sujeita à ordem da semelhança, pela qual a foto recebe o valor de ícone. Ao guardar alto grau de semelhança com seu ente de referência, o estudo da matéria corporal pode ser empregado pela foto, que faz o lugar de peça no trabalho científico. O próprio autor elabora essa noção ao escrever:

O médico será assim levado a fotografar, no decurso da autópsia, as várias lesões que lhe interessam: desta forma preservará documentos autênticos e duradouros, enquanto os tecidos que está a examinar estão destinados a desaparecer rapidamente. (Ibidem, p. 6, grifo nosso)³⁸

O livro de Londe é uma grande fonte para verificarmos o pensamento e a prática da fotografia médica e patológica no século XIX. Outros trabalhos, ainda

³⁶ “...une lame de verre, soit dans une cuvette de verre, et l’on placera par-dessous, à 45°, un carton soit blanc soit de couleur appropriée pour donner un fond de la valeur désirée.”

³⁷ “En ce qui concerne les pièces anatomiques fraîches, il y aura toujours avantage à les faire transporter dans l’atelier photographique. Les difficultés que l’on rencontre dans leur reproduction tiennent à la mollesse des tissus qui s’affaissent, à leur coloration et aux reflets qu’elles émettent.”

³⁸ “Le médecin sera donc amené au cours de l’autopsie à photographier les diverses lésions qui l’intéressent: il conservera ainsi des documents authentiques et durables alors que les tissus qu’il examine sont destinés à disparaître promptement.”

que menos expressivos, existem, principalmente na França e Alemanha. Um dos fotógrafos que Londe cita é o colega A. L. Donnadiou, que em c.1901 publicou seu livro *Le Photographie des Objets Immergés* com um capítulo dedicado às peças anatômicas. Nele, o fotógrafo francês orienta o trabalho da equipe de fotografia deste tipo de material, e diz que o fotógrafo deve interferir muito pouco na peça que será fotografada, o resultado da imagem depende do trabalho do patologista que irá coletar o espécime, sendo o resultado diretamente relacionado com a qualidade do material anatômico. Ele aponta:

O anatomista não deve esquecer que a objetiva reproduz muito precisamente tudo o que lhe é apresentada e que, conseqüentemente, é necessário apresentar-lhe, sob pena de defeitos na prova, um modelo corretamente estabelecido. Um órgão talhado ou mal cortado não é reparado pelo sistema óptico que o inscreve na placa sensível. O que o lápis de um desenhista pode fazer, a lente não pode, e a imagem resultará no vestígio, por vezes indelével, do acidente. Digo por vezes, porque ainda é possível, em muitos casos onde não é grave, reparar a falha na placa, mas esta não é a regra geral e é certamente melhor tentar reparar a peça em si. (DONNADIEU, c.1901, p.159-160)³⁹

Podemos notar a crença na precisão da imagem fotográfica, portadora de uma verdade que não pode ser disfarçada ou alterada. Ela está submetida ao regime documentário, conforme nos aponta Rouillé, sendo um duplo do objeto que outrora esteve na frente da câmera, logo, creditada como dotada de extrema confiança. Donnadiou ainda aponta que, diferente do trabalho de um desenhista, a fotografia não admite alterações significativas no que irá mostrar. Essa afirmação nos remete ao ponto aqui já discutido: a crença moderna de que enquanto o artista apropria-se da realidade para transcender o real e apresentar sua interpretação da realidade (o desenho, a pintura), o fotógrafo interfere muito pouco (ou nada) no processo mecânico de apropriação (captura, tomada) da realidade que a máquina faz. O resultado de seu trabalho é uma imagem-documento que não pode esconder a verdade.

³⁹ “L’anatomiste ne doit pas oublier que l’objectif reproduit très exactement tout ce qu’on lui presente et qu’em conséquence il faut lui présenter, sous peine de défauts dans l’épreuve, un modele correctement établi. Um organe entamé ou coupé maladroitement n’est pas raccommodé par le système optique qui l’inscrit sur la plaque sensible. Ce que peut le crayon d’un dessinauter l’objectif ne le peut pas, et l’image conservera la trace, parfois indécébile, de l’accident. J edis parfois, cari l est encore possible, dans bien des caso ù ce n’est pas grave, de réparer la faute sur le cliché, mais cela n’est pas la généralité et mieux vaut certainement essayer de réparer la pièce ele-même”

O livro de Donnadieu é ricamente ilustrado com imagens fotográficas exemplificando as orientações passadas pelo fotógrafo. Na imagem abaixo podemos verificar parte dissecada de um bicho-da-seda.

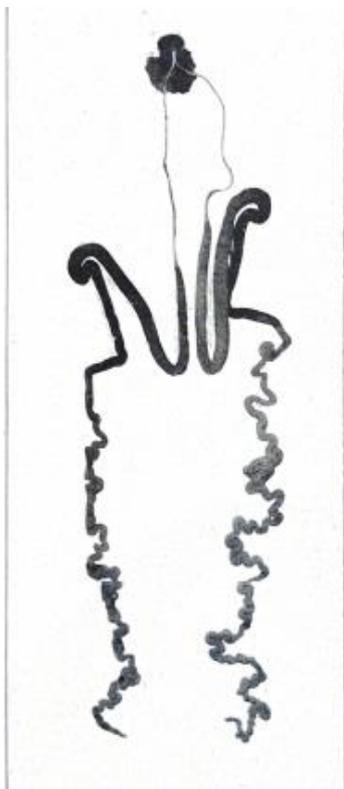


Figura 2 - Reprodução de DONNADIEU, op. cit., p. 163.

O autor dá explicações sobre a imagem, dando detalhes de como a peça foi preparada para o momento do clique:

A figura 35 é a de um aparelho isolado; o aparelho sericida do bicho-da-seda que, após ter sido dissecado e extraído do corpo da lagarta, foi espalhado na sua posição normal, todo o conjunto flutuando livremente e tendo mantido esta posição por si só. A peça está sobre um fundo branco. (Ibidem, p.164)⁴⁰

Em outro trecho de seu trabalho, o fotógrafo apresenta outras técnicas para realizar o melhor trabalho. Ao tratar de imagens de vasos sanguíneos ele pondera que, se o vaso sanguíneo tiver sido seccionado, “[...] as duas extremidades serão ligadas por uma vara de madeira ou por um molde de cortiça feito de acordo com as especificações do vaso.” (Ibidem, p. 160)⁴¹. Na

⁴⁰ “La figure 35 est celle d’un appareil isole; l’appareil séricigène du ver à soie qui, après avoir été dissequé et extrait du corps de la chenille, a été étalé dans sa position normale, le tout flottant librement et ayant conserve, par lui-même, cette position. La pièce est enlevée sur fond blanc”

⁴¹ “... reliera les deux extrés par une buchette de bois ou par un moule de Liège fait à la demande du vaisseau,”

necessidade de recompor pequena massa orgânica perdida, o autor diz que se pode fazer um preparado de cera branca e sebo que, misturados com pigmentos, permitem que os órgãos danificados podem ser reparados muito facilmente com esta pasta, que pode ser utilizada por qualquer pessoa para o melhor efeito. Um golpe de lápis no negativo pode então aperfeiçoar a reparação. (Ibidem, p. 161-162)

Esses procedimentos visavam a preparação do espécime para que pudesse ser fotografado, reproduzindo, na imagem gerada, uma cópia daquilo que era visto na autópsia, reforçando o valor de documento científico da fotografia, o único, inclusive, digno dos tempos modernos, como aponta o médico-legista norte americano Willian Wadsworth. Em seu livro de técnicas autopsiais, publicado em 1915, ele afirma de modo entusiástico “Que o método fotográfico se torne mais amplamente utilizado no laboratório, clínica e necrotério é mais do que uma esperança, porque é o único método consistente com o progresso.”. (WADSWORTH, 1915, p.555)

Conforme Monique Sicard, a ciência e suas derivações, incluindo a fotografia, são os motores de uma filosofia do progresso pregada desde o anúncio da daguerreotipia (SICARD, 2006, p.116-117). A autora corrobora aquilo que já aqui abordamos, a fotografia estava inserida em um circuito próprio da modernidade industrial, e representava o progresso moral do homem. Em suas palavras: “Este progresso não é apenas econômico, político e social; é também moral.” (Ibidem, p. 117.). Sicard aponta que os médicos anatomistas haviam adquirido uma “iconofobia” em relação aos desenhos de anatomia geral, ocasionada pelo excesso de “[...] rigor dos atlas de anatomia [...]” que levavam o corpo humano a “[...] dizer mais do que aquilo que pode” (Ibidem, p. 103). Na obra magistral de Xavier Bichat, aqui já mencionada, o autor diz sobre a ausência de desenhos: “Que interesse podem ter esses pormenores descritivos exagerados?” (BICHAT *apud* Sicard, op. cit., p. 103). Com a fotografia o excesso não teria lugar, apenas o registro tal qual ele é.

Até aqui podemos resumir que dois processos se associaram à prática da Patologia surgida no século XIX: a formação de coleções de espécimes e a

fotografia anatomopatológica (incluindo a microfotografia⁴², prática fascinante, que não é, contudo, alvo deste estudo que propomos), e nosso próximo passo é questionar a convergência destes dois processos. Em que medida peças de museus de anatomia e Patologia foram fotografadas? Em que pese a existência de imagens desse tipo, não foi possível localizar literatura que trate de imagens de peças de museu, especificamente. Toda a produção técnica dos séculos XIX e XX a que tivemos acesso, refere-se ao processo de fotografar as peças na lida diária da clínica e da pesquisa. Ao consultar diversos catálogos de museus e coleções de anatomia patológica, disponíveis em base de dados e portais de pesquisa, localizamos apenas uma instituição oitocentista que possuía seu material de exibição fotografado.



Figura 3 - Reprodução do catálogo de 1865, p. 56.

⁴² A microfotografia é a técnica utilizada para registrar imagens obtida com uso de diversas lentes de ampliação, captando elementos não visíveis ao olho nu.

O *Army Medical Museum*⁴³ do exército dos Estados Unidos da América possui seis livros de fotografia intitulados “Fotografias de casos cirúrgicos e espécimes”, mandadas tirar pelo curador do museu. Esses álbuns⁴⁴ apresentam fotografias de soldados feridos em batalhas durante a Guerra Civil (1861-1865) entre o norte e o sul daquele país. As imagens dos soldados são acompanhadas de breves relatos escritos narrando a natureza das lesões e as ações tomadas no campo da cirurgia. Além dos retratos dos pacientes, há imagens de peças anatômicas, predominantemente ossos, com lesões semelhantes às relatadas nos retratos. Todo o material possui elementos que possibilitam a identificação das peças, das imagens, dos soldados e dos procedimentos, tais como números, nomes e identificações de posto e graduação.

A criação deste inventário de lesões e peças anatômicas, algumas atreladas à fotografia do paciente que morreu, outras exibidas junto ao projétil que o atingiu causando a lesão, apresentam um caráter marcadamente técnico, possivelmente voltados para o ensino e a pesquisa. Ao fazer a leitura das descrições, é possível perceber o uso de linguajar próprio da medicina, relatando o estado do paciente quando da cirurgia, procedimentos adotados e complicações que surgiram. Destacamos ainda que o museu era diretamente subordinado ao gabinete do cirurgião do exército, logo, sua função era tanto institucional como científica.

Dada as características destes museus e coleções, umbilicalmente ligadas à prática patológica, às descobertas empíricas e ao trabalho de pesquisa institucional, é possível inferir que a produção de material fotográfico estava inserida neste encontro entre museu e clínica, coleção e autópsia. Portanto, a ação documentária do fotógrafo com as peças anatômicas não tinha particularidades em relação àquelas que eram musealizadas. Sem embargo, isso não significa que a produção de material, como os álbuns citados, artigos em material especializado ou mesmo produção de registros fotográficos para

⁴³ Atualmente *National Museum of Health and Medicine*. Cf. <https://medicalmuseum.health.mil/>

⁴⁴ Cf.: <https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Army+Medical+Museum+%28U.S.%29%22>

organização interna de coleções⁴⁵, não demandasse uma ação documentária do fotógrafo, quando solicitada. Mas essa fotografia, embora guarde o mesmo valor objetivo e progressista das imagens no momento da autópsia (conforme ensinado por Londe e Donnadieu), participa de outro momento e de outra intenção. Enquanto a foto da autópsia documenta o objeto de estudo da Patologia, para que seu expectador o encare tal qual encararia o próprio objeto, a fotografia da peça no formol, no suporte, num arranjo de sentidos (a foto do doente, o projétil da lesão), pressupõe o registro da ação médica institucionalizada, musealizada e organizada. Essas duas intenções de fotografar (e de ver) compartilham circuitos e usos, mas também possuem disjunções próprias.

Em que pesem as múltiplas possibilidades de encararmos a produção fotográfica deste período, nos parece apropriado, à luz do conjunto documental do Instituto Oswaldo Cruz, que é objeto deste estudo, situar nosso debate nessas duas intenções em fotografar peças anatômicas – no trabalho diário do laboratório e da peça institucionalizada de museu -, a fim de refletir sobre elas ao olharmos para as fotografias que compõem o corpo empírico de nosso estudo.

⁴⁵ Conforme apontado por CARVALHO e LIMA, 2000, p.26: “De início é importante que se tenha em mente o lugar tradicionalmente ocupado pela fotografia nos museus. Seu uso era sobretudo instrumental, vinculado a documentação de acervos para fins de controle, catalogação, conservação, pesquisa de campo ou recurso expositivo.”. Cf.: CARVALHO, Vania Carneiro de e LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias como objeto de coleção e de conhecimento: por uma relação solidária entre pesquisa e sistema documental. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 32, p. 15-32, 2000

CAPÍTULO 2 – FÉ ETERNA NA CIÊNCIA: PRODUÇÃO CIENTÍFICA E FOTOGRÁFICA

Neste capítulo apresentamos o resultado das pesquisas em bibliografia especializada e em fontes primárias constituídas por documentos de arquivo de ordem institucional do Instituto Oswaldo Cruz. A função desta abordagem é construir um quadro que nos permita melhor compreender o contexto no qual ocorreu a produção e a acumulação de material fotográfico no âmbito da instituição.

Trata-se, portanto, de um exercício que visa recuperar dados sobre as circunstâncias de produção de imagens dentro do Instituto Oswaldo Cruz, nas primeiras décadas do século XX. Ao realizarmos esta investigação, buscamos subsídios que nos permitam compreender os usos que o conjunto fotográfico, objeto deste estudo, recebeu por parte de seus produtores

Na primeira parte será apresentada a história da formação da instituição e seus principais atores, responsáveis por conduzir o processo de criação das estruturas organizacionais que vão gerar documentação de arquivo.

Nos três pontos seguintes analisamos, a produção de fotografias e de peças anatômicas, para restabelecer os vínculos entre a produção científica e a fotográfica.

2.1 Discípulos de Pasteur, discípulos de Oswaldo Cruz

“Glória serena à Oswaldo Cruz! O Microscópio era seu guia: em hora efêmera, colhia eternos séculos de luz...” (Hino a Oswaldo Cruz)⁴⁶

A atual Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), subordinada ao Ministério da Saúde, tem sua origem no Instituto Soroterápico Federal, em 1900, iniciativa

⁴⁶ Trecho do Hino a Oswaldo Cruz. Ver Anexo A.

do Barão de Pedro Afonso⁴⁷, que já havia criado o Instituto Vacínico Municipal⁴⁸, em 1894. Sua criação visava combater a chegada da peste ao porto do Rio de Janeiro, então capital federal. A doença já havia sido identificada no porto de Santos, onde um laboratório bacteriológico (hoje o Instituto Butantã) empreendia esforços no sentido de frear o avanço da doença, através de medidas sanitárias e com a produção do soro antipestoso. (BENCHIMOL, 2020, p. 57-58)

Inicialmente ligado à prefeitura do Distrito Federal, o laboratório criado por Pedro Afonso foi encampado pelo governo federal, após problemas de financiamento junto à municipalidade. Para seu funcionamento, foi cedido parte do terreno da antiga fazenda de Manguinhos, zona norte do Rio de Janeiro. Um trecho da propriedade, de posse da prefeitura, já era utilizado para a incineração do lixo urbano da capital. O local foi escolhido por conta de seu afastamento da cidade e da população, diminuindo a possibilidade de contaminações, tanto dos animais usados na produção dos produtos imunizantes, como da própria população, dada a manipulação de materiais de risco biológico. (OLIVEIRA, 2003, p. 28)

Os primeiros funcionários técnicos do Soroterápico foram: Oswaldo Cruz, Henrique Figueiredo de Vasconcellos, ambos médicos já formados, e os alunos de medicina Antônio Cardoso Fontes e Ezequiel Dias (cunhado de Oswaldo Cruz). (BENCHIMOL, op. cit., p. 58)

Ali, em barracões de madeira distribuídos em ampla área descampada, o Soroterápico iniciou suas atividades de produção de soros e vacinas contra a peste. Enquanto a direção geral do Instituto era de Pedro Afonso, a direção técnica foi dada ao médico Oswaldo Cruz. O afastamento da cidade tornava a chegada dos funcionários difícil, que necessitavam pegar um trem no centro da cidade, descendo na estação do Amorim (hoje não mais existente) e tomar “[...] dois cavalos de sela; para os estudantes não havia condução” (DIAS *apud*

⁴⁷ Pedro Afonso de Carvalho Franco, Barão de Pedro Afonso (1845 – 1920) Médico e Cirurgião, atuou como diretor do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia e como médico na Inspetoria Geral de Higiene. Um dos pioneiros na importação de insumos vacínicos e na inoculação de novilhos para uso médico-veterinário. Membro da Academia Nacional de Medicina. Cf.: <https://www.anm.org.br/pedro-affonso-de-carvalho-franco/>

⁴⁸ De caráter privado, foi criado com intuito de fornecer a nova vacina contra a Varíola, mais moderna e eficaz. Funcionou até 1921, quando a responsabilidade de produção do imunizante foi transferida ao Instituto Oswaldo Cruz. Cf.: <https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instvacmun.htm>

OLIVEIRA, op. cit., p. 34). Existia ainda o serviço de barco que, partindo do centro, atracava no pequeno cais da fazenda; contudo, era mais dificultoso que a opção pelo trem.

Oswaldo Gonçalves Cruz, paulista formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tinha como campo de interesse a microbiologia. Sua tese à formação universitária, “A veiculação microbiana pelas águas” (1892), bebia das fontes mais recentes nos estudos dos micróbios, especialmente nas descobertas de Pasteur⁴⁹ e seus discípulos, que haviam, a menos de meio século, revolucionado o entendimento da Biologia e Medicina ao postularem a existência de micro-organismos invisíveis a olho nu, que poderiam causar doenças em seres humanos e animais.

Em Paris, Pasteur havia se tornado uma referência no mundo científico, possuindo um instituto com seu nome, construído e equipado com o que de mais moderno havia até então. Os estudos realizados pelo Instituto Pasteur subsidiavam pesquisas por todo o mundo, impulsionando um novo pensamento científico, cuja teoria microbiana era central no debate. Essa corrente Pasteuriana dividia espaço com a teoria dos miasmas⁵⁰, há muito em vigência e que, aos poucos, perdia espaço nas academias de ciências, apesar da grande influência que exercia sobre vários aspectos da vida moderna, como a arquitetura dos lugares e a urbanização das cidades. Oswaldo Cruz, após breve interregno ao terminar os estudos no Rio de Janeiro, vai a Paris estudar no Instituto Pasteur, onde pode mergulhar nas pesquisas mais recentes no campo da microbiologia e da produção de soros e vacinas. Voltando ao Brasil, Cruz desenvolve trabalhos particulares em clínicas e consultórios, até que é chamado a Santos, para investigar o surto de Bulbônica que surgia por lá.

Em 1903, divergências entre Pedro Afonso e Oswaldo Cruz levam à saída do Barão e a colocação de Cruz como diretor geral do Soroterápico. Pelo decreto

⁴⁹ Louis Pasteur (1822-1895) Químico, biólogo e pesquisador francês. Responsável pelas pesquisas sobre a ação dos micro-organismos nos alimentos, desenvolvendo a Pasteurização; pesquisou a relação dos micróbios com as doenças, chegando ao desenvolvimento, entre outras, da vacina antirrábica. Revolucionou as ciências médicas ao elaborar padrões para a assepsia e esterilização de ambientes hospitalares. Cf. <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/louis.htm>

⁵⁰ Crença de que o ar fétido, estagnado e infectado, oriundo de matéria orgânica putrefata, era responsável pela disseminação de doenças, principalmente nas grandes cidades.

5156 de 1904⁵¹, o Instituto Soroterápico ficava subordinado diretamente a Diretoria-Geral de Saúde Pública (DGSP) do Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI). Nesta mesma época, Oswaldo Cruz também assume a direção da DGSP, acumulando os dois cargos e iniciando obras de ampliação e modernização do Soroterápico, graças ao capital político e financeiro que a Diretoria-Geral proporcionava.

Buscando trabalhar o pensamento pasteuriano no Brasil, o médico amplia o escopo do Instituto Soroterápico Federal. Embora a previsão de trabalho fosse a produção de vacinas e soros, e a maior parte do tempo dedicava-se a isso, nos tempos disponíveis, um importante trabalho de pesquisa logo teve início. Já no princípio de suas atividades, uma biblioteca foi montada em um dos barracões de Manguinhos. Lá, Oswaldo Cruz instituiu uma reunião semanal, às quartas-feiras⁵², para que novos artigos e livros fossem apresentados e discutidos.

Os cientistas buscavam dedicar parte de seu tempo nos laboratórios à pesquisa e estudo de questões que extrapolavam a função precípua de produção de imunizantes. Foi assim que, em 1908, o Dr. Alcides Godoy descobriu uma vacina melhorada para a peste da manqueira, doença veterinária, que grassava por rebanhos nas regiões sul e sudeste do país. Por ser um problema com caráter econômico, a vacina contra o carbúnculo sintomático, como a manqueira era conhecida cientificamente, imediatamente se torna um produto de alta procura. A criação deste imunizante foi o primeiro grande trunfo do Instituto (BENCHIMOL, op. cit., p 71), um sucesso científico mas, principalmente, comercial, que deu ao Instituto uma verba própria, advinda da venda do produto aos pecuaristas do país.

Nesse período começa a construção da primeira parte do conjunto arquitetônico da FIOCRUZ, com destaque para o Castelo Mourisco, que seria o edifício principal, onde os laboratórios dos cientistas, apinhados nos barracos da fazenda, seriam definitivamente instalados, com toda a estrutura necessária para a produção dos imunizantes e para a pesquisa científica. Além do edifício principal, as verbas da DGSP e a renda própria do Instituto, financiavam a

⁵¹ Ver anexo B

⁵² A mesa de quarta-feira continua acontecendo e atualmente é realizada pela equipe da Biblioteca de Manguinhos/ICICT.

construção de um novo biotério, estábulos, edifício para produção de vacinas e soros, entre outros.

Os planos de Oswaldo Cruz para o Soroterápico incluíam a ampliação do quadro de funcionários, de modo a permitir certa autonomia de pesquisa aos cientistas que, até então precisavam dividir seu tempo entre as atividades práticas de produção e a pesquisa de novas doenças e imunizantes. A construção de um novo complexo de prédios, planejados e pensados com esse fim, vinha ao encontro dessas ideias, pois permitiriam dedicar áreas de trabalho exclusivamente ao processo de produção de soros e vacinas, ao passo que os laboratórios dos funcionários mais graduados, poderiam ser utilizados para uma amplitude de experimentos, estudos e investigações.

Coube a Luiz Moraes Júnior, arquiteto português, o trabalho de projetar o complexo arquitetônico. Cruz e Moraes se conheceram no trem que partia da estação Leopoldina. O primeiro ia para o Instituto, o segundo ia para a Penha, onde estava encarregado do serviço de reforma da igreja (hoje, santuário). Desse encontro na condução, nasce um projeto ambicioso - que ao longo dos anos, atendendo aos limites de orçamento, foi sendo diminuído – que incluía dois biotérios, duas cavalariças, o edifício principal e outros prédios de apoio. (Idem, p. 158). Dentre todos, o edifício principal, o castelo, era o mais prestigiado. Ele permitiria que os cientistas ampliassem o escopo de atuação da instituição, dedicando-se aos temas que fossem necessários para o progresso científico do país, sempre inspirados pelo *moto* de seu diretor: fé eterna na ciência.



Figura 4 - *Ex libris* de Oswaldo Cruz com a inscrição "fé eterna na ciência". Foto de Humberto Teski. Fonte: TARTAGLIA, 2018, p. 46

Nos anos que seguiram o início das obras em Manguinhos, estudantes passam a frequentar o local, objetivando angariar especialização nos campos de estudo que o Soroterápico vinha alargando, como a microbiologia, patologia e os estudos em imunologia. Conforme nos aponta Benchimol:

A expansão de Manguinhos no período subsequente a 1903 apoiou-se em processos que se auto alimentavam: ao formar, teórica e praticamente, quadros adestrados em algumas das disciplinas básicas da microbiologia, gerava massa crítica para impulsionar e diversificar seu programa de pesquisas, tanto aquelas direcionadas para as demandas sanitárias da oligarquia hegemônica e logo, de outros grupos econômicos, como investigações que, dentro de pouco tempo, se antecipariam a essas demandas, colocando novos desafios às políticas públicas no campo da saúde (BENCHIMOL, op. cit., p. 75)

Embora o trabalho de Oswaldo Cruz à frente do Instituto e da DGSP obtivesse resultados importantes para o país, como no combate à febre amarela que a DGSP empreendeu no Rio de Janeiro, entraves políticos impediam a tão sonhada reformulação, com ampliação de pessoal, que Cruz queria. O *lobby* do setor privado, que não via com bons olhos o monopólio da produção e comercialização de insumos de saúde pelo Estado; aliado ao estranhamento que parte da classe médica tinha em relação à função acadêmica que o Soroterápico vinha desempenhando, com os diversos alunos que buscavam a instituição para aprimorarem seus estudos, travavam as possibilidades de maior autonomia da instituição e colocavam um novo regimento em escanteio no Congresso Nacional. (Ibidem, p.76-77)

Em 1907, com as obras do castelo ainda a serem concluídas, Oswaldo Cruz e comissão viajam para Berlim, onde seria realizado o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia. Lá, grande exposição com maquetes, imagens e exemplares de anatomia, entomologia e mesmo de soros e vacinas, foram expostos, concorrendo na Exposição de Higiene do evento. Os trabalhos desenvolvidos por Manguinhos, à luz dos ensinamentos de Pasteur, conquistaram grande público (Idem, p. 78) e levaram o Instituto a receber o primeiro prêmio.

A medalha de ouro conquistada em Berlim, promove Oswaldo Cruz a herói nacional, culminando com a aprovação de um novo regimento para o Instituto Soroterápico, que passava a chamar-se Instituto de Patologia Experimental de

Manguinhos. Assim, o decreto 1.802 de 1907⁵³, que já aguardava em banho-maria no Congresso desde 1906, subordinava o novo Instituto diretamente ao MJNI, aumentava o número de assistentes de dois para seis e garantia o pessoal auxiliar: um zelador, um almoxarife, um arquivista-escriturário e um desenhista. Não obstante, o documento instituiu uma escola de veterinária, destinada ao ensino das moléstias e patologias animais, sedimentava o papel de pesquisa das doenças infecciosas e dava autonomia ao trabalho técnico-científico. Outra grande novidade é a instituição das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz⁵⁴, publicação que deveria dar publicidade às pesquisas desenvolvidas pelo pessoal da casa, sendo editada pelo Instituto e distribuída nas escolas de medicina, instituições de pesquisa médica nacionais e estrangeiras.

O nome Instituto de Patologia Experimental durou pouco tempo; em março de 1908, novo decreto amplia o regimento anterior e altera o nome da instituição para Instituto Oswaldo Cruz (IOC)⁵⁵. O decreto 6891 de 1908⁵⁶ inicia um processo de heroicização de Oswaldo Cruz, ao dar seu nome ao Instituto que dirigia, tal como feito com Pasteur na França. E assim como Pasteur, Dr. Cruz passa a contar com discípulos, atentos ao seu trabalho e dedicação, que conquistaram, meses antes, a medalha em Berlim. O regimento de 1908 define melhor as atribuições de cada função, lista os cargos disponíveis para o pessoal subalterno (serventes, cocheiros, ajudantes etc) e estipula o preço para venda de vacinas e soros, que agora já chegavam à casa de nove variedades produzidas pela instituição. O decreto dava, ainda, autorização para que os cientistas do IOC tivessem sua entrada franqueada aos hospitais da união, para realização de pesquisas e coletas, bem como garantia o diretório à cessão de espaço nessas instituições para a montagem de laboratórios e outras salas de pesquisa.

⁵³ Ver anexo C

⁵⁴ As Memórias do Instituto Oswaldo Cruz são editadas até o presente, como publicação eletrônica, e podem ser acessadas, incluindo as edições físicas que foram digitalizadas, no portal: <https://memorias.ioc.fiocruz.br/> (dez/2022)

⁵⁵ Aqui vale um importante comentário: O Instituto Oswaldo Cruz, criado em 1908, existiu como órgão autônomo até 1970. Neste ano, diversos institutos independentes, que atuavam no campus de Manguinhos, foram reunidos na criação da, então intitulada, Fundação Instituto Oswaldo Cruz, atual Fundação Oswaldo Cruz. Hoje, o Instituto Oswaldo Cruz, é uma unidade técnico-científica que integra a estrutura organizacional da Fundação.

⁵⁶ Ver anexo D

Ainda que o pessoal do quadro permanente fosse reduzido, e o orçamento não atendesse a todos os projetos que o dr. Cruz tinha para o IOC, o decreto de 1908 é um importante documento que sedimenta o prestígio que a instituição e seu diretor tinham construído no cenário nacional. Para essa conclusão, basta notar que o decreto possibilitava ao IOC a criação de filiais em outros estados e de realização de estudos e pesquisas em postos avançados pelo país. Esse modelo foi amplamente utilizado para conter surtos epidêmicos em várias localidades, incluindo canteiros de obras que, tomados por surtos de malária, febre amarela, entre outras moléstias, jaziam parados aguardando solução sanitária. De acordo com Benchimol:

De 1906 em diante, Manguinhos desempenhou papael análogo ao dos institutos de medicina experimental europeus, que intervinham diretamente na África e Ásia para abrir caminhos às tropas e empreendimentos econômicos coloniais. Partindo da capital da República, sob todos os aspectos a cabeça urbana do país, os cientistas embrenharam-se pelos sertões para estudar e debelar doenças como a malária que obstaculizavam o alargamento das fronteiras do capitalismo no Brasil. (Idem, p. 91)

Foi dessa forma que Ezequiel Dias⁵⁷ foi mandado para Belo Horizonte com intuito de fazer pesquisas naquela cidade, onde viria a criar a filial de BH, hoje Instituto Ezequiel Dias do Governo do Estado de Minas Gerais. Foi assim, também, que Carlos Chagas⁵⁸, um discípulo de Oswaldo Cruz, chegou à cidade mineira de Lassance, onde a obra de uma estrada férrea não avançava em virtude das moléstias contagiosas. Lá, Chagas descobriu uma nova doença causada pela picada de um inseto do tipo barbeiro. Escondido nos buracos das paredes de barro batido, durante o dia, à noite o inseto picava o rosto dos

⁵⁷ Ezequiel Caetano Dias (1880 – 1922) Farmacêutico e médico, ingressou no Instituto como acadêmico tendo sido assistente de Oswaldo Cruz. Responsável por fundar a extinta filial do Instituto no Maranhão e pela criação e posterior direção, da filial de Belo Horizonte, hoje Fundação Ezequiel Dias do governo daquele estado. Como diretor da filial de BH foi responsável por expandir os serviços prestados pelo IOC para a região rural do Sudeste. Eracunhado de Oswaldo Cruz e grande amigo de Carlos Chagas. Faleceu de uma tuberculose que contraiu quando em viagens pelo país. Cf.: <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=154&sid=76>

⁵⁸ Carlos Ribeiro Justiniano Chagas (1879 – 1934) Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda estudante frequentava os laboratórios do Soroterápico. Após ingressar no Instituto, foi incumbido de realizar diversas ações de profilaxia da febre amarela em cidades do interior do país. Em uma dessas ocasiões identificou uma nova doença que viria a receber seu nome: doença de Chagas. Seus estudos do mal de chagas permitiram a identificação do ciclo completo da doença: vetor, parasita, hospedeiro e sintomatologia. Doutor *honoris causa* pela Universidade de Harvard e Universidade de Paris. Cf.: <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=151&sid=76>

moradores, alimentava-se do sangue e excretava o protozoário descoberto por Chagas. A doença levaria seu nome: mal de Chagas ou doença de Chagas e cientificamente seria chamada de Tripanosomíase Americana. O protozoário, *Trypanosoma Cruzi*, assim é batizado em homenagem ao patrono Oswaldo Cruz.

Os estudos da doença de Chagas rapidamente se tornam uma linha de pesquisa fundamental do IOC. Em Lassance e em Bambuí, ambas cidades em Minas Gerais, além de outras partes do país, postos de estudos realizavam a coleta de material biológico e entomológico, atendimento a pacientes, iniciativas de saneamento e dezenas de estudos que buscavam conhecer mais a fundo a nova doença tropical. O hospital montado em Lassance permitiu a Oswaldo Cruz a solicitação de verbas para a construção de um hospital em Manguinhos, sonho antigo que encontrava dificuldades para ser concretizado. (Idem, p. 92) O nosocômio de Manguinhos permitiria a transferência de pacientes dos postos avançados para a capital federal, onde os pacientes seriam tratados e suas moléstias estudadas pelos cientistas do IOC.

A esse respeito, o relatório produzido pela direção, em 1912, e encaminhado para o MJNI diz:

O estudo da moléstia descoberta pelo Dr. Chagas continuou a merecer o mais cuidadoso empenho por parte do Instituto. Em virtude das autorizações concedida pelo Decreto nº9346 de 24 de Janeiro de 1912 foi organizado um centro de estudos em Lassance com o escopo de prosseguir nas pesquisas clínicas e profiláticas acerca daquela entidade morbida, assim também foram organizadas comissões para verificar as zonas de distribuição geográfica da moléstia. [...] Pela mesma lei foi autorizada a construção dum hospital anexo ao Instituto e cuja terminação depende de novos recursos que tomo a liberdade de solicitar agora de V. Excia. (INSTITUTO..., [1913], p. 3)

Esses relatórios eram produzidos pelo diretor do IOC e encaminhados ao Ministro, sempre no início do ano subsequente. Não possuíam uma estrutura formal, tendo a característica de texto corrido. Alguns relatórios eram acompanhados de anexos dos diferentes setores da Instituição. Nesses anexos, os chefes das áreas informavam os trabalhos realizados, pesquisas publicadas, gastos com material etc. De maneira geral, os relatórios se mostravam como documentos onde o diretor defendia a instituição, apresentando todos os resultados do ano anterior; e fazia solicitações, normalmente de caráter financeiro,

para o ministro. Havia grande esforço em justificar os gastos anuais do governo com o IOC, em uma espécie de batalha contínua para manter as portas abertas.

A construção do hospital, também com projeto de Luis Moraes, começa em 1912, mesma época em que diversos médicos e auxiliares do IOC realizam excursões pelo interior do país, principalmente nas regiões do sertão e Amazônia. Sua conclusão, contudo, só aconteceria em 1918, após a morte de Oswaldo Cruz, ocorrida em 1917.

Uma geração de cientistas havia passado pelos corredores de Manguinhos - desde seus barracões, quando ainda era o Soroterápico, até os laboratórios do castelo mourisco – buscando aprimoramentos e experiências com o que de mais moderno havia na pesquisa científica e no sanitário. A essa altura, vários eram os discípulos de Oswaldo Cruz, nomes que fizeram carreira nas pesquisas nas décadas seguintes⁵⁹. O prestígio adquirido por Chagas, ao descobrir a doença que carrega seu nome, além de toda a dedicação que teve ao lado de Oswaldo Cruz na administração do Instituto, fez dele o discípulo escolhido para continuar o caminho trilhado até então, assumindo a direção do IOC⁶⁰, onde permanece até sua morte, em 1934. (BENCHIMOL, op. cit., p.101).

2.2 A Patologia em Manguinhos.

Eu vinha vindo com o frescor da manhã por aquele trecho da praia de Santa Luzia, tão suave e tão formoso, onde se amontoam as coisas lúgubres da cidade — a Santa Casa, o Necrotério, o serviço de enterramentos.⁶¹ (João do Rio)

Durante o desenvolvimento do Instituto Oswaldo Cruz, vários importantes campos de estudo da medicina foram se estabelecendo para a pesquisa das doenças tropicais. Essas disciplinas foram, algumas mais, outras menos, configurando-se em linhas de pesquisa e atuação da instituição, angariando mais pesquisadores dedicados ao seu estudo, mais espaço no

⁵⁹ Ver apêndice A

⁶⁰ Ver apêndice B

⁶¹ Trecho de “A alma encantadora das Ruas” de João do Rio.

regimento interno e, conseqüentemente, mais esforços de verba e financiamento.

A Patologia, desde os primeiros anos do Instituto, esteve entre as disciplinas fundamentais para o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa e combate às moléstias sanitárias. Em 1903, já sob inteira direção de Oswaldo Cruz, o patologista Henrique da Rocha Lima⁶² chega da Alemanha e é contratado para iniciar um serviço de Patologia no Soroterápico (Idem, p. 68). Rocha Lima havia passado pelo Instituto quando era aluno de medicina, onde se interessou pela bacteriologia e pelas pesquisas com imunizantes, desenvolvidas em Manguinhos. Buscando aprofundar seus estudos em bacteriologia e em Patologia, após concluir sua tese de medicina, partiu para o exterior, onde estudou no Instituto de Higiene de Berlim, além de ter trabalhado em laboratórios particulares. Ele e Oswaldo Cruz trocavam epístolas frequentemente. Em 19 de outubro de 1901, em Berlim, Rocha Lima escreve ao amigo e mentor:

Comecei meus estudos no dia 1º deste mês porque a dificuldade da língua não me permitiu fazer mais cedo, mesmo agora ainda tenho muita dificuldade em compreender, mas como são trabalhos práticos e cujos princípios eu já conhecia, não tenho perdido o meu tempo. [...] trabalho 4 horas por dia e tenho praticado o mais possível os métodos mais comuns de colorações e de pesquisas químicas e microscópicas de urinas e sucos gástricos. O meu professor parece entender do ofício, mas para quem estava habituado a ver o que se fazia em Manguinhos, a técnica dele não agrada por não ser bastante vigorosa. (LIMA, 1901, p. 1)

Do período na Alemanha, Henrique da Rocha Lima trouxe consigo o conhecimento recebido em seus estudos em Patologia, com professores de renome como Rubner, Orth, Kaiserling, Duerck (REBOUÇAS, s/d); mais que isso, trouxe na bagagem diversas peças anatômicas e blocos histopatológicos, no que Benchimol caracteriza como o princípio da coleção científica de mesmo tipo em Manguinhos. (BENCHIMOL, op. cit., p. 68).

Já como contratado do Instituto, Rocha Lima inicia o trabalho de anatomia patológica em Manguinhos, um marco para a história do Instituto e para o

⁶² Henrique da Rocha Lima (1879 – 1956) Médico formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Realizou estudos na Alemanha, onde foi professor do Instituto de Moléstias Tópicas de Hamburgo. Foi diretor do Instituto Biológico de São Paulo. Sua maior descoberta foi a identificação do agente causador do tifo, a bactéria *Rickettsia prowazeki*, assim nomeada em homenagem ao amigo Stanislas Von Prowazek, morto pela doença.

desenvolvimento da Patologia no Brasil. Além de contribuir com diversos trabalhos e pesquisas, como era necessário a todos os cientistas, o médico realiza importantes diagnósticos histopatológicos que ajudaram na maior compreensão dos mecanismos de ação da febre amarela no corpo humano, incluindo a identificação de lesões no fígado típicas da manifestação da moléstia. Essas lesões ficariam conhecidas como 'lesão de Rocha Lima', e teriam importante papel no diagnóstico *post-mortem* da doença. Nesse período, o trabalho de pesquisa patológica consistia na realização de autópsias e na catalogação das lesões encontradas, tal qual nos explica Benchimol:

Fizeram-se dezenas de autópsias no Hospital de Isolamento de São Sebastião; cada autópsia originava um novo protocolo, descrevendo o aspecto dos diversos órgãos, dos quais os mais importantes eram conservados pelo processo de Kaiserlig, recém desenvolvido na Alemanha, e recolhidos ao museu do Instituto (BENCHIMOL, op. cit., p. 69)

Embora a entrada de Rocha Lima em Manguinhos tenha sido a primeira fagulha da prática patológica no Instituto, as vicissitudes do trabalho no Soroterápico, e sua nova partida para Alemanha, em 1908, não possibilitaram a conclusão da implementação de um setor de Patologia tal como Oswaldo Cruz desejava. A Patologia já havia se tornado uma linha de pesquisa do Instituto, mas faltava, pelos motivos políticos e burocráticos que já vimos apresentando aqui, autonomia para que essa área (e outros campos de pesquisa) pudesse se estruturar. (Idem, p. 72). Se observamos as plantas dos pavilhões construídos nos anos anteriores e dos laboratórios que estavam sendo finalizados no Castelo Mourisco⁶³, verificamos que nenhuma dessas construções tinha área destinada a realização de autópsias em humanos, conservação de cadáveres e estrutura correlata. (BENCHIMOL, op. cit., p. 169 – 171; OLIVEIRA, op. cit., p. 50 – 52)

Com a aprovação do decreto de 1908, que ampliava o regimento interno de Manguinhos, e dava o nome de Instituto Oswaldo Cruz, parte do trabalho de Patologia pode caminhar a passos mais largos. Embora ainda não houvesse espaço para seu desenvolvimento no IOC, o regimento dava aos médicos de Manguinhos entrada franqueada em hospitais da capital e a montagem de laboratórios nessas instituições. A Patologia vai se beneficiar dessa prerrogativa

⁶³ Disponíveis no Fundo Presidência em BR RJCOG 01-30-05-48. Acervo Casa de Oswaldo Cruz

e um importante laboratório será montado no Hospital da Santa Casa de Misericórdia⁶⁴, na rua de Santa Luzia, centro do Rio.

Nesse contexto, o patologista Gaspar Vianna⁶⁵ ingressa no IOC em 1909, assumindo o legado deixado por Rocha Lima na Patologia. Vianna já havia desenvolvido importantes trabalhos no campo da Patologia tendo, inclusive, atuado nas autópsias da Santa Casa do Rio de Janeiro. Quando ingressou no IOC, o patologista já havia trabalhado com Rocha Lima e com outros profissionais do Instituto, o que lhe garantiu boa relação com diversos pesquisadores. Dessa relação, trabalhos em cooperação foram publicados nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz; como a identificação de lesões causadas pela doença de Chagas no músculo cardíaco. Embora seu contrato de trabalho estipulasse que sua função era o diagnóstico de epizootias (ASSENTAMENTOS..., 1900 – 1969, p.30), sua produção científica foi muito além e consolidou a importância dos estudos de anatomopatologia no IOC.

Em 1912, a estrutura do IOC é novamente ampliada, e suas funções são igualmente aumentadas. O organograma de 1912 apresenta, pela primeira vez, a estrutura de um setor de anatomia patológica. O serviço de Patologia é referenciado como sendo o que funcionava na Santa Casa de Misericórdia, dada a ausência de espaço adequado ao seu funcionamento na sede em Manguinhos.

⁶⁴ Estudos de anatomia já aconteciam nas dependências da Santa Casa do Rio, ao menos desde 1813: “A escola anatômico-cirúrgica funcionou, inicialmente, no prédio do antigo Colégio dos Jesuítas [...] A decisão nº 12, de 18 e março de 1813, estabeleceu sua transferência para duas salas recém-construídas no Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro.” Cf. CABRAL, Dilma. (Org.) CAMARGO, A. Ricci. **Estado e Administração**: a corte joanina no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2010, p. 172.

⁶⁵ Gaspar de Oliveira Vianna (1885 – 1914) Natural do Pará, médico formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Aluno do cirurgião Chapot Prévost, dedicou-se ao estudo da histologia e Patologia. Desde cedo atuava na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, realizando necropsias e lecionando aos alunos mais novos do curso de medicina. Já formado, desenvolveu a injeção intravenosa de tártaro emético para combate da leishmaniose, um grande sucesso da medicina. Morreu precocemente após se contaminar, durante uma autópsia que realizava, com fluido expelido de um cadáver tuberculoso. Cf.: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000200016

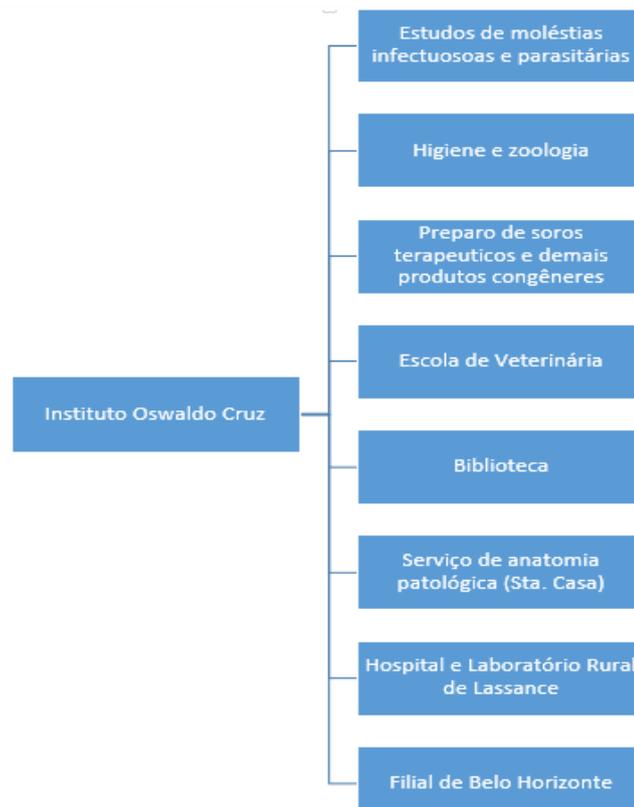


Figura 5 – Reprodução organograma do IOC - 1912. Fonte: Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC.

Pelo relatório de 1912 (o mais antigo a que tivemos acesso), podemos aferir que uma contratação internacional foi feita, visando a implementação do serviço referenciado no organograma: “[...] contratei na Alemanha os serviços do professor Hermann Duerck, lente da anatomia patológica da Universidade de Jena e Prosector no Instituto Patológico anexo ao Hospital de Munique.” (INSTITUTO..., op.cit., p.6). Duerck havia sido um dos mentores de Rocha Lima, quando do seu primeiro período na Alemanha, e era um professor respeitado no campo da Patologia. O relatório indica que o professor alemão auxiliou o corpo técnico do IOC na montagem do laboratório do serviço de Patologia nas dependências da Santa Casa de Misericórdia, seguindo as autorizações dadas pelo regulamento do IOC, e que

É enorme o auxílio que tem o Instituto prestado ao corpo clínico da Santa Casa, já fazendo autópsias de todos os casos interessantes, já elucidando todas as questões clínicas que carecem da intervenção dos processos de laboratório. (Ibidem, p. 7)

A essa altura, embora o trabalho realizado na Santa Casa fosse de enorme importância para o estudo da anatomia patológica, carecia o IOC de um

hospital próprio, dada a quantidade de pacientes que eram atendidos no destacamento de Lassance e na filial de Belo Horizonte. As limitações de espaço para a feitura de autópsias no próprio IOC causavam embaraço em maiores aprofundamentos das condições clínicas e patológicas da doença de Chagas, moléstia de grande interesse no âmbito do Instituto. Dessa forma, como já pudemos abordar aqui, Oswaldo Cruz inicia o processo de construção de um hospital em Manguinhos, que desse conta de atender pacientes destas unidades externas e de outros hospitais da capital federal.

Gaspar Vianna, ativamente envolvido nos trabalhos de instalação do laboratório da Santa Casa junto com Duerck, e que ali atendia não apenas aos mortos, mas também aos vivos, realizando exames laboratoriais (BENCHIMOL, op. cit., p. 91), morre em 1914, deixando um representante da nova geração de patologistas à frente do serviço, Cesar Guerreiro.

Estabelecido o serviço da Santa Casa, e com o hospital em construção, uma outra interface da prática de anatomia patológica se desenvolvia em Manguinhos, a coleção de peças anatômicas e blocos histopatológicos. As peças anatômicas eram constituídas de pedaços do corpo humano retiradas em autópsias ou cirurgias e conservadas em vidros por soluções químicas que mantinham sua preservação. Os blocos histológicos diziam respeito a pequenos fragmentos de tecido humano, que passavam por um processo técnico que os conservava em blocos de parafina. Esses blocos podiam ser cortados em fatias ultrafinas, técnica chamada de microtomia, que possibilitava a sua análise a nível celular, com auxílio de microscópio⁶⁶.

A primeira parte desta coleção veio para o Brasil na bagagem de Rocha Lima, ao voltar da Alemanha. A partir dela e dos trabalhos de patologia desenvolvidos, a coleção foi sendo ampliada, de modo que, em 1908, quando Oswaldo Cruz montou a exposição do Instituto em Berlim, grande número de peças fez parte da mostra, capturando atenção do público (Idem, p. 78.). Ao término do evento, o material foi distribuído para instituições europeias, conforme nos diz Benchimol:

⁶⁶ Cf.: Técnicas Histológicas - Uma Abordagem Prática. Laboratório de Patologia: <https://www.youtube.com/watch?v=RlyTg64AT9E> (jan/2023)

O material exposto foi repartido entre Hoffmann, um dos descobridores do micróbio da sífilis, a Academia de Medicina Francisco Guilherme, e o Instituto de Higiene, ambos em Berlim, e as escolas de Medicina Tropical de Londres, Heidelberg e Hamburgo. (Idem, p. 79)

Em 1913, Oswaldo Cruz relata aos seus superiores que diversos assistentes do Instituto foram enviados a vários lugares do país com objetivo de trazerem exemplares biológicos que ajudassem a elucidar questões envolvendo a patologia médica e veterinária (INSTITUTO..., 1914, p 1). Em 1915, a intenção de criar um museu de patologia, formalmente instalado, é apresentada. No relatório referente a esse ano, Oswaldo Cruz salienta que as dificuldades financeiras impossibilitaram o término de algumas obras “[...] faltam ainda concluir a biblioteca, o museu e sala de cursos.” (INSTITUTO..., [1916], p. 3).

O museu, a que se refere o diretor no relatório, é o Museu da Patologia (também chamado de Museu Patológico), que seria, algum tempo depois, instalado no 3º andar do Pavilhão Mourisco, e dividiria o pavimento com a biblioteca. De acordo com o relatório de 1919, o Museu foi inaugurado em 1918, mesmo ano em que o Hospital Oswaldo Cruz⁶⁷, anexo ao IOC, também entra em operação.

Aqui é importante notar que o nascimento destas duas unidades do IOC – Hospital e Museu – acontecem por motivos distintos: o hospital já estava em obras, ainda que lentas, e foi concluído às pressas para atender aos doentes da epidemia de Gripe (à época batizada de espanhola); o museu nasce dos esforços dos patologistas de Manguinhos, que na ocasião contavam com a orientação técnica de Bowman C. Crowell, patologista de renome, enviado dos Estados Unidos da América com patrocínio da Fundação Rockefeller⁶⁸.

⁶⁷ Atual Hospital Evandro Chagas (HEC), parte do Instituto Nacional de Infectologia (INI), uma unidade técnico-científica da Fiocruz. O nome foi dado em homenagem ao infectologista Evandro Serafim Lobo Chagas (1905 – 1940), filho de Carlos Chagas e importante médico do hospital. Evandro atuou nos serviços de radiologia, cardiologia e pesquisa clínica, tendo sido inda diretor do hospital.

⁶⁸ Criada em 1913, nos Estados Unidos da América, de caráter filantrópico, a Fundação Rockefeller dedicava-se aos projetos de educação e ao combate as doenças de caráter sanitário, tanto nos EUA como nas Américas. Sua atuação mais significativa foi no combate à febre amarela, tendo atuado no Brasil até a década de 1940. Cf.: LACERDA, A. L. e MELLO, M. T. V. B. de: Produzindo um imunizante: imagens da produção da vacina contra a febre amarela. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 10 (suplemento 2): 537-71, 2003.

Em que pesem as diferenças no surgimento das duas unidades, ambas se desenvolverão em grande sintonia. O trabalho desenvolvido no Hospital Oswaldo Cruz subsidiava material biológico (pacientes cirúrgicos e cadáveres) para a realização das necrópsias e exames histológicos pelo serviço de anatomia patológica; essas, por sua vez, geravam peças anatômicas de relevante interesse, que eram encaminhadas para o Museu Patológico; as peças e as autópsias subsidiavam estudos e pesquisas que permitiam o aprimoramento do tratamento dos doentes do Hospital. Uma relação que vai contribuir para as duas unidades e sedimentar suas importâncias na estrutura do IOC. Assim, vemos no relatório:

Especial atenção tem merecido ao Instituto o desenvolvimento dos trabalhos de anatomia patológica, até agora bastante deficientes. E nesse intuito, graças ao auxílio valioso de Rockefeller Foundation, conseguimos o concurso de um competente e esforçado professor americano o Dr. Bowman C. Crowell, que se encontra há mais de um ano nesse Instituto, orientando alguns dos nossos assistentes em assuntos da especialidade. E felizmente muito temos lucrado da permanência entre nós daquele professor, cujas lições têm sido do maior proveito a seus discípulos e cuja capacidade científica tem sido evidenciada em trabalhos de real valor. A seção de anatomia patológica possui agora um museu anatômico, instalado desde um ano no Instituto, e que vai sendo enriquecido todos os dias pelo material de autópsias realizadas em nossos hospitais. Acreditamos que muito depressa teremos um museu de anatomia patológica bastante valioso, principalmente no que respeita a peças anatomopatológicas de doenças tropicais. (INSTITUTO..., [1920], p.4)

A instalação do Museu no 3º pavimento do Castelo Mourisco contava com pequena sala anexa onde os exemplares eram preparados. A exibição tinha peças de anatomia e contava com exemplares de insetos das coleções de pesquisa dos entomologistas do IOC. (BENCHIMOL, op. cit., p. 171). Na sala de preparações anexa, trabalhava o auxiliar Jerônimo Cardoso. Cardoso ingressou no IOC como servente e foi promovido a encarregado do Museu quando este cargo foi criado pelo Decreto 13.527/1919⁶⁹ (REIS, 2018, p.117) Entre as peças preparadas por ele, algumas chamavam a atenção de outros funcionários que visitavam o Museu no tempo livre:

[...] no terceiro andar tinha um museu, [...] aonde eu ia me distrair. [...] o encarregado do museu era o Jerônimo Cardoso.

⁶⁹ Ver anexo E

[...] É quem montava aquelas peças, aquela coisa toda. Com aqueles vidrinhos [...] Era um museu muito bem montado. E nós mantínhamos lá, uma peça que não era, não era de interesse científico, mas ninguém procurou, ficou aí dezena de anos, foi a perna do Del Prete. Aquele aviador italiano, que num voo aqui no Rio de Janeiro, sofreu um acidente e amputaram a perna dele [...] Tinha, tinha, num frasco com formol. Montada pelo Cardoso. Um líquido muito claro, aquela perna atlética. Tinha um rim, que me chamava a atenção, de uma autópsia feita no São Francisco de Assis, tiraram três quilos e meio de areia e pedra. (BORRIELLO, 1986. Fita 5, lado A *apud* REIS, op. cit., p. 117-118)

No relatório das atividades de 1920, apresentado em 1921, mais uma vez o setor de anatomia patológica - que passa a ser chamado Seção de Anatomia Patológica (SAP) - é amplamente elogiado. Dr. Crowell continuava à frente deste setor e mantinha, no Museu, o total de 666 peças anatômicas preparadas, conservadas, “[...] catalogadas e com minuciosa documentação histológica” (INSTITUTO..., 1921, p. 4). Neste relatório, encontramos o primeiro anexo específico da CSAP, um relatório setorial juntado ao relatório geral da direção, prática comum em outros setores do IOC. Este documento relata a quantidade de autópsias realizadas⁷⁰, bem como a quantidade de exames histológicos: 218 e 243, respectivamente. Ele cita, também, os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do setor, como a tese de C. Pinheiro Chagas intitulada “Lesões agudas do fígado na moléstia de ‘Chagas” (Idem, p. 7).

Em 1921, o Museu de anatomia patológica possuía mil peças catalogadas, e a contagem total de exames histopatológicos realizados já passava de 700, dos quais nem todos resultavam em peças para o Museu (INSTITUTO..., [1922], p.15), uma vez que a função principal da SAP era auxiliar os médicos e cirurgiões do Hospital Oswaldo Cruz no diagnóstico dos pacientes.

Não localizamos nenhum documento que estabelecesse quais peças deveriam ou não ser incorporadas a coleção do Museu da Patologia. Contudo, no primeiro capítulo deste trabalho, relacionamos a criação de coleções deste tipo, com duas forças motrizes: a necessidade de ensino e instrução aos novos médicos e cientistas, e a vontade pessoal dos pesquisadores na preservação de determinadas espécimes de interesse para seus estudos. Em Manguinhos, podemos dizer que essas duas situações ocorriam. Embora o IOC não fosse

⁷⁰ Ver apêndice C

uma universidade *de jure*, o fato é que o Instituto desempenhou o papel de centro formador de cientistas tão logo foi criado. Inicialmente de maneira informal, os decretos e regulamentos institucionais foram dotando Manguinhos de estruturas regimentais para atividades de ensino. Primeiro, o curso de veterinária, aqui já apresentado e, depois, o Curso de Aplicação, curso de especialização em medicina experimental criado por Oswaldo Cruz em 1908 e que teria grande importância para a formação de várias gerações de pesquisadores e sanitaristas, brasileiros e sul-americanos...⁷¹

Essa vocação para o ensino, alinhada ao desenvolvimento de trabalhos ligados aos interesses de cada pesquisados em seu laboratório, parece ter contribuído para a incorporação de acervos ao Museu da Patologia.

Em 1937, o encarregado do Museu, Jeronimo Cardozo, apresenta um anexo ao relatório do ano anterior, onde relata as principais atividades desenvolvidas no Museu da Patologia naquele ano:

Em cumprimento a circular. De 14 de dezembro que hoje finda, transcrevo abaixo o resumo dos trabalhos que realizamos no museu deste Instituto, durante o exercício de 1936. Fixação, conservação e montagem de vários órgãos anatômicos, provenientes de 76 autópsias humanas. Fixação, conservação e montagem de 50 órgãos anatômicos de veterinária. Além destes trabalhos, de rotina, realizamos uma remodelação radical de todo o material de doenças tropicais. O material de zoologia médica, sofreu uma remodelação completa de mostruário. (INSTITUTO..., 1937, p.30)

O Hospital Oswaldo Cruz, inaugurado em 1918 e efetivamente utilizado a partir de 1919, contava com duas enfermarias de isolamento em estilo pavilhonar, seguindo as práticas sanitárias mais recentes até então. Entre o início dos trabalhos na Santa Casa e a construção do Hospital, a equipe de Patologia já possuía outros espaços de trabalho em diversos hospitais da capital, e um laboratório fixo, nos moldes do que funcionava na Santa Casa, no Hospital São Francisco de Assis, no bairro da Leopoldina.⁷²

⁷¹ Dessa aptidão para o ensino, temos hoje na Fundação Oswaldo Cruz, mais de 30 cursos de pós-graduação, além de ensino técnico e formação continuada. Tendo ainda, duas unidades técnico-científicas, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP) e Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), que possuem atividades-fim totalmente alinhadas à formação de pesquisadores e profissionais da saúde.

⁷² Ver anexo F

O projeto do Hospital, anexo ao IOC, é também assinado por Moraes Júnior e contava, originalmente, com seis pavilhões, dos quais apenas um foi construído (OLIVEIRA, op. cit., p. 66). Ao longo dos anos, outros elementos arquitetônicos foram sendo adicionados ao redor do pavilhão original do Hospital. Um deles é o necrotério, erguido entre 1920 e 1930, embora a data exata não possa ser encontrada. Em 1936, o diretor do Instituto solicita a remodelação de diversos prédios do IOC, entre eles o necrotério do Hospital. Não é possível saber até que ponto as solicitações que figuram no documento foram levadas a cabo pelo Ministério, mas a planta de remodelação do necrotério nos apresenta indícios de como era aquela construção. Nela, o corpo do edifício apresenta-se em bloco único, com 3 ambientes bem definidos: uma sala chamada 'exposição', que acreditamos ser uma capela-ardente; uma sala para autópsias, contendo uma mesa ao centro, e uma câmara frigorífica com 4 portas; finalmente a sala do médico, com banheiro e depósito. (INSTITUTO..., 1936, anexo "necrotério")

Entre os documentos localizados no arquivo histórico, temos um levantamento topográfico que também relata a existência do necrotério. Feito em 1945, em virtude de conflitos entre o IOC e a Prefeitura do Distrito Federal, acerca do terreno total do Instituto, esse documento é assinado por Henrique Greve, engenheiro e marido de Olenka Greve, importante arquiteta modernista que atuou no projeto de alguns edifícios do IOC. Nele, a área relativa ao Hospital Evandro Chagas (HEC) é assim descrita:

Hospital "Evandro Chagas", compreendendo: o pavilhão do hospital com 2 pavimentos e área de 1200 metros quadrados, o biotério, o necrotério, o refeitório, lavanderia e serviços anexos e depósito, além de uma pequena construção em ruínas. (GREVE, 1945, p.5)

O necrotério, construído anexo ao Hospital, foi derrubado no final da década de 70, quando o campus da Fiocruz passava por mudanças estruturais. (OLIVEIRA, op. cit., p. 172) e não temos informações sobre as condições de uso ao longo dos anos.

Dentro do hospital, diversos pacientes eram atendidos e recebiam o tratamento mais adequado para cada caso. A entrada dos pacientes era acompanhada da abertura de um prontuário, onde os dados de identificação da

pessoa eram anotados, e diversos documentos referentes ao curso do tratamento eram anexados. Entre esses documentos havia os resultados de exames histológicos e, também, os relatórios de autópsias. Esses dois documentos eram produzidos pela CSAP através de seus técnicos dos quais, além dos aqui já apresentados, podemos citar os Drs.: Burle de Figueiredo, Magarinos Torres, Oswino Penna, Penna de Azevedo e Eurico Villela.

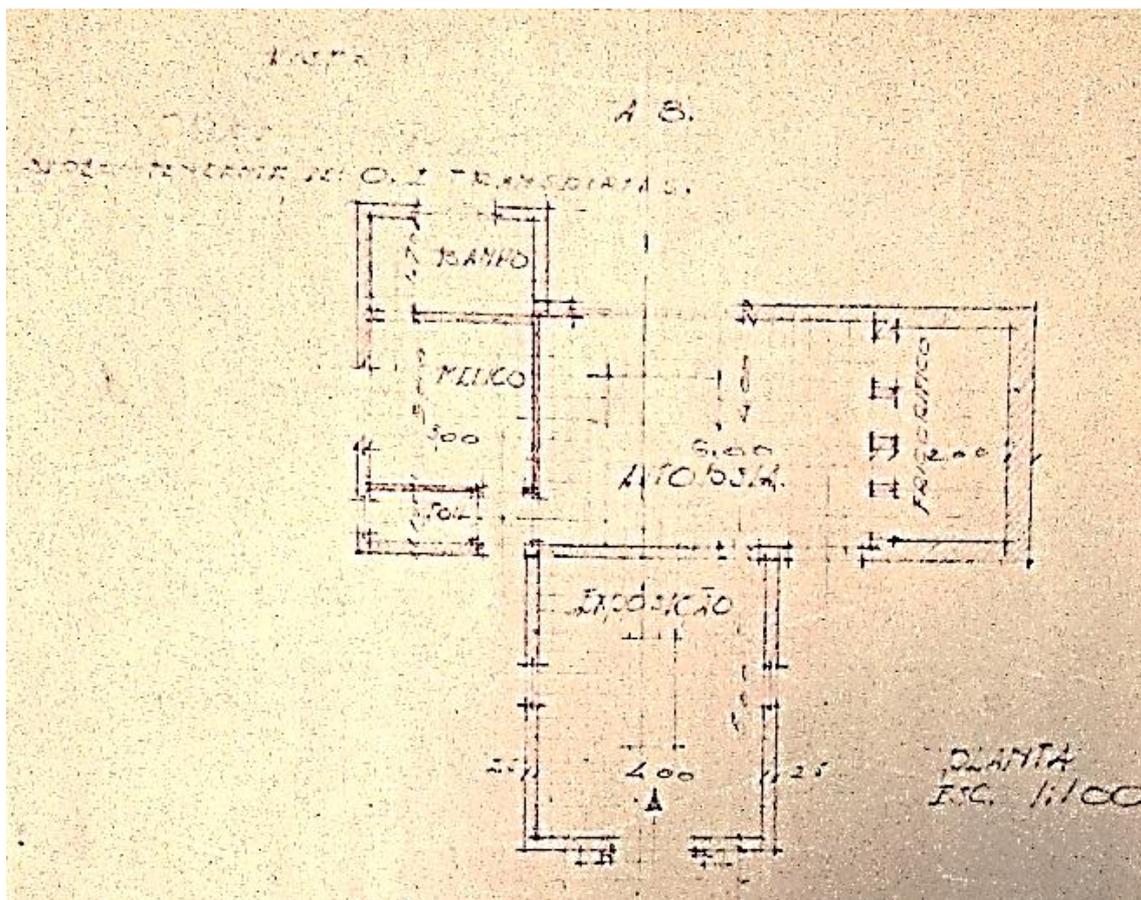


Figura 6 - Planta do necrotério, 1936 - Corte AB - reprodução do autor com melhoramento da imagem. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Outros prontuários e documentos relativos a pacientes do Instituto foram produzidos, a partir de 1943, em Bambuí, MG. Nesta cidade, a grande infestação de triatomas e a alta incidência de casos do mal de Chagas, fazem com que o IOC crie o Centro de Estudos e Profilaxia da Moléstia de Chagas (CEPMC)⁷³. O então diretor do IOC, Henrique Aragão, convida o jovem médico Emmanuel

⁷³ Hoje Instituto René Rachou (Fiocruz Minas), unidade técnico-científica da Fiocruz.

Dias⁷⁴ para dirigir o CEPMC. Emmanuel Dias, que se interessava pela bacteriologia e parasitologia, logo assume uma postura multifacetada e passa a realizar os mais diversos trabalhos de pesquisa e diagnóstico. Na documentação localizada nos arquivos, podemos ver que Dias realizava diversas autópsias e remetia órgãos para a sede no Rio de Janeiro. Essa é, inclusive, a orientação dada por Dias em documento de orientações para os funcionários do CEPMC. Neste documento, Emmanuel Dias instrui que, em caso de mortes, o mais importante a se fazer são as autópsias, e que a equipe deve tentar convencer os parentes da importância do procedimento. Para esse trabalho, até mesmo o prefeito da cidade poderia ser acionado para tentar convencer o responsável legal pelo corpo. E diz:

Poderão ser oferecidas compensações a família, como dinheiro para o enterro ou qualquer outro auxílio. Obtido o consentimento, o cadáver será transportado para o Hospital N. S. do Brasil, sendo tudo providenciado pelo Centro, que arcará com as eventuais despesas de transporte. Um dos médicos de Bambuí, na ausência do chefe do Centro, solicitado, poderá praticar a autópsia, tanto completa quanto possível. Fragmentos de cada órgão serão fixados em formol a 10%, e o coração será retirado inteiro e fixado no mesmo líquido [...] Caso não se possa fazer a autópsia completa, far-se-á somente a retirada do coração inteiro [...] Sendo de todo impossível retirar o coração completo, [...] que se retire um pedaço deste órgão por meio de punção com o aparelho apropriado [...] O chefe do Centro será informado por telegrama [...] se foi ou não possível conseguir o material. [...] O órgão mais importante para estudo é o coração. (DIAS, 1945, p.1)

Este é o caso de J.E.O, masculino, 24 anos, prontuário número 702. O jovem faleceu no Centro e teve sua autópsia realizada pelo próprio Dias. No relatório da necropsia, o médico esclarece que o paciente estava com o coração dilatado e com paredes flácidas e delgadas. A cavidade abdominal continha líquido e o fígado estava amarelado. Ao final, Emmanuel Dias diz que o coração foi retirado inteiro e fixado em formol. (PRONTUÁRIO 702, 1949, p. 2).

A importância que os exames de anatomia patológica tinham para pesquisa clínica, reside na ausência de diagnósticos por imagem tal qual temos nos dias de hoje. A radiografia ainda era um mecanismo caro e pouco acessível,

⁷⁴ Emmanuel Dias (1908 – 1962) Filho de Ezequiel Dias e sobrinho de Oswaldo Cruz. Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi pupilo de Carlos Chagas, que era seu padrinho, com quem realizou pesquisas para sua tese de medicina sobre o *Trypanosoma Cruzi*. Ingressou como biólogo no IOC, onde trabalhou até morrer.

o que fazia que das peças anatômicas com as lesões e sinais característicos de determinada doença, uma fonte fundamental de informação para a clínica e a pesquisa médicas. Essa importância vai projetar os serviços de anatomia patológica em Manguinhos entre os outros setores e consolidará esse campo de atuação na instituição.

A atuação dos patologistas de Manguinhos foi marcada pela atuação em diversas frentes: os hospitais da capital, os rincões do país, o próprio hospital do Instituto, onde ampliaram a pesquisa em anatomia patológica, sedimentando esse campo no país e constituíram um patrimônio científico complexo e extremamente relevante para a ciência.

2.3 O trabalho de fotografia.

“O que é o que é o segredo do fotógrafo? Ninguém sabe, pois ainda não foi revelado” (Autor desconhecido)

A produção de imagens fotográficas no Instituto Oswaldo Cruz está relacionada com a sua gênese. Oswaldo Cruz era um entusiasta da fotografia, no que mereceu nota de Ezequiel Dias: “Aos domingos, consagrados inteiramente ao lar, dedicava-se também à fotografia como que a procurar uma sorte de sucedâneo nessa tristonha arte científica.” (DIAS, 1972, p.141 *apud* THIELEN, 1992, p.47). O entusiasmo de Cruz com a ‘tristonha ciência’ guardava, certamente, relação com o caráter moderno que a fotografia possuía, que já apresentamos em momento oportuno deste trabalho.

Foi também, por esse elemento, que a fotografia chegou ao Instituto, quando ainda era Soroterápico Federal, na aqui já narrada, época dos barracões da fazenda de Manguinhos. É certo que alguém fotografou os primeiros anos de trabalho em Manguinhos, mas existem incertezas sobre quem e quando. As imagens mais antigas que o arquivo histórico possui, ainda dos barracões da fazenda, não indicam autoria ou data precisa. Sabemos que, desde muito cedo, o fotógrafo Joaquim Pinto da Silva já produzia imagens na instituição, mas não é fácil precisar quando J. Pinto – como era conhecido - começou a atuar na Fiocruz.

Seus registros funcionais dizem que seu primeiro contrato foi em 1908 (ASSENTAMENTOS..., op. cit., s/p), contudo, fontes desta pesquisa apontam para uma data anterior a essa, ainda nos primeiros anos do Soroterápico (CASA..., s/d, p.4; LACERDA, 2018, p.670; THIELEN, op. cit., p.48). A data de 1911 também é indicada como início de um contrato de trabalho, e coincidiria com a finalização do 4º pavimento do Castelo Mourisco, ocasião em que o laboratório fotográfico do IOC foi transferido para lá. Há a possibilidade de que, com a transferência para o castelo, o contrato tenha sido renovado ou modificado, infelizmente não podemos precisar.

Somente com o decreto de 1919 é que Pinto passa a ser funcionário estatutário do serviço público. Esse decreto é o primeiro a dotar o IOC do cargo de fotógrafo, junto ao pessoal auxiliar, com salário de 400\$000 réis mensais. Nessa época, o trabalho de fotografia já havia saído de um dos casebres da fazenda, onde dividia o espaço com a biblioteca, e se encontrava instalado no castelo.



Figura 7 - Laboratório fotográfico, 1914, reprodução do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC.

O serviço de fotografia, como aparece nos organogramas e relatórios, possuía duas salas à sua disposição. Em uma funcionava a câmara escura, na outra um arquivo de fotografias e escritório. Na figura 7 (câmara escura), é possível ver o rack para lavagem e secagem do papel fotográfico já sensibilizado

e revelado, à esquerda; na frente de uma estante com vidros de produtos químicos. A máquina ampliadora se destaca à direita, em primeiro plano, e o fotógrafo trabalhando ao fundo em outra ampliadora. No arquivo/escritório (figura 8) é possível visualizar uma mesa de luz com um negativo de vidro posicionado, logo à esquerda, atrás da estante com as caixas de metal que eram utilizadas para armazenar as chapas de vidro utilizadas como negativos; ao fundo à direita, outros materiais e mobiliários de escritório.



Figura 8 - Sala de fotografia, 1912, reprodução do autor. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

O fato de o laboratório funcionar no castelo já era indicativo da importância que a produção fotográfica tinha no âmbito do IOC. É de bom alvitre lembrar que o Pavilhão Mourisco era a construção central em Manguinhos, e abrigava os laboratórios dos cientistas, incluindo Oswaldo Cruz. O trabalho realizado por J. Pinto e instalado próximo à área nobre do castelo, onde se situava os aposentos de Oswaldo Cruz, sugere sua importância na dinâmica cotidiana do Instituto. Contudo, poucos são os registros documentais (que não fotografias) da existência desse serviço na instituição. Conforme destaca Lacerda:

O próprio Serviço de Fotografia não deixou muitos registros formais de sua trajetória como instância produtiva no arquivo do

IOC. Já a sua produção fotográfica sim, e o arquivo fotográfico é prova disso. Um arquivo de fotografias, no entanto, relaciona-se com documentos de outras tipologias que atuaram para a existência da produção propriamente fotográfica. Assim, pautas de registros fotográficos, ordens de serviço, relatórios de atividade, registros sobre pagamento de diárias ou passagens para viagens, recibos de compra de material fotográfico para o laboratório (maquinário, químicas, papel e negativos fotográficos etc.) exemplificam uma gama de documentos que, relacionados às atividades de um laboratório com a finalidade de produzir registros fotográficos, são importantes para, em análise retrospectiva, compreender as dinâmicas cotidianas desse serviço. (LACERDA, *ibidem*)

De fato, nas pesquisas que realizamos nos arquivos históricos do IOC, somente dados referentes aos relatórios anuais puderam ser localizados. Apesar disso, localizamos três notas de compra de material fotográfico e uma correspondência com a empresa Kodak, nos arquivos de Oswaldo Cruz.

As notas são referentes a compra de material fotográfico na casa de importações Bastos Dias. Esse estabelecimento era um dos que existiam na cidade do Rio, especializados no comércio de câmeras e insumos fotográficos. A Bastos Dias também contava com laboratório para os amadores e anunciava suas novidades em classificados dos principais jornais da época, conforme podemos observar nos reclames reproduzidos abaixo:



Figura 9 - Correio da Manhã, 26 de março de 1910, p. 9 (microfilmagem).
Acervo Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital



Figura 10 - O Paiz, 02 de março de 1919, p. 11 (microfilmagem). Acervo Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital



Figura 11 - Vida Doméstica, 1920, 2ª ed., p. 10 (microfilmagem). Acervo Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital

O trabalho de identificação do conteúdo das notas não foi integralmente realizado, em virtude do tipo de caligrafia comum à época⁷⁵. Em uma delas, de 18 de julho de 1916, 3 dúzias de chapas *Wellington*, positivas, de 8 e ½ X 10, foram encomendadas na loja. A soma total foi de 9\$600 réis. *Wellington* é uma marca de papéis fotográficos de alta qualidade e grande procura. A palavra 'chapas' parece fora de sentido aqui e talvez não seja isso que está discriminado

⁷⁵ Agradeço a professora Sandra Baruki, que me auxiliou na identificação de uma das marcas apresentadas, mobilizou diversas pessoas para tentar identificar os outros itens e me forneceu abundante material bibliográfico para o trabalho de detetive, que, inconformado e obstinado, continuo realizando.

na nota. O comprador também resta inconclusivo, o sobrenome 'dos Santos' é a única parte que conseguimos identificar.

A segunda nota é de novembro de 1916. O comprador é identificado como sendo o Instituto Oswaldo Cruz e os itens comprados foram: 4 embalagens de uma marca ou produto não identificado, no tamanho 18 X 24. E embalagens de películas – aqui não temos certeza – da marca *Haloid* no tamanho 24 X 30. A empresa *Haloid* também era especializada em papel fotográfico e ficava sediada na cidade de Rochester, onde nasceu a *Kodak*. Sua propaganda dizia que apenas as melhores matérias primas eram usadas na produção dos papéis de alta qualidade. A compra de novembro custou 24\$400 réis.

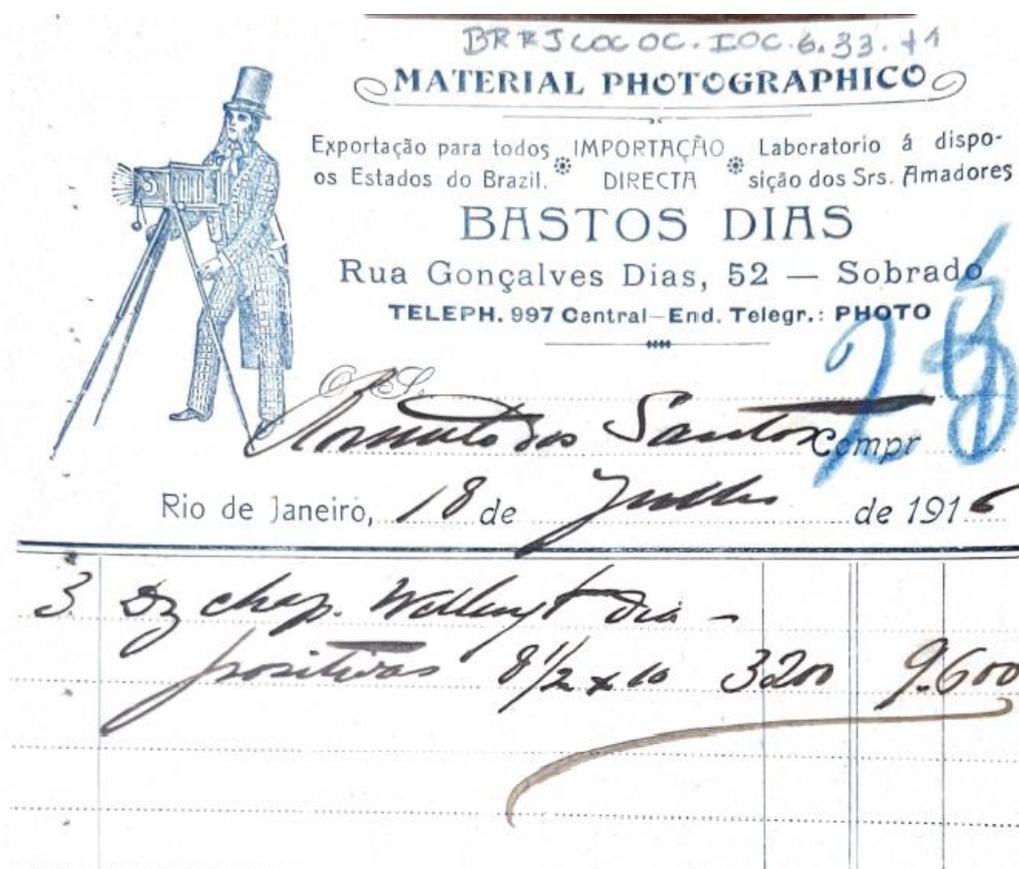


Figura 12 - Nota de compra de material fotográfico, 1916, reprodução do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo OC



Figura 13 - Anúncio da The Wellington Papers. Fonte: <http://www.codex99.com/photography/86.html> (dez/2022)



Figura 14 - Nota de compra, 1916, reprodução do autor. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fundo OC.

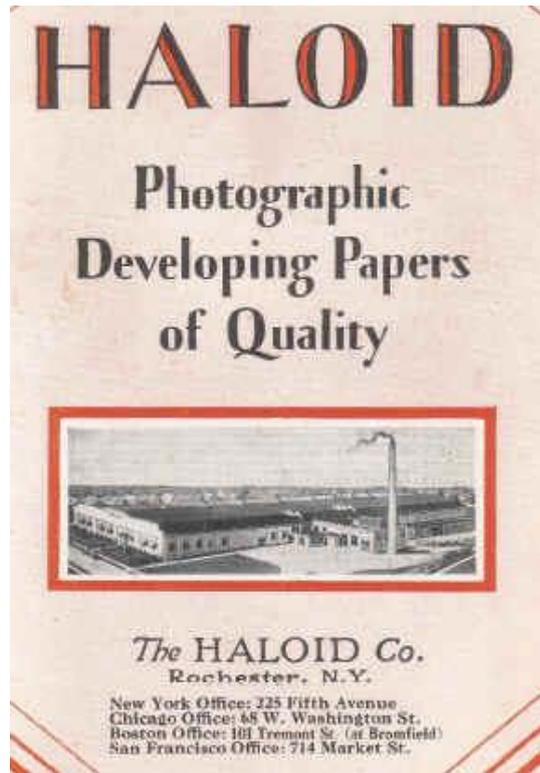


Figura 15 - Anúncio da marca Haloid. Fonte: https://www.butkus.org/chinon/booklet/haloid_photographic/haloid_photographic.htm

A terceira e última nota apresenta um salto temporal e é datada de janeiro de 1921. Endereçada ao Instituto Oswaldo Cruz, é a menor de todas, apresentando apenas um item na listagem. O produto parece ser o mesmo da nota de novembro de 1916, mas não foi possível identificar do que se tratava.

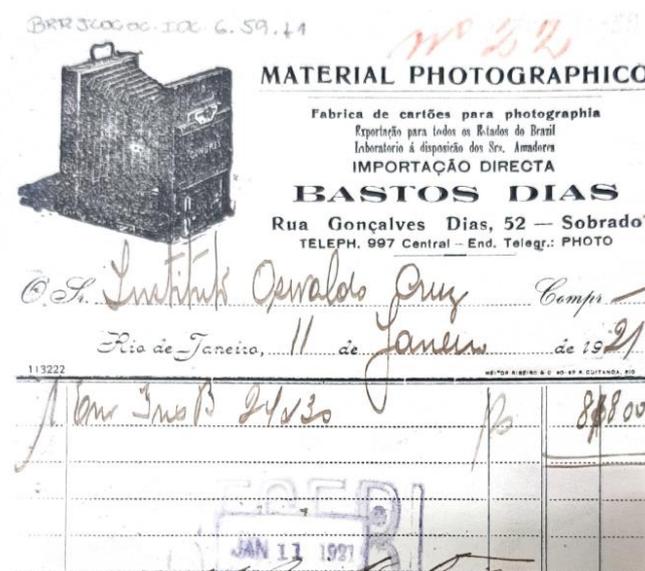


Figura 16 - Nota de compra, 1921, reprodução do autor. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fundo OC.

Outros documentos localizados nos arquivos de Oswaldo Cruz foram duas correspondências recebidas por J. Pinto da corporação estadunidense *Kodak Eastman Company*. A primeira é de 23 de dezembro de 1915 e, nela, a empresa relata que recebera uma carta do fotógrafo solicitando informações para compra de materiais diretamente com a *Kodak*, e responde que

[...] cumpre-nos dizer-lhe que quaisquer dos nossos distribuidores n'essa cidade poderão satisfazer-lo ao melhor de seus interesses, pois nós não podemos considerar transações de natureza que V.Sa. nos propõe. Se tem qualquer razão particular para não querer dirigir-se ao Sr. Bastos Dias, poderá então comunicar-se com quaisquer de nossos outros distribuidores conforme lista dirigida ao Diretor d'essa instituição em 2 de setembro pois todos importam os nossos artigos com frequência e portanto podem oferecer material fresco. (EASTMAN..., 1915, p.1)

A empresa termina dizendo que, em último caso, pode realizar a venda diretamente para o IOC, mas que os custos de transporte e a responsabilidade pelo pagamento ficam inteiramente a cargo do Instituto. (Ibidem). Em nova carta enviada em 09 de março de 1916, a *Kodak* assente que J. Pinto não deseja comprar o material através dos fornecedores nacionais e envia uma fatura para que o fotógrafo possa verificar os valores, calcular o frete e o seguro da viagem; passando a relatar a forma de realizar o pagamento em um banco daquele país. (EASTMAN, 1916, p.1).

Embora não tenhamos acesso a outras informações, isto é, às cartas enviadas por J. Pinto com a lista de itens que desejava comprar, com os motivos que fundamentavam a compra direta no exterior, os documentos produzidos pela empresa norte-americana nos dão um bom indício da importância que J. Pinto e o serviço de fotografias possuía no cenário institucional. Pinto não era apenas um trabalhador que operava a máquina fotográfica, ele era um funcionário do Instituto, com autonomia para negociar a compra – e importação – de materiais relacionados com o setor que comandava.

Este documento nos faz pensar que o fotógrafo, que foi chefe do serviço de fotografias até a aposentadoria, pudesse gozar de certa autonomia para buscar as melhores condições para a realização de seu trabalho.

A importância do serviço de fotografias do IOC também pode ser medida pela quantidade de relatórios produzidos ao final de cada ano de trabalho. O

primeiro deles aparece em 1924, referente ao ano de 1923. Neste relatório, Joaquim Pinto lista os trabalhos realizados: 272 macro fotografias com 6 cópias de cada; 73 microfotografias com 6 cópias de cada; 10 quadros de 50x65 com imagens para serem utilizadas no centenário de Pasteur em Strasbourg, Alemanha; 140 diapositivos para projeção na mesma efeméride. (INSTITUTO, [1924], p. 19)

Neste mesmo relatório, outros setores apresentam relação com o serviço de fotografias. O serviço de carpintaria, por exemplo, construiu uma cantoneira e dois suportes para máquina fotográfica e ainda fabricou uma peça e um dispositivo para o laboratório (Idem, anexo carpintaria, p. 2-4). Já a equipe de encadernação preparou 500 “Impressos para entrega do material fotográfico” e realizou a impressão de 6.514 estampas de fotografias para ilustrarem as Memórias do IOC. (Idem, anexo tipografia, p.2)

Em 1924, mais de 200 itens foram produzidos pelo laboratório fotográfico, incluindo fotografias de doentes e de animais; fotos panorâmicas para serem utilizadas em propagandas do Instituto; ampliações e cópias fotográficas de documentos do arquivo do IOC (INSTITUTO, 1925, p.8). Nesse mesmo ano, a tipografia do IOC encadernou seis álbuns de fotografias e mais 400 folhas de papel para a coleção de fotografias. Nos anos que seguem, tanto a produção de fotografias, como as solicitações do serviço de fotografias em outros setores continuam acontecendo em grande número. Esses dados nos mostram que, além da grande geração de documentos fotográficos, o serviço de J. Pinto também gerava documentação de outras tipologias, ao interagir com outros setores do IOC e com os requisitantes de imagens.

Recuperando as indagações de Lacerda sobre as condições da ausência de material de arquivo que subsidie melhor compreensão do que foi o serviço de fotografia, no que diz: “[...] nos faz supor ou a perda de documentos ou, ainda, a existência de certa informalidade na forma operacional do serviço no interior da burocracia do IOC.” (Lacerda, *ibidem*); acreditamos que o serviço tenha operado de maneira mais informal no que tange à execução de procedimentos, isso, nos baseando nestas informações sobre um grande volume de serviço tipográfico demandado pelo laboratório fotográfico, e considerando o grande arquivo de

fotografias que se manteve no tempo e que foi organizado em álbuns, fichas e impressos.

Cabe ainda uma inserção na produção fotográfica desenvolvida pelo serviço de fotografias. Thielen destaca que as primeiras imagens do Soroterápico são as imagens mais antigas da saúde pública do Brasil (THIELEN, op. cit., p. 48), com relevante significado para a construção da imagem da ciência e de seus cientistas.

A produção fotográfica do IOC compreendia o registro das ações burocráticas da instituição - é o caso do registro de obras, eventos e visitas protocolares - e compreendia, ainda, a captura das atividades finalísticas do Instituto. Nelas, as imagens de doentes do Hospital Oswaldo Cruz eram utilizadas nos prontuários para perfazer um inventário de lesões, para marcar o andamento da terapêutica e para registrar o paciente enquanto indivíduo institucionalizado. Havia também as imagens das atividades de laboratório, essas mais diversificadas e, muitas vezes, sem pistas de seu significado; imagens de microrganismos vistos pelo microscópio, animais em experimentos, insetos e fungos, peças anatômicas e registros de autópsias.

Essa multiplicidade de produções, subsidiadas por um método que permitia a produção em grande volume - com os negativos de vidro e as câmeras cada vez menores -, fizeram do serviço de fotografias do IOC um expressivo produtor de registros documentais sobre a atividade científica no Brasil. E o arquivo remanescente dele, por conseguinte pode ser considerado um importante repositório de imagens que sustenta uma memória fotográfica desse período, de implantação da pesquisa científica em saúde no país.

Em relação às fotografias de peças anatômicas, essas chamam atenção não só pela natureza curiosa de seu conteúdo; mas também por se tratarem de fotografias que, a princípio, estão claramente ligadas às atividades médico-hospitalares mas que não trazem atributos identificatórios capazes de lançar luz sobre o seu lugar nos fluxos de trabalho realizados.

Portanto, a busca pela compreensão do lugar dessas fotografias nos trabalhos realizados pode nos fazer perceber, por exemplo, que ao realizar uma autópsia no Hospital Evandro Chagas, o patologista produz um documento - um protocolo - que registra a ação médica e recorre ao registro fotográfico como

recurso para capturar o resultado de seu trabalho, mantendo o momento da autópsia (tão importante para o estudo da patologia) em suspensão no tempo. Esse procedimento é diferente daquele de realizar o registro fotográfico de uma peça anatômica já coletada e analisada, conservada em museu. Nesse caso, a fotografia será utilizada para comunicar, ilustrar e ensinar o resultado do conhecimento acumulado pela da ação médica.

São intenções diferentes, sobre o mesmo referente como objeto da captura: a peça anatômica. No acervo do IOC temos registros de ambas as intenções. Nas imagens a seguir podemos notar duas abordagens bem diferentes:

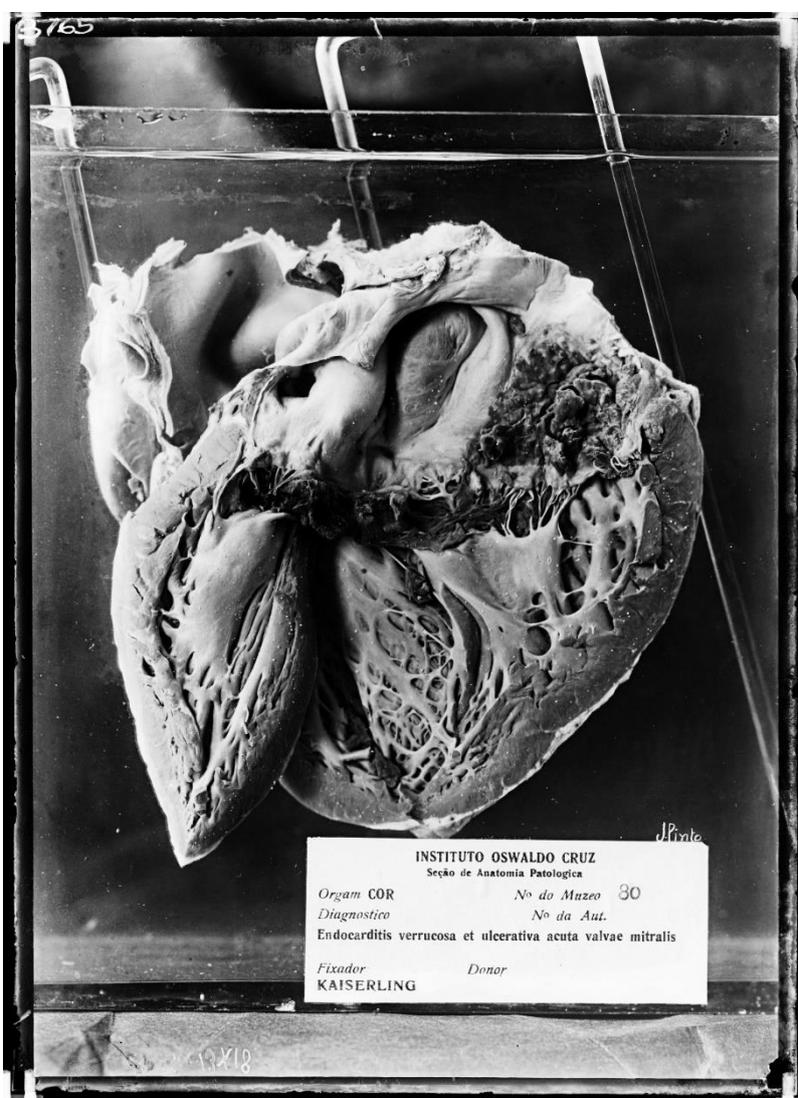


Figura 17 - Peça anatômica - coração, J. Pinto. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Na figura 17 podemos ver a imagem de um coração conservado no Museu da Patologia do IOC. A imagem, de J. Pinto, nos dá a ver a importância dessa peça para a coleção. O cuidado do fotógrafo em registrar os contrastes, profundidades e reentrâncias das fibras cardíacas, está associada àquilo que torna esta peça anatômica singular para o estudo da anatomia patológica: a lesão ulcerativa extensa que se mostra a partir do canto superior direito do órgão. Peça e fotografia, portanto, partilham funções semelhantes, o caráter instrucional e didático que esse material representava, conforme já apresentamos.

Para chegarmos a essa função, foi necessário que o patologista realizasse a intervenção no cadáver, retirasse o órgão, estudasse macro e microscopicamente. Estudado e categorizado, o coração entrou para a coleção de anatomia patológica, provavelmente por apresentar uma lesão identificada que possuía qualidades que a destacavam, fazendo da peça um exemplar relevante para conservação no Museu da Patologia.



Figura 18 - Peças de necropsia (Fotografia solicitada por Ydérzio Vianna). Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Ao considerarmos a imagem 18, um novo arranjo de sentidos nos é apresentado. Embora o conteúdo representado tenha similitudes com a imagem anterior, o contexto é distinto. A peça anatômica não repousa em um vidro, nem está arranjada de modo a facilitar a sua leitura (na imagem do coração podemos ver os suportes de vidro onde a peça era amarrada para que mantivesse a melhor visualização). Além disso, na figura 18 o tecido parece fresco, úmido. A luz rebrilha nas reentrâncias do tecido, e é possível ver umidade escorrendo sobre a mesa. O título da imagem nos dá uma pista de que se trata de um contexto de produção diferente.

Acreditamos que as duas imagens foram resultado de vontades distintas da parte de quem as fotografou. Na primeira, a intenção seria a de replicar o caráter didático e ilustrativo que a peça anatômica apresentaria, resultado do estudo e da pesquisa daquele órgão. Na segunda, a intenção seria a de registrar o momento da intervenção médica sobre o corpo do paciente; como etapa de trabalho do processo de estudo das doenças. Um registro que poderia ser encaminhado para compor o prontuário ou o relatório da autópsia.

2.4 Vidrinhos e vidrões: o Museu da Patologia do IOC

“Eu vejo um museu de grandes novidades” (Cazuza)

Conforme abordamos aqui, o Museu da Patologia funcionou durante seus primeiros anos no Castelo Mourisco, o pavilhão principal da fundação Oswaldo Cruz. Nele, as preparações de órgãos e tecidos - recolhidos em diversos serviços de autópsias da cidade, como nos hospitais da Santa Casa, São Francisco de Assis e São Sebastião – eram organizadas e dispostas em exposição.

Esse primeiro espaço do Museu da Patologia recebeu, em 1928 a visita de Léopold Négre, proeminente cientista do Instituto Pasteur, que teve seus relatos narrados pelo periódico *Brazil-Médico*, importante jornal especializado que era editado pela tradicional Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Nesse relato, extraído de um jornal francês, o médico apresenta suas impressões do IOC e diz que:

Notei a admirável instalação da biblioteca, o museu de anatomia pathológica onde são conservados, para instrução de alumnos, as peças interessantes grupadas por moléstias, correspondendo cada uma a um número que permite encontrar as observações do doente e as preparações histológicas feitas com os respectivos órgãos. Ligado ao Instituto existe um pequeno hospital para moléstias contagiosas facultando aos médicos acompanhar de perto as que constituem o objecto de suas pesquisas. Finalmente, no grande edifício central e nas contrucções annexas estão installados todos os serviços práticos: preparação de soros e de vaccinas, typrographia, serviço de photographia e de desenhos. (BRAZIL-MÉDICO..., 1918, p.468)

As instalações do Museu da Patologia que Négre visitou possivelmente são as mesmas que temos registradas em imagens fotográficas assinadas por J. Pinto. Nelas é possível visualizar um dos corredores do Museu que funcionava no 3º pavimento do Castelo, bem como frente do espaço, onde existia uma escada que dava acesso ao mezanino duplo de aço.



Figura 19 – [Vista de trecho do Museu de Anatomia Patológica], [1951], J. Pinto. Reprodução do Autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Na figura 19 podemos ver a área interna do Museu. À direita, as colunas que sustentavam a estrutura do mezanino, além da escada de acesso ao primeiro piso deste. À esquerda, é possível visualizar uma vitrine onde figuram as silhuetas dos frascos de vidro característicos do Museu da Patologia. Esses frascos, grandes e pequenos, em sua maioria com formato de paralelepípedo, eram fabricados na própria Instituição, no setor de fabricação de vidros e ampolas. Grande parte dos frascos que ainda existem no Museu da Patologia são remanescentes deste período em que o IOC fabricava seus próprios insumos vítreos.

Sobre essa imagem, é interessante destacar que, embora a data esteja atribuída como 1951, J. Pinto, que assina a fotografia no canto inferior direito, se aposenta do IOC em 1946, conforme os dados de seu assentamento funcional (ASSENTAMENTOS..., op. cit., s/p.), de modo que não poderia ter feito o registro fotográfico em 1951, inclusive pois, de acordo com o pesquisador Ricardo dos Santos, da Casa de Oswaldo Cruz, o fotógrafo faleceu em 1951 (SANTOS, 2017). Essas informações, portanto, nos indicam que a data desta fotografia é anterior a 1946.

Na imagem seguinte, figura 20, temos a parte frontal do salão onde o Museu funcionava. É possível ver os dois pavimentos do mezanino, apinhados de material e mobiliário. Nota-se a existência de outros elementos em exposição, não apenas os exemplares de anatomia patológica, mas também esculturas, pinturas e material encadernado. Logo em primeiro plano podemos ver um móvel do tipo gaveteiro/mapoteca, provavelmente utilizado para a guarda das lâminas histológicas da CSAP.

Na figura 21 podemos observar outra vista do corredor lateral do Museu. Dessa vez, a imagem foi feita do primeiro piso do mezanino, portanto, podemos identificar o piso térreo logo abaixo e ver o teto do castelo após o terceiro pavimento. Essa imagem nos mostra a forma de exposição das peças anatômicas. Ao menos duas vitrines repletas de vidros com exemplares podem ser observadas. A fotografia não deixa dúvidas quanto ao tamanho do Museu, bastando observar a profundidade e o pé direito para verificar que o salão que recebia a coleção era de grandes proporções.



Figura 20 - Vista parcial do Museu de Anatomia Patológica, [195-]. Reprodução do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 21 - Vista parcial do Museu, [1959]. Reprodução do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Em 1951, um novo prédio foi inaugurado no IOC, o pavilhão da Patologia (atual pavilhão Carlos Chagas). Esse novo espaço, com cinco andares, seria inteiramente dedicado aos estudos e pesquisas da Anatomia Patológica, demonstrando a importância que este segmento tinha nos trabalhos desenvolvidos pelo IOC.

O pavilhão da Patologia foi desenvolvido pela arquiteta Olenka Greve, sob constante supervisão do então diretor do IOC, Dr. Henrique Aragão. De caráter modernista, como outros prédios da gestão Aragão, o prédio da patologia assemelhava-se aos hospitais verticalizados característicos do período e possuía arquitetura limpa de detalhes decorativos, com organização interna focada na funcionalidade (OLIVEIRA, op. cit., p. 121). Sua relevância para o Museu da Patologia reside no fato do projeto ter sido desenvolvido contando com um espaço para a instalação do Museu.

Conforme podemos apurar das plantas assinada pela arquiteta Olenka Greve, o piso térreo da edificação era inteiramente voltado para instalação do Museu da Patologia, até então hospedado no pavilhão Mourisco. Na reprodução da planta que temos abaixo, destacamos o espaço do Museu da Patologia (vermelho), que se comunicava com o hall de entrada do edifício e com uma sala de preparação de peças (azul). A sala de preparação possuía um escritório em seu interior (verde). A estrutura se assemelhava a que o Museu da Patologia dispunha no Castelo, uma área de exibição e outra de apoio técnico, mas no caso do pavilhão da Patologia, é relevante salientar que as peças anatômicas eram exibidas em um pavilhão pensado para os trabalhos de anatomia, com uma área pensada e projetada especificamente para o Museu.

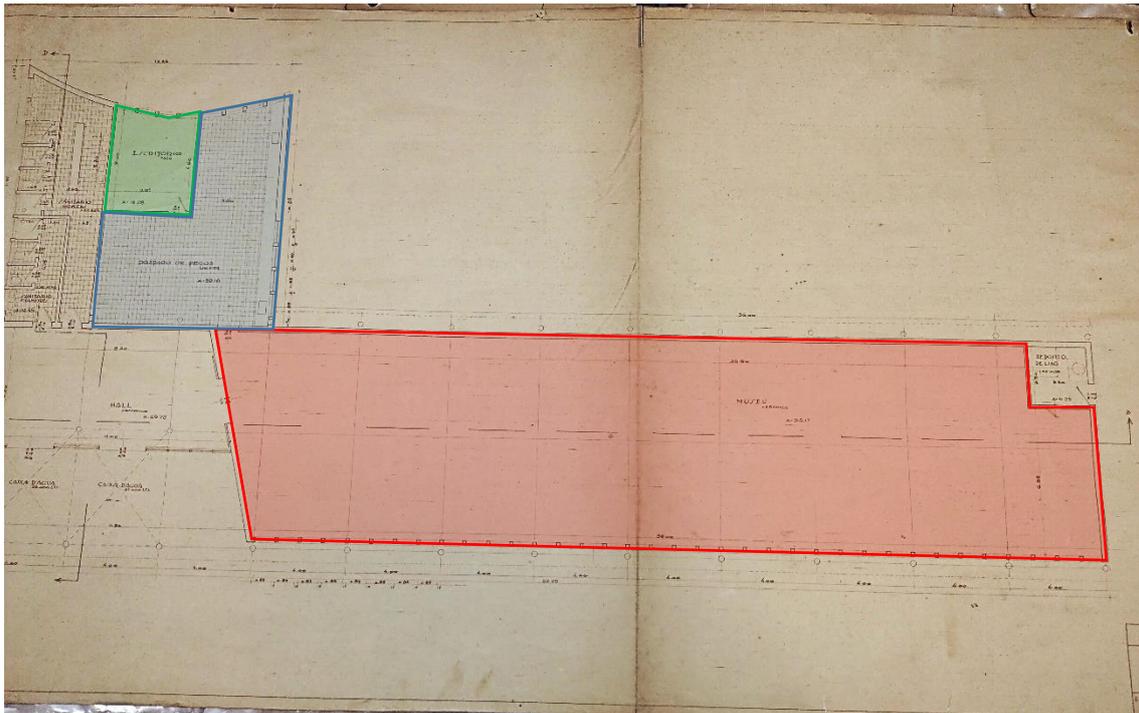


Figura 22 - Pavilhão da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz - pavimento térreo, Olenka Greve, s/d. Reprodução do autor com edição. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo Presidência

Não existem registros fotográficos que mostrem o interior do Museu quando estava instalado no pavilhão da Patologia, tampouco encontramos fontes que deem conta de quando aconteceu a transferência do acervo do castelo Mourisco para o novo edifício. Nas imagens do arquivo histórico temos apenas algumas fotos que podem nos dar indícios do período aproximado da transferência, uma vez que se tratam de duas imagens que mostram o salão do Castelo, onde ficava o Museu, vazio e em processo de obras ou demolição. Nessas imagens consta a data de julho de 1959, distante quase uma década da inauguração o pavilhão da Patologia. É possível que a transferência da coleção de anatomia patológica tenha levado quase uma década para acontecer, assim como é possível que os registros fotográficos sejam referentes ao processo de obra/demolição que citamos e podemos ver nas fotografias, e, portanto, nada tenham a ver com a data de transferência do Museu. Certo é que em 1959 o espaço do terceiro pavimento, anteriormente ocupado pela coleção de anatomia, já não tinha vestígios dessa coleção.



Figura 23 - [Detalhe do Museu de Anatomia Patológica], 1959. Reprodução do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 24 - [Detalhe do Museu de Anatomia Patológica], 1959. Reprodução do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

As peças do Museu da Patologia eram apresentadas com duas características marcantes: seus vidros - dos menores medindo um palmo aos maiores com tamanhos que passavam dos 30 cm de altura – e suas etiquetas, com as informações sobre a peça em questão.

Os recipientes de vidro eram produzidos pelo próprio Instituto, como já mencionado, na oficina de vidraria que existia desde a época de Oswaldo Cruz. Destinada principalmente à produção de ampolas para comercialização das vacinas e soros, o setor também produzia insumos de vidro que atendiam aos laboratórios.

As etiquetas do Museu eram igualmente preparadas na própria instituição, que contava, pelo menos desde a década de 1910, com uma oficina de tipografia e encadernação. Essa oficina era responsável por produzir toda a papelaria utilizada no dia a dia do IOC. O serviço de patologia utilizava usualmente o trabalho da oficina, que fornecia aos patologistas papel específico para fazer as fichas e protocolos de autópsias.

Para o Museu, a tipografia forneceu em 1924, 13.000 impressos para o registro de autópsias, além de duas mil etiquetas (INSTITUTO, op. cit., p. 9-10). Essas etiquetas ainda hoje podem ser observadas coladas nos frascos do Museu, sendo chamadas pela equipe da coleção de *etiquetas históricas*⁷⁶.

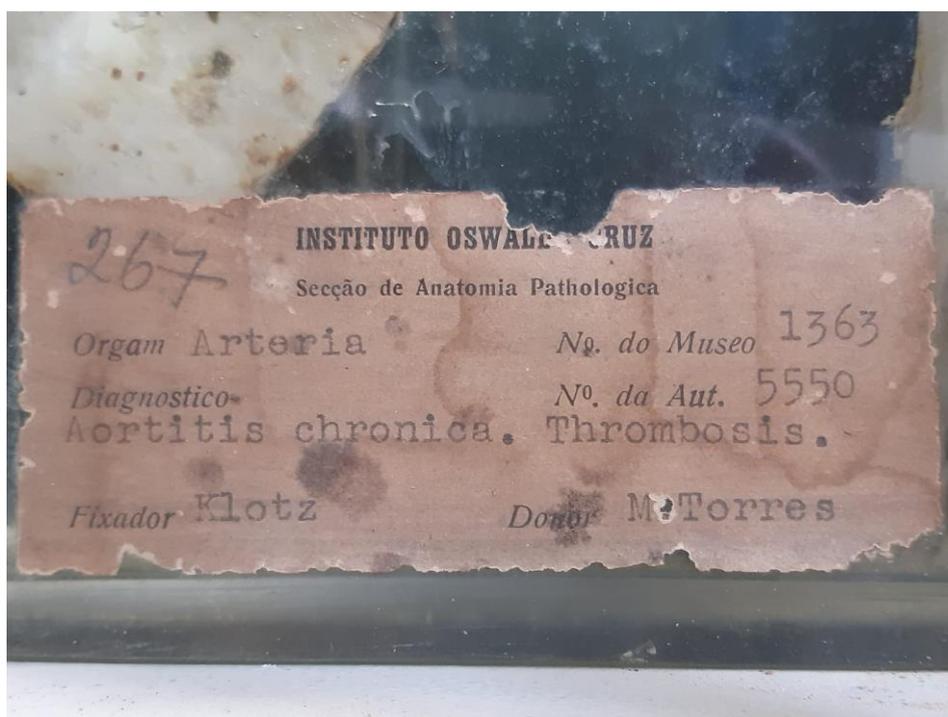


Figura 25 - Etiqueta histórica do Museu da Patologia. Acervo do autor.

⁷⁶ Como parte dos trabalhos desta pesquisa, realizamos a transcrição de todas as etiquetas históricas do Museu da Patologia. Ver apêndice E. Agradeço a equipe do Museu da Patologia pela ajuda fundamental no processo de fotografar todas as etiquetas para que pudéssemos realizar a transcrição.

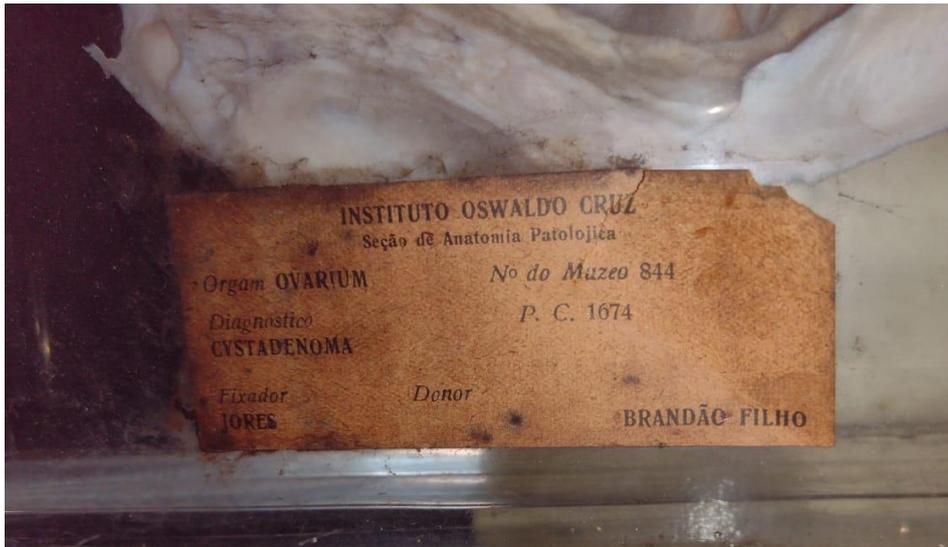


Figura 26 - Etiqueta histórica do Museu da Patologia. Acervo do autor.

Com pequenas variações de modelo, incluindo uma série em que a palavra "patológica" aparece assim, grafada com J, as etiquetas do Museu da Patologia apresentam seis campos: órgão, referindo-se a peça em questão; diagnóstico com o nome da moléstia que pode ser observada no estudo da peça; fixador, o meio líquido que opera a preservação dos tecidos; números do museu e da autópsia, o primeiro relativo ao item dentro da coleção e o segundo sendo o número relativo ao protocolo da autópsia realizada; por último, doador, sempre referindo-se ao médico patologista responsável pelo trabalho de necropsia e diagnóstico histopatológico.

O número da autópsia era, e ainda é, o segredo da fechadura. Era a partir dele que poderia ocorrer o cruzamento de informações entre a peça anatômica e os registros do paciente. Através do número da autópsia era possível recuperar o prontuário médico, a lâmina histológica e outras informações pertinentes ao histórico daquela peça anatômica na instituição.

Ao observarmos que tanto o Museu de Anatomia, quanto a Seção de Anatomia, se utilizavam de grande expediente de papelaria; e que nas imagens que temos do Museu instalado no Castelo Mourisco, a presença de farta documentação encadernada, além de mapotecas e armários sob a supervisão de um encarregado do espaço; podemos concluir que havia uma bem organizada documentação que dava conta de fornecer o suporte informacional necessário para a gestão da coleção, garantindo sentido ao material conservado e exposto.

Esse ordenamento lógico existia, e relacionava o acervo do Museu com os protocolos de autópsias feitas pela Seção de Anatomia Patológica. As fotografias, muito provavelmente, integravam esse esquema lógico que dava ao conjunto 'peça anatômica + protocolos de trabalho' sentido e possibilitava a pesquisa e recuperação de informações do material.

Essa afirmação que fazemos, encontra fôlego no depoimento da antiga funcionária do setor, Dra Itália Kerr. Itália deu seu depoimento a um projeto de história oral desenvolvido pela Fiocruz na década de 1990. Nas transcrições a que tivemos acesso, a bióloga relata que, na época em que foi trabalhar na Seção de Anatomia Patológica, em meados dos anos de 1940, a médica Rita Cardoso, patologista do IOC, era a curadora do Museu da Patologia. Kerr relata ainda que

A Anatomia Patológica começou a crescer e está precisando de um espaço, começou a se tornar muito importante, foi então quando o Instituto mandou construir um prédio, que seria só da Patologia e, esse Pavilhão Carlos Chagas, era todo da Patologia. Então havia parece quatro ou cinco seções, chamavam de Divisão de Patologia com as diferentes seções. Tinha a seção principal, que era Anatomia Patológica, quando mudou para lá o chefe já era o Magarinos Torres, que foi um grande pesquisador, fez grandes trabalhos sobre doença de Chagas e tinha a Hematologia, que mais tarde o chefe foi o Walter [Oswaldo] Cruz. Tinha de Fisiopatologia e Medicina Experimental. Bem, então o Museu foi transportado para lá, no andar térreo. Então, o primeiro contato que eu tive com uma coleção, relacionada com a Patologia, era o Museu. Até era uma senhora, uma médica de lá que era a curadora, que cuidava e tal, ia lá, via tudo. (KERR, 1998, p.53)

Já sobre o arquivo de protocolos de autópsias, a entrevistada relata a existência de grandes livros vermelhos, que inventariavam o material coletado, e assevera a relação imbricada entre o Museu e a própria Seção de Patologia, dirigida por Magarinos Torres. Ela relata que através das etiquetas das peças era possível localizar os protocolos de trabalho na Seção de Patologia. E diz:

E a Anatomia Patológica, os trabalhos da Anatomia Patológica, eram principalmente: autópsias, peças cirúrgicas que eles da seção, faziam as autópsias e o material era todo levado para ali e era estudado. E quando uma peça era interessante, era levada para o Museu. E de outros lugares também, às vezes, chegavam, aí diziam: "Olha, eu tenho uma peça muito interessante, vocês não querem como doação para colocar?". [...] Então, havia um protocolo, mas o protocolo mais importante desse Museu era da seção de Anatomia Patológica, porque como as autópsias eram da seção de Anatomia Patológica, o

protocolo todo era feito ali e ficava ali. Me lembro de uma estante, eram todos os livros grandes vermelhos e tal. Então, quando as pessoas queriam saber porque este museu era mais demonstrativo, a pessoa chegava lá olhava a peça e tudo, agora se estava interessado em saber, porque tinha no vidro tinha a etiqueta, dizendo o que que era, a proveniência e tudo, e tinha um número que a pessoa ia procurar. Então, dizia se era de autópsia ou se era peça cirúrgica. [...] As lâminas eram todas guardadas, arquivadas e os blocos de parafina, todos guardados direitinho. Então no final, vamos dizer assim, passou a ser uma coleção, porque vinha muita gente estudar. Eu mesma estudei muita coisa dali. Eu me lembro de consultar aqueles protocolos, tudo, quando eu estava interessada. Ah! Tem uma coisa assim parecida, vamos consultar lá na Anatomia Patológica procurar, não sei o que, falar com dr. Magarinos Torres, a gente procurava nos protocolos [...] (Ibidem, p. 54)

Infelizmente a maior parte da documentação da CSAP se perdeu. Os motivos que levaram a essa dissociação estão relacionados ao desmonte que foi promovido ao longo dos anos no Instituto. Em 1964, com o início do regime civil-militar, houve uma intervenção na diretoria do IOC, levando a saída do professor Joaquim Travassos da Rosa e a entrada de Rocha Lagoa, que teve uma passagem conturbada, marcada pela perseguição a cientistas e a interrupção de pesquisas. O processo ficou conhecido como o “Massacre de Manguinhos” e foi tema de livro escrito pelo pesquisador, e um dos funcionários cassados, Herman Lent⁷⁷.

É Lent quem nos narra o curioso acontecimento quando da posse de Rocha Lagoa: de acordo com o pesquisador, ao assumir a direção do IOC, Rocha Lagoa teria dito que seguia ordens do Pentágono, nos Estados Unidos da América. Lent caracteriza o ex-diretor como uma figura medíocre academicamente e claramente anticomunista. (LENT, 2029, p. 32-33)

Os anos que se seguiram caracterizaram a instituição como uma “fábrica de vacinas para o governo” (OLIVEIRA, op. cit, p.158). Rocha Lagoa saiu da direção para ser Ministro da Saúde e, até 1975, a instituição esteve em situação de abandono. Em 1975, quando assume o médico Olímpio da Fonseca, Manguinhos encontrava-se abandonado e danificado pelo tempo, com prédios em ruínas e problemas de toda ordem. (HAMILTON e AZEVEDO, 2001, p. 247)

⁷⁷ Cf.: LENT, Herman. O massacre de Manguinhos. Rio de Janeiro: Edições Livres, 2019. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/33216>

Em entrevista concedida à Casa de Oswaldo Cruz, Fonseca aponta que parte da degradação a que Manguinhos estava submetida, relacionava-se com a perda de legitimidade de que a instituição sofria. Para Fonseca, o caráter tecnológico e inovador da Fiocruz não conseguiu acompanhar as mudanças no país, o foco das pesquisas e a relevância científica da casa foi diminuindo e seu estado geral entrou em declínio (Ibidem, p. 245)

O “Massacre de Manguinhos” e os anos de abandono impactaram grandemente as coleções biológicas do IOC. Herman Lent, que aqui já citamos, era um dos maiores entomologistas de sua época, e teve suas coleções ameaçadas, inclusive a coleção viva de barbeiros de diversas espécies, mantida continuamente havia pelo menos 40 anos (LENT, op. cit., p.56). Parte desta coleção entomológica foi desmontada e armazenada no porão do Hospital Evandro Chagas. (COSTA, CERRI, *et al.*, 2008, p. 402)

Em que pese a situação em que se encontrava a instituição e algumas coleções biológicas, os relatos da Dra. Itália Kerr apontam para uma certa normalidade no que diz respeito ao Museu da Patologia. O único cientista do departamento de patologia atingido diretamente pelos desmandos de Rocha Lagoa, foi Walter Oswaldo Cruz, filho de Oswaldo Cruz e chefe da Seção de Hematologia. Seu laboratório foi desmontado, seus estagiários desligados e o financiamento das pesquisas suspenso. Dr. Walter faleceria pouco tempo depois.

O ponto chave no processo de desarticulação e destruição de parte do acervo da coleção de anatomia patológica, parece residir na conversão do Instituto Oswaldo Cruz em Fundação. Itália Kerr assume que na ocasião em que os departamentos (estrutura administrativa que estava sendo utilizada) são desfeitos, criando-se programas no lugar, a anatomia patológica se desfez, com diversos funcionários abandonando a nova Fundação ou mesmo trocando de setores internamente. É nesse momento que a bióloga relata que o Pavilhão da Patologia seria desativado para reformas, e todos os funcionários deveriam encontrar um novo local para exercer suas atividades (tanto fisicamente como do ponto de vista programático). Ao que tudo nos leva a entender, no desmonte do Pavilhão, em meio ao clima de desânimo que pairava sobre a instituição, a coleção do Museu da Patologia foi esquecida (KERR, op. cit., p.60).

A partir daí, a coleção ficou abandonada em um depósito por mais de uma década, junto com toda sorte de lixo e sucata. A perda de material atingiu diversos vidros com peças anatômicas, que se quebraram ao caírem das estantes que foram desmontando com o tempo. Todos os blocos de parafina foram perdidos e toda a documentação dos protocolos de autópsias e inventário da coleção foi queimada junto com refugos da gráfica da Fiocruz (Ibidem, p. 69-70). Itália Kerr foi a pesquisadora que empreendeu um processo de salvamento da coleção, realizando a recuperação dos acervos que encontrou e foi a responsável pela curadoria da coleção até sua aposentadoria.

As fotografias das peças anatômicas por pouco também não foram perdidas. Essas imagens, também carentes de documentos textuais que dessem maiores subsídios para o entendimento dos seus papéis institucionais, sofreram impactos menores pois não estavam guardadas junto ao material anatômico. Os negativos de vidro, por não pertencerem ao Museu, ficaram arquivados pela equipe do laboratório de fotografia e, em algum momento dos anos de 1960 (período em que o Instituto deixa de usar negativos de vidro) o material acumulado foi dispersado por diferentes pavilhões e teve um longo período de dormência até que ações institucionais que visavam à preservação da memória e do patrimônio cultural da Fundação Oswaldo Cruz o recuperassem, impedindo sua destruição e degradação, possibilitando o tratamento técnico e a disponibilização ao público.

CAPÍTULO 3 – O QUEBRA-CABEÇAS: RESTABELECENDO VÍNCULOS COM O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO CONJUNTO DOCUMENTAL.

No terceiro e último capítulo deste trabalho, buscamos apresentar a coleção de negativos de vidro com imagens de peças anatômicas que fazem parte do acervo do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz.

Esse conjunto fotográfico, *corpus empírico* de nosso trabalho, faz parte do fundo arquivístico Instituto Oswaldo Cruz. De acordo com o inventário deste fundo, seu recolhimento se deu ao longo da década de 1990, período em que os arquivos estavam armazenados em algumas partes da Fiocruz. Parte do acervo textual estava em posse da Superintendência de Administração Geral, enquanto parte do material fotográfico encontrava-se junto ao Museu do Instituto Oswaldo Cruz⁷⁸.

O quadro de arranjo do fundo IOC baseia-se na estrutura orgânica que o IOC teve ao longo das suas décadas de funcionamento. Dessa forma, o fundo é dividido em seções e séries, que refletem os setores do organograma da instituição. As fotografias de peças anatômicas compreendem um dossiê temático dentro da série do “Serviço de Fotografia”, com a subsérie, também em caráter temático, “atividades em laboratório”.

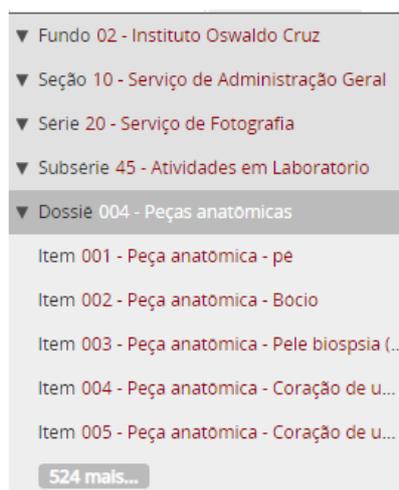


Figura 27 - Captura de tela da Base Arch mostrando os níveis do Fundo IOC.
Fonte: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/pecas-anatomicas>

⁷⁸ Atual Museu da Vida Fiocruz. Cf.: <https://www.museudavida.fiocruz.br/>

Neste capítulo, iremos abordar as marcas de produção e uso que os negativos em questão possuem, buscando, nelas, informações que elucidem parte de sua história arquivística. Em um segundo momento, buscaremos relacionar as imagens de peças anatômicas com seus entes de referência no Museu da Patologia, a partir da comparação visual entre peças e imagens. Por último, analisaremos a questão dos usos da fotografia de peças anatômicas no âmbito institucional, apontando a relação das imagens de peças anatômicas com a comunicação científica no IOC.

3.1 Negativos de vidro: marcas do tempo

O *corpus empírico* de nosso estudo é formado por um conjunto de negativos de vidro, no formato 9x12 ou 13x18 cm, com emulsão fotográfica formada por um meio ligante de gelatina e prata metálica como substância formadora da imagem. O material é composto por 529 negativos produzidos, presumivelmente, entre 1900 e 1960, data de uso desta técnica no âmbito do Instituto Oswaldo Cruz.

Toda fotografia é um objeto fisicamente composto de camadas (LAVÉDRINE, 2003, p. 22). No caso dos negativos de vidro e gelatina, o vidro serve de base para a emulsão, o meio onde a substância sensível à luz será distribuída. Nesta emulsão, serão dispersados os sais de prata, substância fotosensível que será responsável pela formação da imagem fotográfica.

Os negativos de vidro com gelatina foram introduzidos no mercado na segunda metade do século XIX, a partir de experiências desenvolvidas por diversos fotógrafos. Pavão explica que ao final do século, as chapas de gelatina permitiam rapidez no processo fotográfico e introduziram novas possibilidades de registro do mundo (PAVÃO, 1997, p. 39). As placas vinham cortadas em tamanhos pré-definidos e eram disponibilizadas em caixas.

Apesar da fragilidade do material do suporte, o vidro, a emulsão em gelatina era significativamente mais prática que as técnicas antecessoras, como o colódio úmido, que exigiam que o fotógrafo preparasse o negativo e o utilizasse quase imediatamente, pois uma vez seco, o colódio tornava-se uma substância plastificada e irreversível.

Embora os negativos de gelatina-prata tenham sido utilizados de maneira geral até os anos de 1930, quando são gradualmente substituídos por suportes plásticos e outros métodos, no Instituto Oswaldo Cruz, temos evidências do uso de negativos de vidro até a década de 1950. Na descrição do dossiê de peças anatômicas, na base de dados online da COC⁷⁹, na qual estão reunidas, consta a informação de que foram produzidos nos anos de 1950 sendo, possivelmente, parte dos últimos lotes de fotografias feitas com este tipo de negativo.

Alguns itens da coleção apresentam partes quebradas ou perdas na emulsão; contudo, o estado de conservação do conjunto é bom e todas as imagens possuem representantes digitais, frutos de um projeto de conservação e digitalização empreendido pela Casa de Oswaldo Cruz em 2012. O material encontra-se acondicionado em envelopes do tipo 'cruz', feitos com papel neutro ou alcalino de 60 a 80 g/m². Cada grupo de 5 negativos é acondicionado em envelope de papel de gramatura entre 180 e 300g/m². Por sua vez, conjuntos de envelopes são acondicionados em caixas reforçadas, preparadas especificamente para esse acervo, repousando em arquivos deslizantes instalados em sala climatizada e com acesso controlado.⁸⁰

Esse material foi reconhecido, em 2012, pela UNESCO como parte do programa Memória do Mundo, ratificando seu valor como patrimônio das ciências e da saúde.⁸¹

No âmbito da descrição arquivística, grande parte do conjunto encontra-se com lacunas nos campos de: data, título, âmbito e conteúdo. Esses campos, conforme proposta da “Norma brasileira de descrição arquivística” (NOBRADE, 2006) estão destinados a:

- Título: Identificar nominalmente a unidade de descrição.

⁷⁹ Base Arch, que utiliza a aplicação AtoM e está disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/>

⁸⁰ Recentemente o material de arquivo sob guarda do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz passou por uma transferência de depósito, tendo sido instalado em novo prédio no campus de Manguinhos, com área projetada e dedicada ao trabalho de gestão e conservação dos documentos. Cf.: https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2053#!mudanca_acervos_fiocruz6

⁸¹ Cf.: <https://shre.ink/caAn>

- Data: Informar a data da unidade de descrição, devendo indicar se data de produção, data-assunto, data de acumulação etc.
- Âmbito e conteúdo: Fornecer aos usuários informações relevantes ou complementares ao Título da unidade de descrição.

A ausência de informações mais precisas nos campos descritivos da base de dados chama a atenção para a necessidade do levantamento do contexto de produção das imagens. Ao considerarmos o nível dossiê, por exemplo, observamos, no campo âmbito e conteúdo, apenas a descrição “Aspectos de peças anatômicas usadas em estudos nos laboratórios” quando, pelas pesquisas do contexto de produção dessas imagens, sabemos que as fotografias de peças anatômicas eram resultado da conjunção de atuação de dois setores do IOC, o Serviço de Fotografias e a Seção de Anatomia Patológica.

As imagens de anatomia, conforme vimos, podem ser tanto o registro da ação médica direta (no caso da fotografia de uma peça recém coletada em uma necropsia) quanto o resultado da institucionalização do trabalho médico, no caso das fotografias de peças que compõe o acervo do Museu.

O próprio negativo fotográfico guarda consigo marcas que nos dão informações sobre sua história arquivística. Ao observarmos os negativos do dossiê de peças anatômicas, podemos notar intervenções realizadas pelo laboratório de fotografia do IOC, com intuito de organizar e dar uma lógica própria à identificação do material.



Figura 28 - Etiquetas coladas no negativo. Fotografia do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Na imagem acima, de um negativo de vidro do conjunto estudado. Nele, é possível verificar a existência de etiquetas em papel, padronizadas, com informações sobre a chapa. No canto superior direito, temos uma etiqueta que registra “Inst. Oswaldo Cruz. Coleção de fototipos” e, no canto superior esquerdo, uma etiqueta apresenta o tamanho da chapa e a identificação da caixa em que ela era guardada.

Do mesmo modo, algumas imagens positivas que localizamos no interior de prontuários médicos também possuíam um esquema de organização. Naquele contexto documental, todas recebiam anotações no verso, com informações sobre o nome do paciente, diagnóstico, data da fotografia e número do prontuário. Algumas estão acondicionadas em envelopes, como os da imagem abaixo.

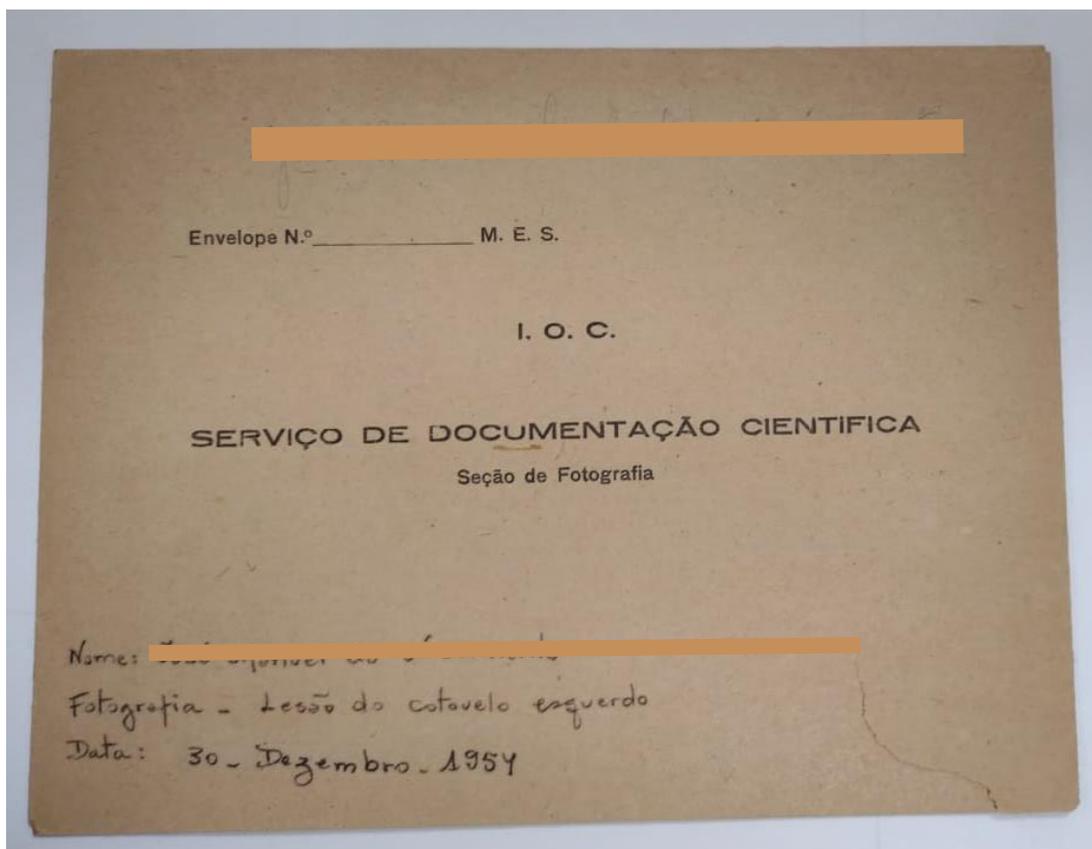


Figura 29 - Envelope para identificação de material fotográfico. Fotografia do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Os prontuários, já abordados no capítulo anterior, faziam parte do circuito de uso das imagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz. Sua constituição documental tinha caráter de dossiê, já que incluía todo tipo de anotação médica, resultados de exames e fotografias. Essa documentação foi importante para tentarmos restabelecer o contexto de produção das imagens do dossiê de peças anatômicas.

Outras intervenções que podemos identificar são as máscaras, em alguns negativos, feitas com objetivo de criar molduras, destaques e, assim, isolar partes da fotografia para usos específicos. As máscaras eram feitas com pinceladas de tinta para retoque de negativos. A maioria em preto ou branco, mas encontramos as cores vermelha e azul entre os itens observados.

A prática do retoque, comum nos negativos de vidro e gelatina, era empregada em fotografias de estúdio, conforme aponta Pereira em estudo sobre os retoques em negativos de vidro. A autora pontua que “O retoque do negativo, o objecto deste estudo, além de motivos estéticos foi realizado também para correcção de defeitos ópticos, dos materiais ou de processamento de imagem.”

(PEREIRA, 2010, p. 41). Dado o uso que as imagens tinham na ilustração de artigos científicos na revista institucional Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (que serão abordados neste capítulo), nos parece que os retoques das fotografias de peças anatômicas tinham tanto uma função estética, pois 'limpavam' a imagem para figurar nas ilustrações, como também uma função relacionada ao processamento, visto que facilitavam a leitura do foco da fotografia, a peça anatômica.



Figura 30 - Peças de necropsia (Fotografia solicitada por Wantuyl Cunha), 1956. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 31 - Retoques no negativo da imagem anterior. Registro do autor.
Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Nas imagens anteriores, é possível visualizar o efeito gerado pela máscara aplicada sobre a emulsão do negativo fotográfico. Pintada com pigmento vermelho, perfazendo uma moldura que deixa em evidência apenas aquilo que a imagem tem a função de comunicar, neste caso a peça anatômica e um número de registro colocado abaixo da peça.

Ao positivarmos a imagem, como na figura 30, o efeito gerado pelo retoque nos dá a sensação de que a peça anatômica está flutuando no vazio. Qualquer elemento secundário que seja estranho ao objeto fotografado é escondido pela máscara. Todo o foco recai sobre o objeto.

Sobre a técnica do retoque, temos que era necessário o uso de uma mesa de luz, que permitia visualizar o negativo e seus detalhes. Também faziam parte do processo “[...] pincéis, facas, aquarelas, vernizes, entre outros. [...]” (Ibidem, p. 44). É provável que esse material estivesse à disposição do laboratório do IOC. Se voltarmos na figura 8, podemos observar a mesa de luz e grande quantidade de materiais dispostos pela sala de fotografias.

Também localizamos máscaras feitas com papel cartão colado diretamente na emulsão; nestes casos, a máscara forma uma espécie de moldura que delimita o resultado final que será utilizado nas ilustrações. Na imagem abaixo, podemos perceber que parte deste papel cartão ainda se encontra aderida ao negativo, embora grande parte já tenha se desprendido.

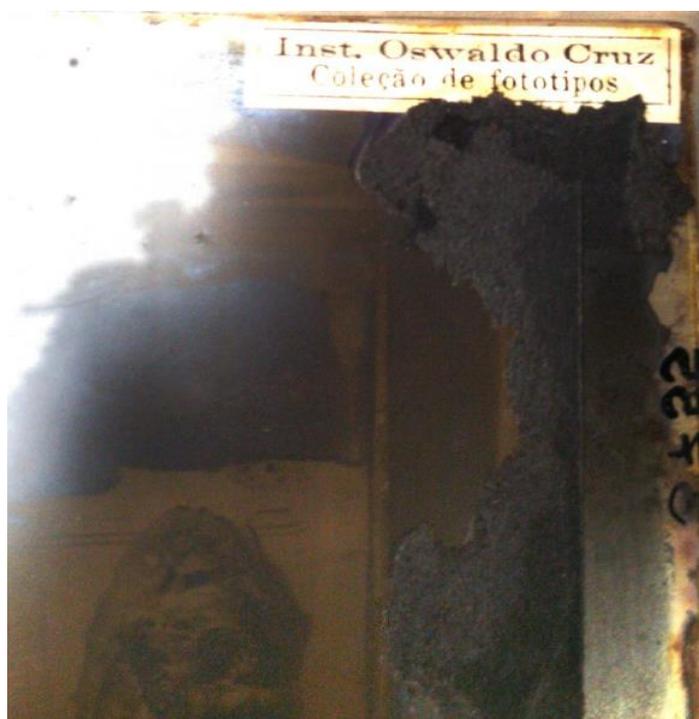


Figura 32 - Detalhe do negativo da figura 17. Registro do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

O negativo acima também nos deixa ver outra marca de produção e uso presente em peças do conjunto deste dossiê. São anotações numéricas feitas à caneta, também diretamente sobre a emulsão. Essas anotações parecem fazer parte de uma lógica de identificação dada às chapas, no âmbito do próprio Serviço de Fotografias. Não é possível, contudo, compreender essa lógica, dadas as circunstâncias que discutimos no capítulo anterior. A perda de documentação e a própria longevidade do Serviço de Fotografias dentro do IOC

permitiram a acumulação de marcas de uso, muito provavelmente, de épocas e momentos distintos, que hoje são apenas indícios de uma intenção lógica que existia por trás da extensa produção de fotografias.

Um elemento que pode auxiliar em prospecções futuras sobre contexto documentário desses registros é o arquivo-fichário, que está sob a guarda do Departamento de Arquivo e Documentação da COC, porém ainda não tratado, o que torna, o acesso mais dificultoso⁸². Futuramente, com a apropriada identificação e organização deste material, podem surgir informações que nos ajudem a restabelecer esses elementos marcados diretamente nas chapas de vidro. Essas fichas apontam para a possível existência de um sistema de informações e de controle que ligava o negativo fotográfico ao solicitante da fotografia, uma vez que o Serviço de Fotografias concentrava as demandas dos trabalhos fotográficos do IOC, atendendo a todas os setores. Com base na informação do solicitante, e com pesquisas, seria possível localizar a origem da demanda pelas imagens, o que poderia facilitar seu entendimento.

3.2 As imagens de peças anatômicas e seus entes de referência

Como parte central dos objetivos dessa pesquisa, buscamos restabelecer vínculos entre a produção de fotografias de peças anatômicas, no âmbito da produção científica do IOC, e os referentes que deram origem às imagens, no caso, as peças anatômicas no Museu da Patologia.

Dadas as condições de produção e acumulação do material fotográfico, carente de suportes documentais diversos que ofereçam subsídios para compreender a intenção de documentar visualmente a produção científica do Instituto; e considerando o contexto institucional que levou à destruição de parte do acervo do Museu da Patologia e da integralidade de seus documentos técnicos e de apoio, o trabalho proposto sempre apresentou-se como um desafio.

Tentar juntar diferentes peças de uma quebra-cabeças incompleto não é tarefa simples. Um caminho que se impôs, e que originou a escrita do

⁸² Durante as pesquisas para esse trabalho, cogitamos uma prospecção nesse material. Contudo, sua extensão e a as frentes de trabalho que já estavam em aberto, não permitiram a inclusão deste conjunto de fichas no escopo do trabalho. Fica aqui registrada a ideia para uma pesquisa futura.

segundo capítulo foi a necessidade de criar um grande quadro de contexto, que nos aproximasse das relações institucionais que originavam documentos de arquivo, no âmbito do IOC. Esse contexto de produção é crucial pois, nas palavras de Joan Schwartz:

[...] fotografias são documentos, criados por um desejo, com a finalidade de transmitir uma mensagem a um público. Para entendê-las como produtos de uma ação e transações, sejam elas burocráticas ou socioculturais, devemos retorná-las à ação da qual elas participaram. É este contexto funcional que transforma imagens fotográficas em documentos de arquivo. (SCHAWARTZ, 1995, p. 42)

Lacerda também apresenta a importância do levantamento do contexto de produção, inclusive afirmando que, para conjuntos que sofreram perdas e tiveram sua totalidade alterada, o processo de entendimento das relações de acumulação na entidade produtora podem restabelecer virtualmente vínculos não mais existentes. Ela diz:

O esforço deve ser no sentido de investigar as razões da concepção e do nascimento do arquivo ou coleção, seu desenvolvimento no tempo, os atores envolvidos no processo (especialmente em se tratando de arquivos pessoais e de coleções), os sentidos investidos na documentação pelo produtor ou guardador, as práticas que nortearam a produção das imagens, as funções que elas representaram no ambiente doméstico ou institucional do qual são substratos importantes, dentre outros aspectos relevantes. Todo esse entendimento precisa ser buscado de forma a dotar a documentação de um contexto esclarecedor sobre sua trajetória. Um arquivo desmembrado pode ser virtualmente reunido graças a uma boa pesquisa sobre a história de formação e guarda do conjunto, por exemplo. O mesmo se aplica a coleções que foram dispersas. Também se constitui como de valor uma informação que esclareça ao pesquisador que ele está diante de um extrato documental de um conjunto que na origem foi muito mais íntegro e orgânico, e que foi objeto de várias intervenções, intencionais ou não, responsáveis pela redução de seu volume. (LACERDA, 2013, p. 242-243)

Ao montar esse quadro de contexto, não criamos apenas subsídios para definir um método de pesquisa. Fortalecemos o caráter documental das imagens do dossiê de peças anatômicas, aproximando-as das particularidades da produção de fotografias deste tipo e restabelecendo laços com a produção científica do Instituto.

Esse trabalho nos permitiu identificar as duas intenções de fotografar peças anatômicas que aqui já apresentamos: as peças no ato médico da autópsia e as peças no ambiente institucionalizado do Museu.

Como método para tentar recuperar os vínculos das primeiras, nos debruçamos na produção de material de pesquisa dos cientistas e dos diferentes setores do IOC como, por exemplo, nos prontuários de pacientes do Hospital Evandro Chagas, nos documentos de Emmanuel Dias em Bambuí etc. A esse respeito, entraremos mais profundamente no próximo item deste capítulo.

Para as fotografias que apresentam peças anatômicas, no âmbito do Museu da Patologia, foi realizado um trabalho de conferência peça a peça, comparando-as com as imagens do dossiê de fotografias. Esse trabalho foi gentilmente realizado pela equipe do Museu da Patologia, que fez a conferência e, com a *expertise* que possuem e seu conhecimento da coleção, fizeram os apontamentos que trazemos a seguir:

Código de referência: BR RJCOC 02-10-20-45-004-119

Número atual do Museu da Patologia: 0014



Figura 33 - Peça anatômica - Feto. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 34 - Peça anatômica - feto. Fotografia e acervo do Museu da Patologia/LABPAT

Código de referência: BR RJCOC 02-10-20-45-004-165

Número atual do Museu da Patologia: 0352



Figura 35 - Feto bicéfalo (Fotografia solicitada por Dr. Azevedo). Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 36 - Peça anatômica - feto. Fotografia e acervo do Museu da Patologia/LABPAT

Código de referência: BR RJCOC 02-10-20-45-004-052

Número atual do Museu da Patologia: 0728

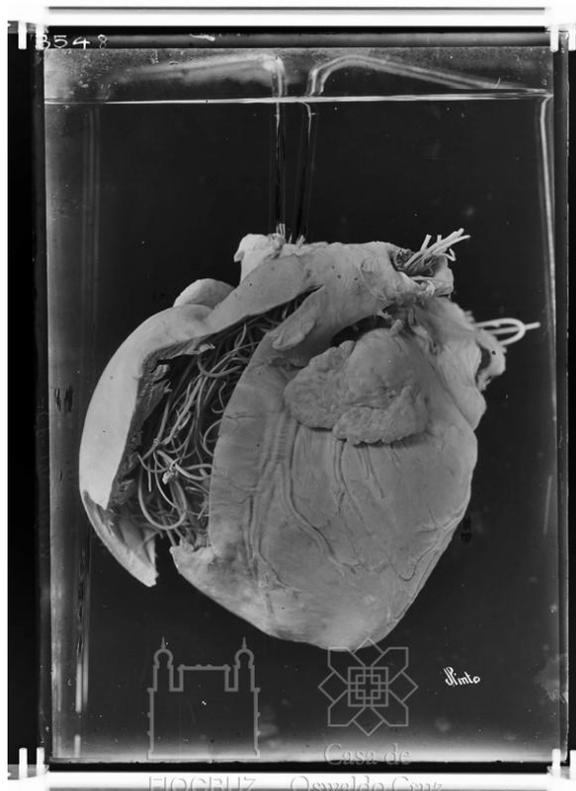


Figura 37 - Peça anatômica - Coração com helmintos. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

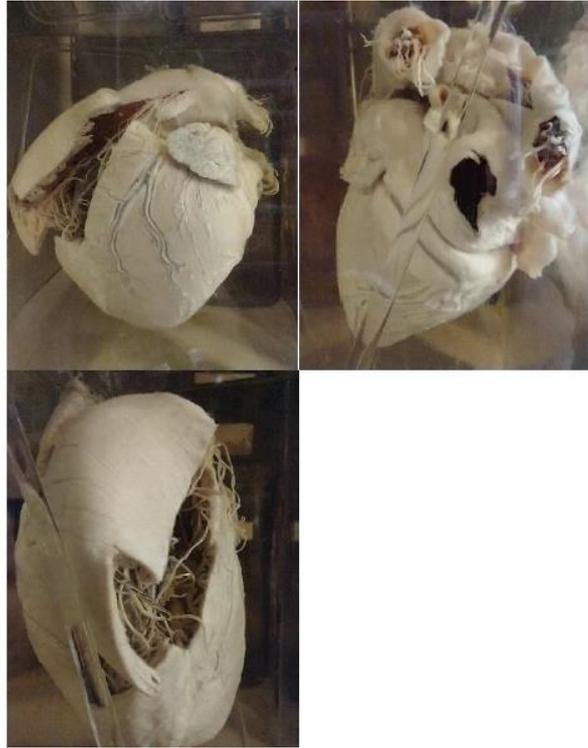


Figura 38 - Peça anatômica - coração com helmintos. Fotografia e acervo do Museu da Patologia/LABPAT

Código de referência: BR RJCOC 02-10-20-45-004-122

Número atual do Museu da Patologia: 0139



Figura 39 - Peça anatômica – Feto. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 40 - Peça anatômica - feto. Fotografia e acervo do Museu da Patologia/LABPAT

Código de referência: BR RJCOC 02-10-20-45-004-136

Número atual do Museu da Patologia: 0560

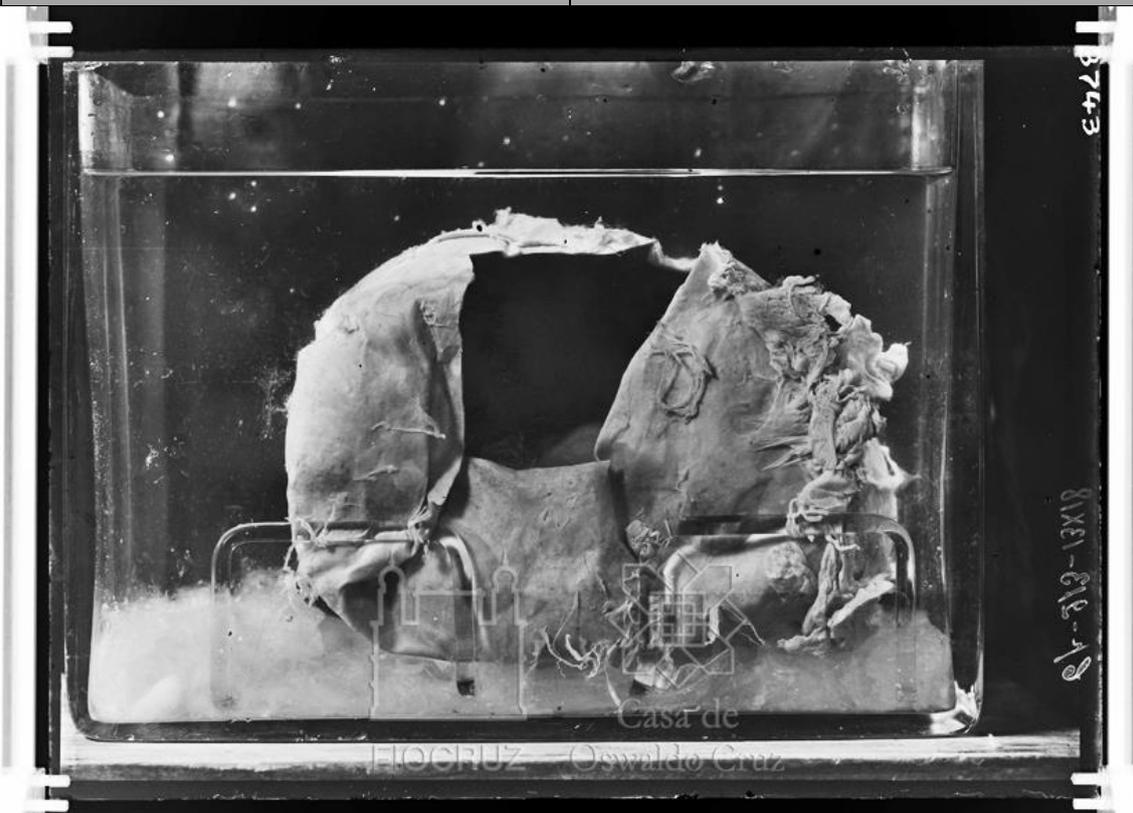


Figura 41 - Peça anatômica - Útero. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 42 - Peça anatômica - útero. Fotografia e acervo do Museu da Patologia/LABPAT

Código de referência: BR RJCOC 02-10-20-45-004-166

Número atual do Museu da Patologia: 0617



Figura 43 - Peça anatômica - Útero com fibromas múltiplos. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 44 - Peça anatômica - Útero com fibromas múltiplos. Fotografia e acervo do Museu da Patologia/LABPAT

Código de referência: BR RJCOC 02-
10-20-45-004-207

Número atual do Museu da Patologia:
0832



Figura 45 - Peça anatômica - Crânio. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC



Figura 46 - Peça anatômica - crânio. Fotografia e acervo do Museu da Patologia/LABPAT

Até o momento, essas são as peças localizadas no acervo do Museu da Patologia e que tiveram sua conexão com os negativos de vidro confirmadas.

O trabalho de comparação de peças e imagens é permeado de variáveis, tais como: mudanças no estado de conservação da peça (notar o crânio acima apresentado, no qual observa-se que o tecido se desprende do osso); posição em que a fotografia original foi tirada (para peças muito grandes, a manipulação dos vidros é mais difícil, e a observação em vários ângulos dificultada) e a própria qualidade da fotografia; além disso, muitas peças do Museu da Anatomia não possuem etiquetas ou outra informação identificatória.

Essas variáveis nos dizem que, além dos sete casos acima descritos, outros podem existir. O ideal, neste caso, seria realizar a digitalização de todo o acervo do Museu da Patologia, o que permitiria uma comparação em alta resolução. Um projeto deste tipo traria muitos benefícios, tanto para o arquivo da COC, como para o próprio Museu da Patologia que, atualmente, não possui seu acervo digitalizado.

A fim de tentar localizar mais peças que pudessem se correlacionar com fotografias do dossiê, realizamos o cruzamento de dados que aparecem em

algumas imagens, como etiquetas ou números anotados, e os comparamos com os registros de autópsias e prontuários que pesquisamos, além das transcrições das etiquetas históricas do Museu da Patologia. Das quase 600 imagens do dossiê, menos de 20 possuíam algum tipo de numeração ou etiqueta visível, e nenhuma delas correspondeu aos dados que tínhamos disponíveis.

A quantidade de fotografias de peças que temos no arquivo, frente à quantidade pequena de resultados positivos entre fotografia e referente, nos levam a crer que grande parte do acervo de fotografias se refere a peças e itens que não existem mais no Museu da Patologia. Podem ser, portanto, os últimos registros de peças que fizeram parte da história da coleção anatômica e das pesquisas científicas do IOC.

Das imagens que conseguimos localizar e correlacionar, novas informações podem ser obtidas e inseridas na base de dados da COC, fortalecendo o caráter documental do acervo fotográfico e reconstruindo conexões com seus entes de referência.

3.3 As peças anatômicas em diversas perspectivas de uso

No último item deste capítulo, gostaríamos de abordar a presença das peças anatômicas em diversas instâncias de realização do trabalho científico realizado pelo Instituto Oswaldo Cruz e as funções que esse material tinha na instituição.

No caso das fotografias de peças anatômicas do dossiê em estudo, a principal função observada é a ilustração de artigos científicos publicados na revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Esse periódico condensava as descobertas e pesquisas dos cientistas do Instituto.

A primeira fotografia publicada nas Memórias faz parte de um artigo de 1910, de autoria do pesquisador Dr. Fontes. Intitulado “Estudos sobre a tuberculose”⁸³, o artigo traz uma única imagem de fotomicrografia, uma vista da estrutura celular de um baço contaminado com a doença.

A partir desse ano, as imagens (comumente referidas como estampas) se tornam presença constante nas ilustrações dos artigos. Muitas fotografias são

⁸³ Cf.: <https://www.scielo.br/j/mioc/a/mqWvvtpVNGHMYLXV3qHzdWb/?format=pdf&lang=pt>

acompanhadas do número da autópsia, nome ou iniciais do paciente, além de outras informações relevantes para o estudo do caso clínico.

É o caso do artigo “Endocardites sépticas (contribuição etiopatogênicas)”⁸⁴ dos Drs. Guilherme Lacorte e Mario Santos. O texto, publicado em 1944, apresenta um estudo bacteriológico das infecções do coração, a partir de um conjunto de casos observados no Hospital São Francisco de Assis. São apresentados vinte casos de pacientes que faleceram e tiveram suas autópsias realizadas pelos patologistas do IOC. Esses casos clínicos são acompanhados de fotografias do coração do paciente e, em alguns casos, também de outros tipos de imagens (radiografias, fotomicrografias, etc.).

As imagens são acompanhadas dos dados do diagnóstico anatomopatológico. Esses diagnósticos eram feitos pelos patologistas do IOC e faziam parte dos prontuários dos pacientes. Abaixo, a título de exemplo, temos o diagnóstico de um paciente do HEC.

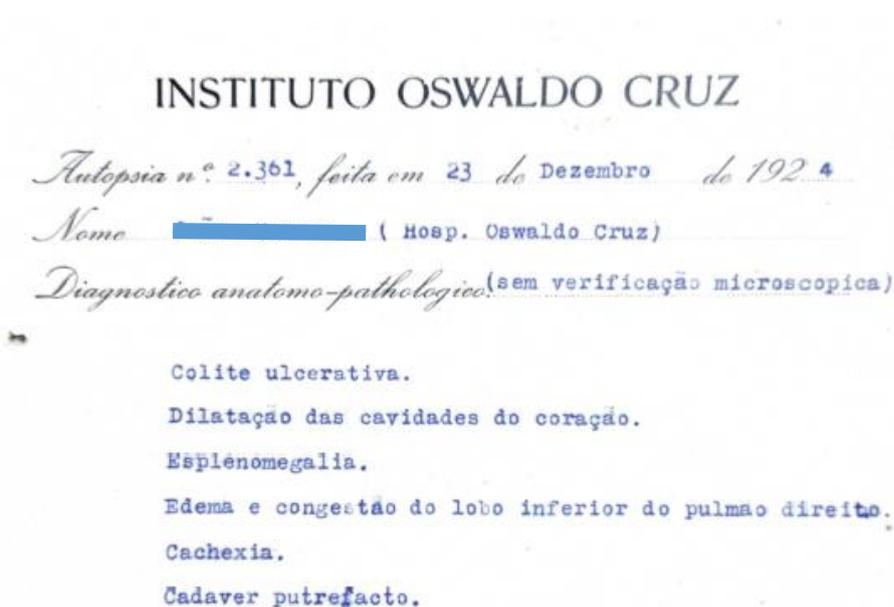


Figura 47 - Diagnóstico anatomopatológico de J.S. Autópsia nº 2361. Fotografia do Autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Com as informações presentes nos diagnósticos, e com as fotografias dos corações, os autores construíram sua argumentação sobre a

⁸⁴ Cf.: <https://www.scielo.br/j/mioc/a/pHq57FWGLp3vnrYxJKWP9sg/?format=pdf&lang=pt>

doença. As imagens utilizadas são de órgãos que se encontram no Museu da Patologia, o que pode ser percebido pela presença do vidro e dos suportes característicos das peças do Museu.

Das vinte fotografias apresentadas no artigo, conseguimos localizar onze no dossiê de peças anatômicas. Também cruzamos os dados dos registros de autópsias associados aos casos descritos, com os números das etiquetas do Museu da Patologia, na tentativa de localizar as peças na atual coleção do Museu. Contudo, o cruzamento de dados não trouxe informações.

Realizamos um levantamento em todos os artigos publicados nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, no período que corresponde ao uso dos negativos de vidros no IOC (1900-1960). A partir daí, todos os artigos que apresentavam imagens de peças anatômicas foram separados para cruzamento de dados com o dossiê. Deste trabalho, diversos artigos tiveram suas fotografias compatibilizadas com as do dossiê de peças anatômicas. O resumo deste trabalho pode ser visto no apêndice F, onde apresentamos o nome do artigo, os autores e a data de publicação; seguidas pelas informações da imagem que foi utilizada na ilustração (código de referência, título e outras informações). Essa tabela configura-se como uma importante contribuição deste trabalho, pois permitirá que as equipes do Departamento de Arquivo e Documentação alimentem a base de dados e ampliem o escopo informacional do dossiê de peças anatômicas.

O cruzamento dessas informações permitirá o aprimoramento da base de dados da Casa de Oswaldo Cruz. Os campos de âmbito e conteúdo e história administrativa/biografia, podem ser aprofundados com as informações de uso das imagens na ilustração dos artigos. É possível, ainda, relacioná-las com verbetes de pesquisadores e aprimorar os campos de data e título, incluindo o tipo de peça anatômica (o órgão em questão), o solicitante da imagem, a data de publicação do artigo etc. Essas informações, embora pontuais, podem dar sentido a arquivos que pouco dizem atualmente. Se posto em prática um projeto de digitalização das peças do Museu da Patologia, não resta dúvida de que surgirão também peças do Museu que figuram nestes artigos das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz.

Ao analisarmos os prontuários do Hospital Evandro Chagas, também localizamos informações importantes para o contexto da pesquisa. Por meio dos relatórios de autópsias, presentes em alguns prontuários, pudemos cruzar a numeração do relatório com as etiquetas do Museu da Patologia. Desse processo, três números apareceram em duplicata, indicando que seria possível identificar quais peças se relacionam com quais pacientes. Isso, na prática, significa que é possível recuperar parte do encadeamento lógico de informações que existia no Museu da Patologia, tal qual apresentado por Itália Kerr, e que narramos no capítulo anterior.

Dessa forma, a peça anatômica de número de autópsia 4736, um baço, com diagnóstico de esplenomegalia e hiperplasia dos folículos linfoides, doada pelo Dr. Magarinos Torres, pertence ao paciente A.S. Esse paciente deu entrada no HEC em 23 de janeiro de 1926, ocasião em que foi aberto o prontuário de número 167.

Com essa conexão estabelecida, podemos saber o histórico clínico da peça anatômica da coleção de anatomia patológica. O prontuário do paciente possui diversos documentos que mostram a sua progressão dentro do Hospital Evandro Chagas onde, comumente, era realizado o exame de anamnese, no qual o paciente relatava as queixas e o médico realizava diversas anotações referentes às condições socioculturais e familiares dos pacientes. (SANTOS, 2019, p.231) Além disso, no decorrer da estadia no hospital, exames de sangue, urina, reações para detecção de moléstias infecciosas, mapa de terapêutica etc., eram produzidos e passavam a integrar os prontuários.

Cada moléstia determinava um certo padrão de exames e tratamento a ser realizado. Para os pacientes chagásicos, os eletrocardiogramas geravam traçados do batimento cardíaco que apontavam para o grau de comprometimento do coração. Para a suspeita de sífilis, era realizada a Reação de Wasserman. Todos esses procedimentos eram feitos no próprio HEC, que possuía estrutura de grande hospital, com energia elétrica, refrigeração e laboratórios. (Ibidem, p. 206)

No caso do prontuário citado anteriormente, a morte do paciente levou à realização de uma autópsia, que gerou um relatório. Esse relatório, protocolado

com um número único, é que nos permitiu o cruzamento de dados. A autópsia foi realizada pelo patologista Burle de Figueiredo e resultou na extração do material para conservação no Museu da Patologia. (PRONTUÁRIO 167..., 1926, s/p)

Archivada - n. 162

Sahida n.º _____

Data de saída 14-1-1927



Entrada n.º 449

Data de entrada 29-1-1926

Nome [Redacted] (Escreva por extenso) Stevens Idade 46 an. Sexo Mas.

Estado civil Casado Nacionalidade Brasileira Côr Bruna

Residência Rua Senina Procedencia Amama

Vacinado? Sim Profissão Levador

Logar do nascimento Minas Data do nascimento 24 de Agosto

Condição ao entrar _____

Enfermaria n.º _____

Serviço do Dr. _____ Assist.: _____

Médico int.

Diagnostico provisorio _____

Diagnostico positivo Syphilis gummata ulcerosa fulceroformis

Operação _____

Condição ao sair: Alta — curado — melhor — a pedido — Obito.

Notas Este doente foi recomunicado pelo propylaxia, Amel.

[Signature] Médico chefe

Assistente

Figura 48 - Capa do prontuário 167. Reprodução do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Outros dois registros que conseguimos localizar são referentes às peças anatômicas, com o número de autópsia 5284 e 5395. Trata-se de dois fígados

acometidos pelo tifo icteróide, uma das denominações da febre amarela. As peças foram doadas pelo Dr. Magarinos Torres e pertenciam a dois pacientes que faleceram, em virtude da febre amarela. Por coincidência, ambos eram estrangeiros.

E.S., masculino, 26 anos, era suíço e residia no Brasil há um ano, trabalhando no bairro da Penha. Quando chegou ao HEC, já se encontrava em avançado estado febril e desorientado, morrendo 12 horas após a chegada (PRONTUÁRIO A161..., 1928, s/p).

O segundo paciente, J.F., masculino, 39 anos, era português e trabalhava como estucador na Ilha das Cobras, zona central da cidade do Rio de Janeiro. Deu entrada no Hospital com vômitos negros, pulso rápido e febre alta. Após cinco dias, faleceu e foi autopsiado por Magarinos Torres (PRONTUÁRIO 366..., 1929, s/p).

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Seção de Anatomia Pathologica
OSWALDO CRUZ
Serviço do Hospital

Enfermaria n. _____ Leito n. _____
Nome _____
Tm. do Inst. Osw. Cruz _____

Autopsia n. 5234 feita em 23 de Julho de 1928
pelo Dr. Magarinos Torres

Diagnóstico anatomico:

- Febre amarella.
- Petechias no estomago e no endocardio.
- Conteúdo hemorrhagico do estomago.
- Infarcto hemorrhagico no lobo superior do pulmão direito.
- Hemorrhagias no lobo inferior do pulmão direito.
- Pericardite adhesiva chronica fibrosa.
- Bocio colloide.
- Degeneração dos rins.
- Degeneração e hyperplasia do figado.

Figura 49 - Diagnóstico anatomopatológico. Prontuário A161. Reprodução do autor. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fundo IOC

Com espaço de mais de um ano entre um paciente e outro, ambos os doentes sucumbiram da mesma patologia e foram submetidos ao processo de autópsia pelo mesmo médico. Entre as peças do Museu da Patologia, existem

outros fígados de pacientes com febre amarela, o que nos mostra que Magarinos Torres estava formando um conjunto de órgãos com as mesmas características anatomopatológicas. Esse trabalho parece apropriado às funções que essas peças teriam dentro do Museu da Patologia: caráter didático, de ensino e pesquisa, e para a ilustração de artigos científicos.

A partir da observação dos diversos caminhos documentais encontrados, podemos traçar o perfil de um sistema lógico que organizava as informações produzidas pelos trabalhos desenvolvidos no IOC, tanto os de fotografia como de patologia. Assim, resta claro que havia um sistema de organização próprio do Serviço de Fotografias, que dava conta de organizar os negativos fotográficos e utilizava marcas e etiquetas para os organizar.

Havia também o sistema de informações formado pelo prontuário do paciente, que funcionava como um dossiê que congregava diversos documentos produzidos no âmbito da estadia do paciente no Hospital. Entre esses documentos, tínhamos os relatórios de autópsias e os diagnósticos anatomopatológicos. Esse trabalho, por vezes, contava com registros fotográficos, como retratos do paciente, fotografias das lesões e, no caso daqueles que não resistiam, fotos de peças anatômicas. Esses registros se relacionavam, principalmente, através do nome do paciente, número do prontuário e número da autópsia.

Contudo, os documentos dos prontuários não eram os únicos que diziam respeito às peças anatômicas. As peças do Museu da Patologia, tinham um sistema de documentação próprio, conforme relatado pela pesquisadora Itália Kerr. Esse sistema dialogava com os registros de pacientes, permitindo relacionar as peças com o histórico médico de cada um. Tudo indica que, neste caso, o número da autópsia era o item chave para essa identificação.

Por fim, devemos salientar que essas imagens (assim como outras produzidas no IOC) integravam as ilustrações de diversos artigos científicos publicados pelos médicos e pesquisadores. Ao entrarem nestes artigos, as imagens funcionavam como elementos de fortalecimento da elucidação do caso médico, de instrução e de prova das descobertas realizadas.

Ao destacarmos todos esses sistemas informacionais, resta evidente que haviam muitas instâncias de produção, acumulação e controle do material fotográfico, nenhum deles, contudo, restou íntegro. Os registros remanescentes desta lógica informacional nos ajudam a reconstruir, em parte, esse sistema de arquivos no seu período mais produtivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada buscou relacionar a produção de fotografias científicas, no âmbito do Instituto Oswaldo Cruz, com as práticas de anatomia patológica desenvolvidas nesta mesma instituição. Para isso, foi necessário estabelecer que a fotografia, surgida no século XIX, ganha o status de ícone e índice do mundo visível. Além disso, a função documentária da fotografia logo será atribuída ao seu caráter objetivo, mediado por meios mecânicos e químicos. Essa sedução pela objetividade mecânica será a tônica da entrada da fotografia no campo dos registros científicos, fazendo frente ao desenho e a pintura.

Conforme vimos, no Instituto Oswaldo Cruz, criando em 1900 e dirigido nos seus anos iniciais por Oswaldo Cruz, a fotografia logo foi incorporada às atividades institucionais, com a contratação do fotógrafo J. Pinto. Essa ação mostra que havia uma vontade, por parte da instituição, em incorporar técnicas modernas e já utilizadas no campo científico, no que a fotografia, revestida das ideias de modernidade, objetividade, rapidez e confiabilidade, encontrou fértil terreno para seu desenvolvimento. Foi desta maneira que o laboratório fotográfico de J. Pinto foi definitivamente instalado no castelo Mourisco, espaço nobre da instituição.

Da mesma forma, os estudos de anatomia e patologia, ainda em franco desenvolvimento, rapidamente tornam-se um campo importante a ser desenvolvido em Manguinhos. Para isso, a instituição não poupará esforços ao trazer patologistas estrangeiros, montar laboratórios nos principais hospitais da cidade e constituir uma coleção biológica de anatomia e patologia, também instalada no edifício sede do IOC, embrião do que seria o Museu da Patologia.

Essas duas instâncias profissionais da instituição, vão, ao longo de pelo menos seis décadas, produzir e acumular documentos multifacetados: documentação textual, imagens fotográficas e peças anatômicas; que se interligavam e compunham um sistema documentário que, infelizmente, foi perdido. E é dos resultados desta fragmentação de sentidos, que nasce o problema desta pesquisa.

Ao iniciarmos este trabalho, haviam apenas indícios dos caminhos a seguir. No decorrer da pesquisa, estes indícios se fortaleceram e deram corpo

ao trabalho de consulta aos arquivos. A partir da consulta ao material de arquivo e da pesquisa em bibliografia consolidada no campo da história de IOC, as reminiscências deste passado lógico; do encadeamento de atos e efeitos de produzir documentos fotográficos de peças anatômicas; puderam ser parcialmente recuperadas, restituindo certo grau de sentido ao *corpus empírico* de nosso trabalho e apontando caminhos possíveis para a ampliação desse sentido.

Ao longo do trabalho, começamos a imaginar a possível existência de um modelo ideal de análise, que encontraria uma situação empiricamente possível de ser organizada. Esse modelo seria caracterizado por uma fotografia que tivesse seu ente de referência localizado no Museu da Patologia e, a partir daí, poderíamos encontrar o prontuário que deu origem ao duplo peça-foto e sua publicação em um artigo das Memórias.

Esse seria o arco perfeito que, infelizmente, não foi possível ser comprovado. O trabalho com a localização e identificação de fontes apresenta muitos obstáculos, o mais central sendo o fato de que esses registros foram produzidos e unidos no passado por uma vontade institucional e operaram num cotidiano de atividades mas que, hoje, se encontram apartados e apresentando muitas lacunas para que seja possível uma aproximação mais nítida com o cenário de sua origem e funcionamento.

Esperamos, com esse trabalho, que os níveis de descrição do dossiê de peças anatômicas possam ser ampliados permitindo, aos pesquisadores, melhores condições de compreensão do material de arquivo. Além disso, esperamos que os cruzamentos de dados e números de autópsias possam contribuir com o Museu da Patologia, no aprimoramento de seus mecanismos de gestão da informação.

REFERÊNCIAS

Fontes

ASSENTAMENTOS funcionais. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. 1900 – 1969 Fundo IOC.

BASTOS Dias. **[Nota de compra]**. Rio de Janeiro, 1916a. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo OC/IOC/06 (microfilmagem).

BASTOS Dias. **[Nota de compra]**. Rio de Janeiro, 1916b. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo OC/IOC/06 (microfilmagem).

BASTOS Dias. **[Nota de compra]**. Rio de Janeiro, 1921. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo OC/IOC/06 (microfilmagem).

BRASIL. **Decreto nº 5.156, de 8 de março de 1904.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-5156-8-marco-1904-517631-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRAZIL-MÉDICO: Revista semanal de medicina e cirurgia. [Periódico] v.42, p.1, jan-jun., 1928. Disponível em: <https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=130>. Fev/2023

CASA de Oswaldo Cruz. **Projeto Digitalização do acervo de negativos de vidro do Instituto Oswaldo Cruz:** a experiência do Departamento de Arquivo Documentação da COC. Rio de Janeiro: COC/FIOCRUZ, s/d, (mimeo).

DIAS, Emmanuel. **Instruções para as eventualidades de morte por doença de Chagas.** Bambuí: 1945. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo René Rachou/Caixa 24.

EASTMAN Kodak Company. **Correspondência.** Rochester, NY, 23 de dezembro de 1915. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo OC/IOC/06 (microfilmagem).

EASTMAN Kodak Company. **Correspondência**. Rochester, NY, março de 1916. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo OC/IOC/06 (microfilmagem).

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. *Ato da Presidência nº 056/87 – PR*, 15.05.1987a. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/ato_presidencia_56.pdf

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. *Ato da Presidência nº 221/85 – PR*, 19.11.1985. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/ato_presidencia_221.pdf

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. Relatório Técnico nº 2. Casa de Oswaldo Cruz, Projeto: Organização e Ampliação Iconográfica do Museu do Instituto Oswaldo Cruz, 1987b.

GREVE, Henrique Ernesto. **Memória justificativa do levantamento topográfico do Instituto “Oswaldo Cruz”, em Manguinhos, nesta capital**. Rio de Janeiro: 1945. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação, caixa não tratada IOC.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **[Relatório 1912]**. [1913]. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **[Relatório 1915]**. [1916]. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **[Relatório 1919]**. [1920]. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **[Relatório 1920]**. 1921. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **[Relatório 1921]**. [1922]. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **[Relatório 1923]**. [1924]. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **[Relatório 1936]**. 1937. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **Ano de 1924** 1925. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **Projeto de remodelação do I.O.C. apresentado ao Ministro da Educação em 22-7-1936**. 1936 Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação, caixa não tratada IOC.

INSTITUTO Oswaldo Cruz. **Relatório de 1913 apresentado em 15-2-1914**. 1914. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/Série Administração Geral.

KERR, I. G. A. **Itália Kerr. Entrevista de História Oral**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COC, 1998.

LIMA, H. Rocha. **Correspondência**. Berlim, 19 de outubro de 1901. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Oswaldo Cruz. Transcrição disponível em: <https://busca.oswaldocruz.fiocruz.br:3000/?f%5Bmissivistas%5D%5B%5D=Lima,%20Henrique%20Rocha> (dez/2022)

PRONTUÁRIO 167. Rio de Janeiro: 1926. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/HEC/Prontuários

PRONTUÁRIO 702. Bambuí: 1949. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/HEC/Série Administração/Caixa 331.

PRONTUÁRIO A161. Rio de Janeiro: 1928. Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo IOC/HEC/Prontuários

Outros arquivos consultados:

Casa de Oswaldo Cruz/DAD/FIOCRUZ

Fundo IOC/Série administração geral/Cópias de ofícios

Fundo IOC/HEC/Série Prontuários

Fundo IOC/HEC/Série administração

Fundo IOC/Seção de Patologia

Fundo IOC/Seção de Patologia/Iconográfico (pastas suspensas)

Fundo IOC/Não tratado (iconográfico e textual)

Fundo OC/Correspondências

Fundo OC/Instituto Oswaldo Cruz

Fundo René Rachou/Bambuí

Fundo Presidência/Prefeitura do Campus/Plantas

Museu da Patologia/LABPAT/IOC/FIOCRUZ

Etiquetas históricas

Inventário CSAP

Biblioteca de Manguinhos/ICICT/FIOCRUZ

Obras raras digitalizadas

Cartas de Oswaldo Cruz transcritas

Teses e dissertações digitalizadas

Arquivo Nacional

Fundo Agência Nacional/Iconográfico

Biblioteca Nacional

Hemeroteca Digital

Obras raras digitalizadas

Bibliografia

AQUINO, Rubim Santos Leão de. [et. al.] **Sociedade Brasileira: uma história através dos movimentos sociais: da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo**. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

ARAGÃO, Henrique de Beurepaire. Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro, vol. 48, 1950.

ARQUIVO Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

AZEVEDO, M. C. **Um olhar sobre o sertão**: as fotografias do relatório da expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2016.

BAATZ, S. Biology in nineteenth-century america: the Wistar Museum of Anatomy. In: MAZZOLINI, R. **Non-verbal communication in Science prior to 1900**. Firenze: LSO, 1993.

BARTHES, R. **Câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENCHIMOL, J. L. **Manguinhos do sonho a vida**: a ciência na Belle Époque. Jaime L. Benchimol (coord.) reimpressão atualizada. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

BESSER, M. The Anatomical Enlightenment. **Austin Journal of Surgery**, 2015.

BITTENCOURT, José Neves. Gabinetes de Curiosidades e Museus: sobre tradição e rompimento. **Anais do Museu Histórico Nacional**, vol. 28, 1996, p. 7-19.

CABRAL, D. Instituto Soroterápico Federal. **Arquivo Nacional**, 2018. Disponível em: <<http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/649-instituto-soroterapico-federal>>. Acesso em: dez 2022.

CALABRE, Lia. "Política Cultural no Brasil: um histórico." In CALABRE, Lia (org.) **Políticas Culturais**: diálogos indispensáveis. p. 9 – 20. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

CALABRE, Lia. "Políticas culturais no Brasil: balanço e perspectivas." In RUBIM, Antonio A. C. **Políticas Culturais no Brasil**. p. 87 – 107 Salvador: EDUFBA, 2007.

CAMARGO, Célia. "Centros de documentação e pesquisa histórica: uma trajetória de três décadas." In **CPDOC 30 anos**. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2003.

CARNEIRO, A. P. F. D. **O Médico e o fotógrafo: relações entre arte e ciência nos retratos da psiquiatria**. Orientação: Francisco Romulo Monte Ferreira. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Bioquímica. Rio de Janeiro. 2021.

CASA de Oswaldo Cruz. **Arquivos nada Secretos da Saúde no Brasil**. Casa de Oswaldo Cruz; Ilustração de Bárbara Mello. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2014.

CASA de Oswaldo Cruz. **Programa de Conservação e Restauração de Acervos**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2017.

CASA de Oswaldo Cruz. **Programa de Tratamento Técnico de Acervos**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2015.

CHAGAS, Mário de Souza. "Memória Política e Política de Memória." In **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. CHGAS, M. ABREU, R. (orgs.) 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (1930-1940)**. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017.

CLODE, J. J. P. E. História da fotografia e da sua aplicação à medicina. **Cadernos de Otorrinolaringologia Clínica, Investigação e Inovação**, 10 dezembro 2010 [PDF] Disponível em: <http://cadernosorl.com/artigos/13/2.pdf>. 1-23.

COSTA, J. et al. Coleção entomológica do Instituto Oswaldo Cruz: resgate de acervo científico-histórico disperso pelo Massacre de Manguinhos. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 2, p. 401 - 410, abr-jun 2008.

DANSEREAU, François. The Portrayal of Gender in Health Care: An Examination of Hospital Photographic Archives. **Archivaria**, 90 (November), p. 6-43, 2020. Disponível em: <https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13753>.

DASTON, L. As imagens da objectividade: a fotografia e o mapa. In: GIL, F. **A ciência tal qual se faz**. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1999.

DASTON, L.; GALISON, P. **Objectivity**. Nova Iorque : Zone Books, 2010.

DELICANA, A.; BASTOS, C. O corpo medicalizado nos museus. In: CASCAIS, A. F. **Olhares sobre a cultura visual da Medicina em Portugal**. Alfragide: Unyleya/CECL, 2014. p. 38-66.

DONNADIEU, A.-L. **La photographie des objets immergés**. Paris: Charles Mendel Éditeur, c.1901.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papiрус, 1993.

DURANTI, L. Diplomats: New Uses for an Old Science, Part I. **Archivaria**, Vol. 28, Jan. 1989, pp. 7-27, <https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/11567>.

DURANTI, L. Diplomats: New Uses for an Old Science, Part II. **Archivaria**, Vol. 29, Jan. 1989, <https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/11605>.

DURANTI, L. Diplomats: New Uses for an Old Science, Part III. **Archivaria**, Vol. 30, Jan. 1990, <https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/11659>

DURANTI, L. Diplomats: New Uses for an Old Science, Part IV. **Archivaria**, Vol. 31, Jan. 1990, <https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/11716>

FABRIS, A. Atestados de presença: a fotografia como instrumento científico. **Locus: revista de História**, v. 8 n. 1, 2002 Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20552>.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14 ed. atual. e ampl. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. **A Ciência a caminho da roça**: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1992.

GULCZYNSKI, J.; AL, E. Short history of autopsy: part II. From the second half of the 16th century to contemporary times. **Pol. Journal Pathology**, 2010.

HAMILTON, W.; AZEVEDO, N. Um estranho no ninho: memórias de um ex-presidente da Fiocruz. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. III, p. 237 - 264, mar-jun 2001.

HEREDIA Herrera, Antonia. A fotografia em arquivos. **Revista Photo & Documento**. Nº2, segunda edição, 2016.

HOBSBAWM, E. J. **A Era do Capital 1848-1875**. Tradução: Luciano Costa Neto. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000

KOUTSOUKOS, S. S. M. No estúdio do photographo, o rito da pose: Brasil, segunda metade do século XIX. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 1-25, 2007.

KUMAR, Vinay. [et. al.] **Robbins**: Patologia Básica. Tradução de Cláudia Coanna [et. al.] Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

LACERDA, A. L. D. Quatro variações em torno do tema acervos fotográficos. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 239-248, 2013.

LACERDA, Aline Lopes de. A construção do castelo de Manguinhos no arquivo fotográfico do Instituto Oswaldo Cruz. **Hist. cienc. Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n. 2, 2020, p. 667-686.

LACERDA, Aline Lopes de. **A Fotografia dos Arquivos**: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à Febre Amarela no Brasil. Orientador: Ana Maria de Almeida Camargo. São Paulo: 2008.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012, p.283-302.

LAVÉDRINE, B. **A guide to the preventive conservation of photograph collections**. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2003.

LIMA, Ana Luce Girão. PINTO, Maria Marta Saavedro. Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 10(3), p. 1037-1051, set-dez, 2003.

LONDE, A. **La photographie médicale**: application aux sciences médicales et physiologiques. Paris: Gauthier-Villars et fils, 1893.

LOUREIRO, Érica de Castro. **Conhecimento e memória na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz**: reflexões e elementos para a construção de iniciativas de memória organizacional / Orientador: Ricardo Medeiros Pimenta. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, 2016.

MALVERDES, A.; LOPEZ, A. P. A. A fotografia e seus tentáculos: interpretações possíveis no universo dos arquivos. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 8, n. 1, p. 24-45, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/103427>.

MARIZ, Ana Carla A. e CORDEIRO, Rosa Inês. A importância do contexto para as fotografias de arquivos: uma análise de literatura. **Comunicação apresentada no XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)**, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103030>

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público." In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, V. 11, P. 89-103, 1998.

MONTEIRO, Narcilene Santos da Silva. Democratizar a informação para o desenvolvimento do conhecimento: a ampliação do acesso ao acervo documental das ciências e da saúde na Fiocruz. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n.1, jan.-mar. 2019, p.299-318.

NOBRADE. **Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

OLIVEIRA, B. T. D. **Um lugar para a ciência**: a formação do campus de Manguinhos. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

OLIVEIRA, Barbara C. E. P. D de. PELAJO-MACHADO, Marcelo. Museu da Patologia: gestão e áreas de atuação. **Anais do I Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural-Científico: Planos integrados de preservação**. Carla M. Teixeira Coelho [et. al.] (org.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ; FCRB; FAPERJ, 2011.

OLIVEIRA, R. L.; CONDURU, R. Nas frestas entre ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz. **História, ciência e saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n.2, mai- ago 2004.

PAVÃO, L. **Conservação de Coleções de fotografia**. 1ª. ed. Lisboa: Dinalivro, 1997.

PEREIRA, C. O retoque do negativo fotográfico Estudo de uma coleção do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa. **Estudos de conservação e restauro**, Porto, v. 2, p. 38-57, 2010. ISSN 1647-2098.

RANGEL, M. F. A construção de um Patrimônio Científico: a coleção Costa Lima. In: RANGEL, M. F.; GRANATO, M. **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, v. 1, 2009. p. 3-34.

REBOUÇAS, M. M. Um processo do conhecimento contemporâneo 1879 – 1956. **Instituto Biológico de São Paulo**, [on-line]. Disponível em: <<http://www.biologico.sp.gov.br/page/nossa-gente/henrique-da-rocha-lima>>. Acesso em: dez 2022.

REIS, J. C.; GUERRA, A.; BRAGA, M. Ciência e arte: relações improváveis? **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13, (suplemento), p. 71-87, outubro 2006.

REIS, R. **A "grande família" do Instituto Oswaldo Cruz**: a contribuição dos trabalhadores auxiliares dos cientistas no início do século XX. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense. Orientadora: Maria Ciavatta. Niterói: UFF, 2018.

ROUILLÉ, A. **Fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Tradução: Constancia Egreja. São Paulo: SENAC, 2009.

SANTOS, R. A. D. O fotógrafo Joaquim Pinto da Silva, o J. Pinto (1884-1951) e a Fundação Oswaldo Cruz. **Brasiliana Fotográfica**, 2017. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=10616>>. Acesso em: fev 2023.

SANTOS, R. S. D. C. **O Instituto Oswaldo Cruz e seus hospitais**: médicos, pacientes e suas mazelas rurais e urbanas (1909-1930). Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.

SCHAWARTZ, J. M. We make our tools and our tolls make us: lessons from photographs for the practice, politics and poetics of Diplomats. **Archivaria**, Ottawa, v. 40, p. 40-74, 1995.

SCHWARTZ, Joan M. Records of simple truth and precision: photography, archives, and the illusion of control. **Archivaria** nº 50, p 1 – 40, 2000

SCHWARTZ, Joan M. COOK, TERRY. Archives, Records, and Power: The Making of Modern Memory. **Archival Science**. Holanda: Kluwer Academic Publishers, 2002, p. 1-19.

SEKULLA, A. The body and the archive. In: BOLTON, R. **The contest of meaning: critical histories of photography**. [S.I.]: MIT, 1999. p. 342-389.

SEKULA, Allan. "Reading an Archive" in **The Photography Reader**, WELLS, L. (edit.) Routledge, 2002, p.443 – 452

SICARD, M. **A fábrica do olhar: imagens de ciência e aparelhos de visão (séc XV-XX)**. Coimbra: Edições 70, 2006.

SILVA, J. R. Fotografia e ciência: a utopia da imagem objetiva e seus usos nas ciências e na medicina. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciência e Humanidades**, Belém, v. 9, n.2, p. 343-360, mai-ago 2014.

SILVA, R. N. D.; BARBOZA, C. H. D. M. História e memória de vidro: as fotografias brasileiras do eclipse de 1919 em Sobral. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n.3, p. 983-1000, jul-set 2020.

STEPAN, N. **Picturing tropical nature**. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

TAGG, J. Evidence, truth and order: a means of surveillance. In: EVANS, J.; HALL, S. **Visual culture: the reader**. Londres: Sage/The Open University, 1999. p. 244-273.

TAGG, J. **The disciplinary frame: photographic truths and the capture of meaning**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

TARTAGLIA, A. R. D. S. **As encadernações das coleções de obras raras e especiais da Casa de Oswaldo Cruz: um estudo para sua preservação**. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2018.

THIELEN, E. V. **Imagens da saúde do Brasil: a fotografia na institucionalização da saúde pública**. Dissertação de Mestrado (História) Orientadora: Yara Maria Aun Khoury. São Paulo: PUC-São Paulo, 1992.

TRÖHLER, U. Tracing emotions, concepts and realities in history: the Göttingen collection of perinatal medicine. In: MAZZOLINI, R. **Non-verbal communication in Science prior to 1900**. Firenze: LSO, 1993.

WADSWORTH, W. S. **Post-mortem examinations.** Filadélfia: W.B Sander Company, 1915.

APÊNDICES

Apêndice A – Lista de pesquisadores do IOC (1900 – 1917)

Nome (ordem alf.)	Ano de entrada
Adolpho Lutz	1908
Alcides Godoy	1903
Ângelo Moreira da Costa Lima	1913
Antônio Cardoso Fontes	1900
Artur Moses	1908
Artur Neiva	1906
Barão de Pedro Afonso	1900
Carlos Bastos Magarinos Torres **	1912
Carlos Ribeiro Justiniano Chagas	1905
Cezar Guerreiro **	1911
Ezequiel Caetano Dias	1900
Gaspar de Oliveira Vianna **	1909
Gustav Giensa *	1908
Henrique da Rocha Lima **	1903
Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão	1904
Henrique Figueiredo de Vasconcellos	1900
José Gomes de Faria	1917
Lauro Pereira Travassos	1913
Max Hartmann *	1909
Olympio Ribeiro da Fonseca Filho	1917
Oswaldo Gonçalves Cruz	1900
Raul de Almeida Magalhães	1904
Stanislas Von Prowazek *	1909

* Os 3 cientistas alemães atuavam em Hamburgo quando foram contratados temporariamente para desenvolver serviços de aprimoramento no IOC. O projeto foi realizado por uma parceria do Consulado do Brasil em Hamburgo com o Senado da Alemanha.

** Cientistas que sabemos terem atuado nos trabalhos de anatomia patológica.

Apêndice B – Lista de diretores/presidentes da Fundação Oswaldo Cruz (1900 – 2023)

Nome	Período
Diretor	
Barão de Pedro Afonso	1900 – 1902
Oswaldo Cruz	1902 – 1917
Carlos Chagas	1917 – 1934
Cardoso Fontes	1934 – 1942
Henrique Aragão	1942 – 1949
Olympio da Fonseca	1949 – 1953
Cássio Miranda	1953 – 1954
Francisco Laranja	1954 – 1955
Antônio Augusto Xavier	1955 – 1958

Almícar Vianna Martins	1958 – 1960
Tito Arcoverde	1960 – 1961
Joaquim Travassos da Rosa	1962 – 1964
Rocha Lagoa	1964 – 1969
Guilherme Lacôrte	1969 – 1970
Presidente	
Oswaldo Cruz Filho	1970 – 1972
Oswaldo Lopes da Costa	1972 – 1975
Vinicius Fonseca	1975 – 1979
Guilardo Alves	1979 – 1985
Sérgio Arouca	1985 – 1989
Akira Homma	1989 – 1990
Luis Fernando da Rocha	1990
Hermann Schatzmayr	1990 – 1992
Euclides Ayres de Castilho	1992
Carlos Morel	1992 – 1997
Eloi Garcia	1997 – 2000
Paulo Buss	2000 – 2008
Paulo Gadelha	2009 – 2016
Nísia Trindade	2017 – 2022
Mário Moreira	Em exercício

Apêndice C - Quantitativo de trabalhos realizados pela Seção de Anatomia Patológica (1918 – 1926, 1931 – 1934 e 1936)

Ano	Autópsias	Peças cirúrgicas
1918	74	19
1919	193	96
1920	221	246
1921	251	394
1922	154	427
1923	274	607
1924	201	710
1925	135	697
1926	144	603
1931	478	153
1932	139	N/D
1933	508	124
1934	395	442
1936	286	599

Apêndice D – Quantitativo de trabalhos realizados pelo Serviço de Fotografia – por trabalho e por ano

Ano	Trabalho realizado	Quantidade
------------	---------------------------	-------------------

1923	Macrofotografias com 6 fotocópias de cada	272
	Macrofotografias com 6 fotocópias de cada	73
	Quadros 50x65 organizados com fotografias para a exposição do Centenário de Pasteur, em Strasbourg	10
	Diapositivos para lanterna de projeção, para a mesma exposição do Centenário de Pasteur, em Strasbourg	140
1924	Microfotografias tamanho 9x12	106
	Microfotografias tamanho 13x18	9
	Macrofotografias tamanho 13x18	9
	Macrofotografias tamanho 18x24	3
	Ampliação tamanho 50x60	1
	Fotocópias do arquivo fotográfico: Doente e bichos tamanho 13x18	130
	Vistas panorâmicas para propaganda do Instituto O. Cruz tamanho 13x18	25
	Retratos do Dr. Oswaldo Cruz tamanho 13x18	15
	Retratos do Dr. Oswaldo Cruz tamanho 18x24	6
	Diapositivos para projeção luminosa tamanho 8.1/2x10	28
1926	Microfotografia em tamanho 13x18	11
	Microfotografia em tamanho 9x12	97
	Macrofotografia em tamanho 13x18	123
	Macrofotografia em tamanho 9x12	11
	Macrofotografia em tamanho 18x24	10
	Ampliação em tamanho 18x24	1
	Fotocópias do arquivo fotográfico	122
	Diapositivos em tamanho 8.1/2x10	178

1932	Microfotografias acompanhadas de 3 fotocópias tamanho 9x12	111
	Microfotografias acompanhadas de 3 fotocópias tamanho 13x18	29
	Microfotografias acompanhadas de 3 fotocópias tamanho 9x12	36
	Microfotografias acompanhadas de 3 fotocópias tamanho 13x12	180
	Microfotografias acompanhadas de 3 fotocópias tamanho 18x24	15
	Diapositivos para projeção 8/2x10	70
	Fotocópias sobressalentes do arquivo fotográfico tamanho 13x18	87
	Fotocópias sobressalentes do arquivo fotográfico tamanho 18x29	176
	Fotocópias sobressalentes do arquivo fotográfico tamanho 24x30	3
1933	Microfotografias	147
	Microfotografias	270
	Ampliações de trabalhos científicos	28
	Fotografias sobressalentes do arquivo fotográfico	232
	Diapositivos para projeções	100
1934	Fotomicrografias tamanho 13x18	16
	Fotomicrografias tamanho 9x12	182
	Fotomacrografias tamanho 13x12	169
	Fotomacrografias tamanho 18x24	21
	Fotomacrografias tamanho 9x12	88
	Diapositivos para projeção	35
	Ampliações 24x30	11
	Ampliações 30x40	7
	Ampliações 50x60	1
Ampliações 18x24	6	

	Fotocópias do arquivo fotográfico, de tamanhos diversos, sendo que na maioria são vistas do Instituto, fornecidas para os visitantes estrangeiros	260
1936	Retrato do dr. Oswaldo Cruz, ampliado e retocado, tecnicamente, para figurar na Exposição de Educação e Saúde Pública tamanho 60x70	1
	Ampliações para serviços científicos	42
	Fotomicrografias em tamanho 9x12	191
	Fotomicrografias em tamanho 13x18	2
	Macrofotografias em tamanho 9x12	224
	Macrofotografias em tamanho 13x18	166
	Fotografias sobressalentes em diversos tamanhos	210
	Diapositivos 8.1/2x10 (para projeções)	223
	Filme cinematográfico com 120 metros de 35 m.m, sobres os estudos da tuberculose	1
	Filme com 210 metros de 16 m.m, tomados de exterior e interior do Instituto	1
1971	Ampliações	94
	Cópias diretas	2948
	Diapositivos a cor	200
	Diapositivos preto e branco	634
	Fotomicrografias	80
	Fotomicrografias a cor	35
	macrofotografias (lâminas)	48
	Microfilmes (páginas)	660
	Negativos 18x24	12
	Negativos 35 mm	1410
	Revelação de filme 35 mm a cor	11
	Revelação de filme 35 mm	13
Revelação de filme 120	14	

Apêndice E – Transcrição das etiquetas históricas do Museu da Patologia do IOC

Nº Autópsia	Nº Museu	Órgão	Diagnóstico	Fixador	Doador
147	288	Intestino Grosso	Colite pseudomembranosa. Disenteria epidêmica	Kaiserling	Cezar Guerreiro
212		Pulmão	Pneumonia tuberculosa	Kaiserling	Gaspar Vianna
721	18	Baço	Tuberculose	Pick	P. Azevedo
1032		Ovário		Formol	
1037	355	Útero	Uterus gravis camini	Formol	
1060	149	Rins	Rim arqueado	Kaiserling	Crowell
1069	333	Nódulos Linfáticos	Linfosarcoma		Magarinos Torres
1090	251	Baço	Periesplenite tuberculosa	Kaiserling	Crowell
1108	297	Intestino Grosso	Colite ulcerativa hipertrófica (amoebíase)		Magarinos Torres
1117	418	Útero	Hiperplasia adenomatosa endometrial e pólipos e cervicite crônica	Jores	Crowell
1132		Aorta	Aortite sífilica	Jores	Cezar Guerreiro
1139	321	Peritônio	Tuberculose aguda do peritônio	Jores	Crowell
1154		Rim	Nefrite intersticial Crônico	Jores	
1158	373	Peritônio	Calcificação mesaraici	Jores	Cezar Guerreiro
1161	98	Coração		Jores	
1171		Aorta	Aterosclerose		
1189	527	Ventrículo	Carcinoma e gastrite pseudo membranosa aguda	Jores	Cezar Guerreiro
1192	478	Tumor	Sarcoma subcutâneo	Jores	Hauer
1193	290	Intestino	Enterocolite pseudomembranosa. Disenteria epidêmica		Cezar Guerreiro
1214	345	Rim	Nefrite paraenquimatososa crônica com cistite	Jores	Cezar Guerreiro
1252	360	Coração	Anomalia válvula aorta	Jores	Dutra e Silva
1257	403	Fígado		Jores	Cezar Guerreiro
1270	408	Aorta	Aneurisma múltiplo endocardite crônica aórtica	Jores	Magarinos Torres
1289	724		Caso agudo de moléstia de chagas	Jores	Crowell
1292	436	Rim	Hiperemia crônica e tuberculose	Jores	Cezar Guerreiro
1292					
1292	435	Mesentério	Tuberculose	Jores	Cezar Guerreiro
1293	440	Vesica Fellis			Alvaro Penna
1305	456	Esterno	Erosão do esterno e aneurisma da aorta	Jores	Crowell

1316		Coração	Doença de Chagas		
1316	468	Coração	Endocardite aórtica crônica e aguda. Trombose auricular direita	Jores	Figueiredo
1343	483	Baço	Tuberculose	Jores	
1357	505			Jores	Penna
1367	507	Fígado	Tuberculose nodular	Jores	
1375	77	Coração	Endocardite ulcerosa aórtica		Cezar Guerreiro
1379		Coração	Degeneração adiposa do miocárdio	Jores	Alvares Penna
1379	527	Esôfago	Carcinoma	Jores	Alvares Penna
1447	666	Pulmão	Hérnia pulmonar pela pleura pulmonar	Jores	Cezar Guerreiro
1448	698	Maxilar	Hiperplasia fibrosa		C. Bicalho
1470	619	Rim	Nefrite intersticial crônica. Artero esclerose	Jores	Oswino Penna
1496	657	Pulmão	Bronco pneumonia tuberculosa	Jores	Oswino Penna
1502	671	Fígado	Malária	Jores	Magarinos Torres
1503	669	Pulmão	Bronco pneumonia tuberculosa	Jores	Magarinos Torres
1504	676	Intestino Grosso		Jores	
1535	760	Útero	Fibromioma	Jores	Alvaro Ramos
1599	750	Pulmão	Pneumonia crouposa rubra	Jores	Magarinos Torres
1609	753	Intestino Grosso	Colite ulcerativa e pseudomembranosa (amoebíase)	Jores	Magarinos Torres
1624	779	Coração	Endocardite aguda vegetativa aórtica (pneumococos)	Jores	Oswino Penna
1674	844	Ovário	Cistadenoma	Jores	Brandão Filho
1689	827	Mão	Gangrena dos dedos da mão esquerda. Destruição dos dedos da mão direita (doença de Raynaldi)	Jores	Cezar Guerreiro
1693	840	Intestino Grosso	Apendicite crônica e perityphlitis	Jores	Brandão Filho
1710	846	Útero	Endometriose aguda fistula retovaginal	Jores	Oswino Penna
1746	875	Aorta	Aortite sífilica	Jores	Magarinos Torres
1756	869	Cérebro	Gumma sífilica	Kaiserling	Oswino Penna
1771	911	Fígado			Magarinos Torres
1771	895	Ventrículo e esôfago	Carcinoma scirrhusun ventriculi uleus oesophag	Jores	Magarinos Torres
1794	1004	Bexiga	Cistite crônica e hipertrófica	Jores	Carlos Burle de Figueiredo

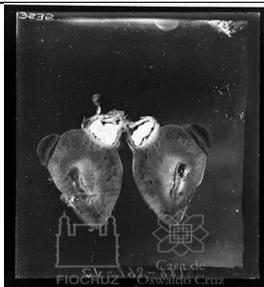
1799	942	Pulmão	Osteosarcoma. Metástase pleural e pulmonar	Jores	Magarinos Torres
1803	907	Artéria	Aneurisma da aorta abdominal	Jores	Magarinos Torres
1803	932	Testículo	Fibrose testicular	Jores	Magarinos Torres
1815					
1826	1012	Intestino Delgado			Magarinos Torres
1840	982	Coração	Pericardite fibrino - purulenta	Kaiserling	Carlos Burle de Figueiredo
1876	989	Útero	Útero subinvolutus	Kaiserling	Penna
1878		Útero	Endometriose aguda supurativa	Kaiserling	Penna
1927		Fígado	Doença de Chagas		Magarinos Torres
1936	165	Rim	Anquilostomiase	Klotz	Figueiredo
2165					
2270	1308	Coração	Trombose	Jores	Magarinos Torres
2486	1118	Fígado/baço/intestino	Anquilostomiase	Jores	Magarinos Torres
3017	1315	Coração	Trombose	Jores	Oswino Penna
3193	341			Jores	Cezar Guerreiro
3801	1694	Baço	Esplenite aguda (caso de endocardite ulcerosa)	Pick	Magarinos Torres
3803	1676	Estômago	Carcinoma	Pick	Magarinos Torres
3817					
3845	1691	Fígado	Hemorragia subcapsular	Pick	Magarinos Torres
3859	1701	Fígado	Hepatite intersticial crônica	Pick	Magarinos Torres
3875					
3906	1792	Coração	Pericardite	Klotz	Rita Cardoso
3908	1628	Coração	Endocardite aórtica	Pick	P. Azevedo
3995	1790	Cérebro	Encéfalo malácia	Klotz	A. P. de Azevedo e S. Coutinho
4036	1192	Coração/Rim /Fígado	Anquilostomiase	Kaiserling	Carlos Burle de Figueiredo
4152	1297	Baço	Tuberculose	Kaiserling	Carlos Burle de Figueiredo
4406	1340	Rim	Pielonefrite Abscessos	Kaiserling	Carlos Burle de Figueiredo
4433	1420	Rim	Trombose dos vasos renais	Jores	Carlos Burle de Figueiredo
4445	1329	Rim	Nefrose Lipídica	Klotz	Carlos Burle de Figueiredo

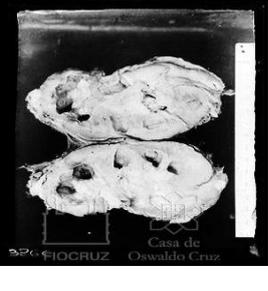
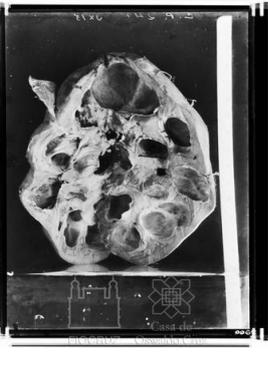
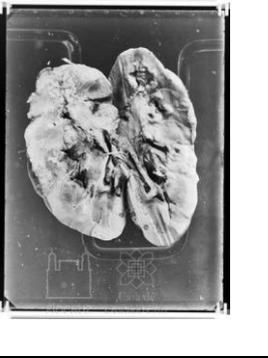
4619	1743	Coração	Endocardite crônica. Sífilis. Hipertrofia de todas as cavidades	Klotz	Magarinos Torres
4659					
4665	1735	Fígado			
4676	1742	Estômago	Blastoma	Klotz	P. Azevedo
4711	1196	Ovários	Cistadenoma pseudo mucionoso multicolor de ovário	Formol	N. Gouveia
4721	1753	Fígado	Cirrose atrófica		Magarinos Torres
4736		Baço	Esplenomegalia. Hiperplasia dos folículos linfóides	Pick	Magarinos Torres
4792	1761	Útero	Endometriose puerperal	Klotz	P. Azevedo
4794	1785	Cérebro	Blastoma	Klotz	P. Azevedo
4797	1773	Rim	Nefropatia crônica	Klotz	P. Azevedo
4828	1755	Rins	Nefropatia crônica	Kaiserling	M. Torres e J.M. Sampaio
4837	1560	Próstata	Carcinoma	Pick	Magarinos Torres
4883	1781	Coração			Magarinos Torres
5034	1607	Maxilar	Blastomicose	Formol	Magarinos Torres
5088	1121	Intestino Delgado	Anquilostomose	Jores	Magarinos Torres
5115					
5233	1346	Rim	Disembrioma negrogênico	Formol	Oswino Penna
5284	1165	Fígado	Tifo Ecterióide	Formol	Magarinos Torres
5354	1195	Rim	Degeneração renal (pneumonia cruposa)	Kaiserling	Magarinos Torres
5395	1221	Fígado	Tifo equiteróide	Kaiserling	Magarinos Torres
5400	1223	Órgão	Tifo equiteróide	Kaiserling	Magarinos Torres
5493	1287	Pulmão/fígado/rim	Carcinoma	Kaiserling	Magarinos Torres
5507	1293	Próstata	Hipertrofia	Kaiserling	Magarinos Torres
5546	1357	Baço	Hiperplasia. Anemia. Anquilostomia	Klotz	Magarinos Torres
5550	1363	Artéria	Aortite crônica e trombose	Klotz	Magarinos Torres
5551	1335	Coração	Endocardite aórtica e mitral	Klotz	Magarinos Torres
5555	1351	Intestino Grosso	Balantitoses	Klotz	Magarinos Torres
5640	1449	Pulmão	Pneumonia lobar	Kaiserling	Magarinos Torres

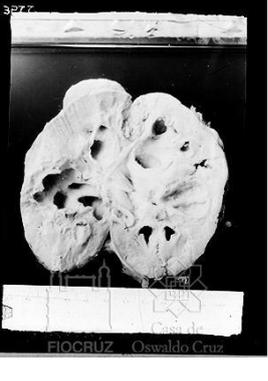
5658		Intestino	Tifo abdominal		Magarinos Torres
5705	1527	Rim	Nefropatia Crônica	Kaiserling	Magarinos Torres
5713	1467	Coração	Endocardite fibrose mitral	Klotz	Magarinos Torres
5739					
5800		Coração	Anquilostomíase	Klotz	Magarinos Torres
5913	1251	Intestino Grosso			Magarinos Torres
6080	1352	Medula	Blastomicose (coccidioides immitis)	Klotz	P. Azevedo
6293	1487	Rim	Malária (quartã)	Klotz	P. Azevedo
6785	144	Rim	Cisto do rim direito	Formol	Azevedo
6905	1766	Pulmão	Pneumonia tuberculosa		
7110	1836	Ovário	Carcinoma metastático	Pick	Torres e Pimenta
7217		Pulmão	Tuberculose acinonodular	Pick	Azevedo Eduarte
7654		Coração	Doença de Chagas	Formol	Eitel Duarte
7871		Coração	Doença de Chagas	Formol	Eitel Duarte
8015		Coração	Doença de Chagas	Formol	Paulo Elejalde
8025		Rim	Blastoma do rim esquerdo	Formol	Magarinos Torres
8161		Coração	Doença de Chagas	Formol	Magarinos Torres. Eitel Duarte. G. Teixeira
8802	1751	Trompa	Prenhez tubária. Feto do sexo feminino em maceração	Formol	Magarinos Torres
10174	1946	Estômago		Kaiserling	A. Portugal
11515		Ovário	Tumor de Brenner	Formol	
11995	1526	Blastoma	Sarcoma neurogênico	Pick	R. Baptista
14150		Órgão			
14565		Coração	Doença de Chagas	Formol	Ezequiel Dias
208856		Órgão			
	5117	Órgão			Olympio da Fonseca Filho
	184	Fígado	Malária	Kaiserling	
	1023	Falange do pé	AINHUM	Formol	
	1835	Útero	Fibromiomas suberoso e intramural. Útero em involução		Cesar Pinto
	696	Útero	Cistoadenoma fibroso crônico quadrilplex. Cisto de Margagni	Jores	Magarinos Torres
	1767	Cérebro	Glioma	Pick	Carlos Burle de Figueiredo

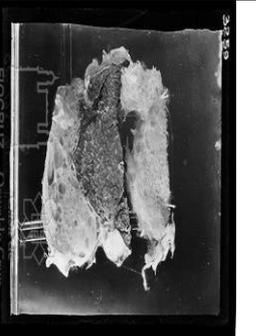
		Coração	Doença de Chagas	Formol	Ezequiel Dias
	547	Útero	Fibroma múltiplo	Formol	J. Gouveia
		Baço	Esplenomagalia ou nódulos	Jores	Carlos Burle de Figueiredo
		Órgão			
	533	Pele	Epitelioma Canii	Jores	
	434	Rim	Rim arqueado	Kaiserling	d Utra e Silva
		Linfonodo	Carcinoma medular e metástase		
	1564	Ossos	Mieloma endotelial	Formol	Magarinos Torres
		Coração	Endocardite sífilica	Klotz	Oswino Penna
		Coração	Endocardite sífilica	Klotz	Oswino Penna
		Ossos	Osteosacorma recurrens	Kaiserling	
		Rim	Pyolo nephrite	Jores	
	1553A	Fêmur e úmero		Formol	
	929	Laringe		Jores	
		Língua		Jores	Cezar Guerreiro
	208	Fígado	Carcinoma	Kaiserling	Cezar Guerreiro
	1640	Faringe	Neurinoma do espaço maxilofaríngeo	Formol	
		Pulmão	Influenza epidêmica bronco pneumonia	Kaiserling	
	949	Tireoide	Doença de Chagas. Bócio endêmico	Kaiserling	Carlos Chagas
	192				
		Nódulos Linfáticos	Morbus Hodkini		Carlos Burle de Figueiredo

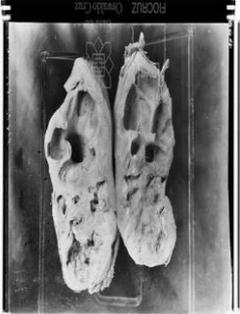
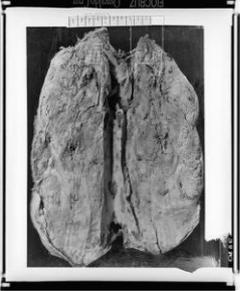
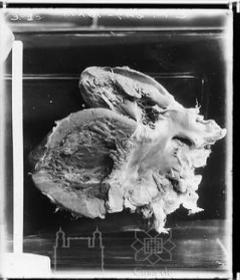
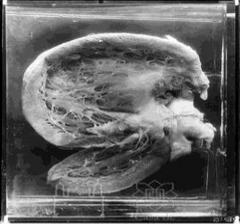
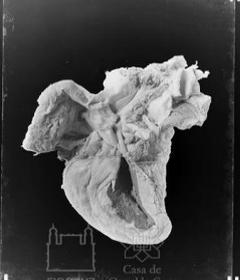
Apêndice F – Lista de fotografias do dossiê de peças anatômicas utilizadas nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz.

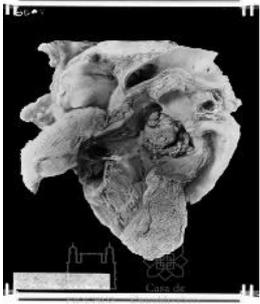
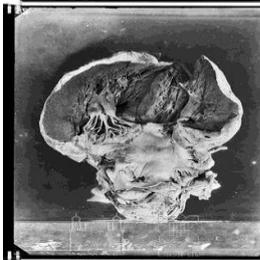
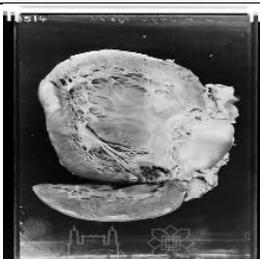
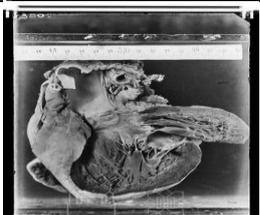
Artigo	Autor	Ed/Ano	Thumbnail	Título	Código
Tuberculose Renal: considerações gerais à etiopatogenia, anatomia patológica, bacteriologia, diagnóstico e tratamento.	Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte	49/1951		Peça anatômica	BR RJCO 02-10-20-45-004-452

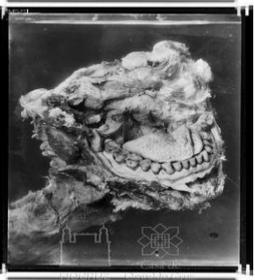
<p>Tuberculose Renal: considerações gerais à etiopatogenia, anatomia patológica, bacteriologia, diagnóstico e tratamento.</p>	<p>Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte</p>	<p>49/1951</p>		<p>Peça anatômica [rim?]</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-073</p>
<p>Tuberculose Renal: considerações gerais à etiopatogenia, anatomia patológica, bacteriologia, diagnóstico e tratamento.</p>	<p>Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte</p>	<p>49/1951</p>		<p>Peça anatômica - Rim</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-204</p>
<p>Tuberculose Renal: considerações gerais à etiopatogenia, anatomia patológica, bacteriologia, diagnóstico e tratamento.</p>	<p>Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte</p>	<p>49/1951</p>		<p>Peça anatômica</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-279</p>
<p>Tuberculose Renal: considerações gerais à etiopatogenia, anatomia patológica, bacteriologia, diagnóstico e tratamento.</p>	<p>Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte</p>	<p>49/1951</p>		<p>Peça anatômica</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-287 y</p>
<p>Tuberculose Renal: considerações gerais à etiopatogenia, anatomia patológica, bacteriologia, diagnóstico e tratamento.</p>	<p>Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte</p>	<p>49/1951</p>		<p>Peça anatômica</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-407</p>

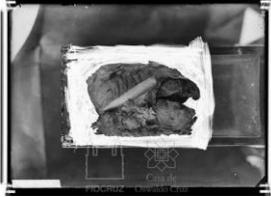
<p>Tuberculose Renal: considerações gerais à etiopatogenia, anatomia patológica, bacteriologia, diagnóstico e tratamento.</p>	<p>Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte</p>	<p>49/1951</p>		<p>Peça anatômica</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-410</p>
<p>Tuberculose Renal: considerações gerais à etiopatogenia, anatomia patológica, bacteriologia, diagnóstico e tratamento.</p>	<p>Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte</p>	<p>49/1951</p>		<p>Peça anatômica</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-485</p>
<p>Sobre alguns casos do carcinoma primitivo do pulmão, do bronchio e da trachéa.</p>	<p>C Magarinos Torres e A Penna de Azevedo.</p>	<p>20/1927</p>		<p>Peça anatômica</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-277</p>
<p>Sobre alguns casos do carcinoma primitivo do pulmão, do bronchio e da trachéa.</p>	<p>C Magarinos Torres e A Penna de Azevedo.</p>	<p>20/1927</p>		<p>Peça anatômica</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-284</p>
<p>Sobre alguns casos do carcinoma primitivo do pulmão, do bronchio e da trachéa.</p>	<p>C Magarinos Torres e A Penna de Azevedo.</p>	<p>20/1927</p>		<p>Peça anatômica - Laringe</p>	<p>BR RJCOC 02-10-20-45-004-054</p>
<p>Sobre alguns casos do carcinoma primitivo do pulmão, do bronchio e da trachéa.</p>	<p>C Magarinos Torres e A Penna de Azevedo.</p>	<p>20/1927</p>		<p>Peça anatômica - Pulmão</p>	<p>R RJCOC 02-10-20-45-004-053</p>

Sobre alguns casos do carcinoma primitivo do pulmão, do bronchio e da trachéa.	C Magarinos Torres e A Penna de Azevedo.	20/1927		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-358
Sobre alguns casos do carcinoma primitivo do pulmão, do bronchio e da trachéa.	C Magarinos Torres e A Penna de Azevedo.	20/1927		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-377
Reticulo-endotheliomatose maligna	C. Magarinos Torres e A. Penna de Azevedo	26/1932		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-262
Reticulo-endotheliomatose maligna				Peça anatômica - Crânio	BR RJCOC 02-10-20-45-004-037
Cardite rheumatica especifica com nódulos necróticos macroscopicos	A Penna de Azevedo	27/1933		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-087
Ascarirose Hepatica	A Penna de Azevedo	30/1935		Peça anatômica [coração ?]	BR RJCOC 02-10-20-45-004-041
Pseudomyxoma peritonei de origem appendicular	A Penna de Azevedo e S Coutinho da Silveira	32/1937		Peça anatômica (Fotografia solicitada por Dr. Azevedo)	BR RJCOC 02-10-20-45-004-474

Infecção gonocócica em rim carcinomatoso	Jorge de Gouvêa e J. Guilherm e Lacorte	34/1939		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-344
Tumor misto do rim com estrutura de Miosarcoma Hipernefroma e Blastema renal em individuo adulto	A Penna de Azevedo	37/1942		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-349
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-096
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-095
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-395
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-396

Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-171
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-100
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-101
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-045
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-097
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-404
Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica - Coração (Fotografia solicitada por José Guilherme Lacorte)	BR RJCOC 02-10-20-45-004-172

Endocardites sépticas (Contribuição etiopatogênica)	J. Guilherm e Lacorte e Mario Santos	1944		Peça anatômica	BR RJCOC 02-10-20-45-004-378
Estudos sobre trombose cardíaca e endocardite parietal de origem não valvular	C. Magarinos Torres	2/1928		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-102
Estudos sobre trombose cardíaca e endocardite parietal de origem não valvular	C. Magarinos Torres	2/1928		Peça anatômica - coração, fígado, pulmão e rim	BR RJCOC 02-10-20-45-004-144
Estudos sobre trombose cardíaca e endocardite parietal de origem não valvular	C. Magarinos Torres	2/1928		Peça anatômica - coração, fígado, pulmão e rim	
Estudos sobre trombose cardíaca e endocardite parietal de origem não valvular	C. Magarinos Torres	2/1928		Peça anatômica - Coração	BR RJCOC 02-10-20-45-004-120
Neurinoma retrofaríngeo contendo cristos em comunicação com a circulação arterial	C. Magarinos Torres e Aristides Monteiro	1936/4		Peça anatômica - Maxilar inferior	BR RJCOC 02-10-20-45-004-055
Syphilis das glândulas supra-renais	Carlos Burle de Figueiredo	1/1922		Peça anatômica - Útero	BR RJCOC 02-10-20-45-004-038

Syphilis das glândulas supra- renais	Carlos Burle de Figueiredo	1/1922		Peça anatômica	BR RJCO 02- 10-20-45-004-234
---	----------------------------------	--------	--	-------------------	---------------------------------

ANEXOS

Anexo A – “Hymno a Oswaldo Cruz”

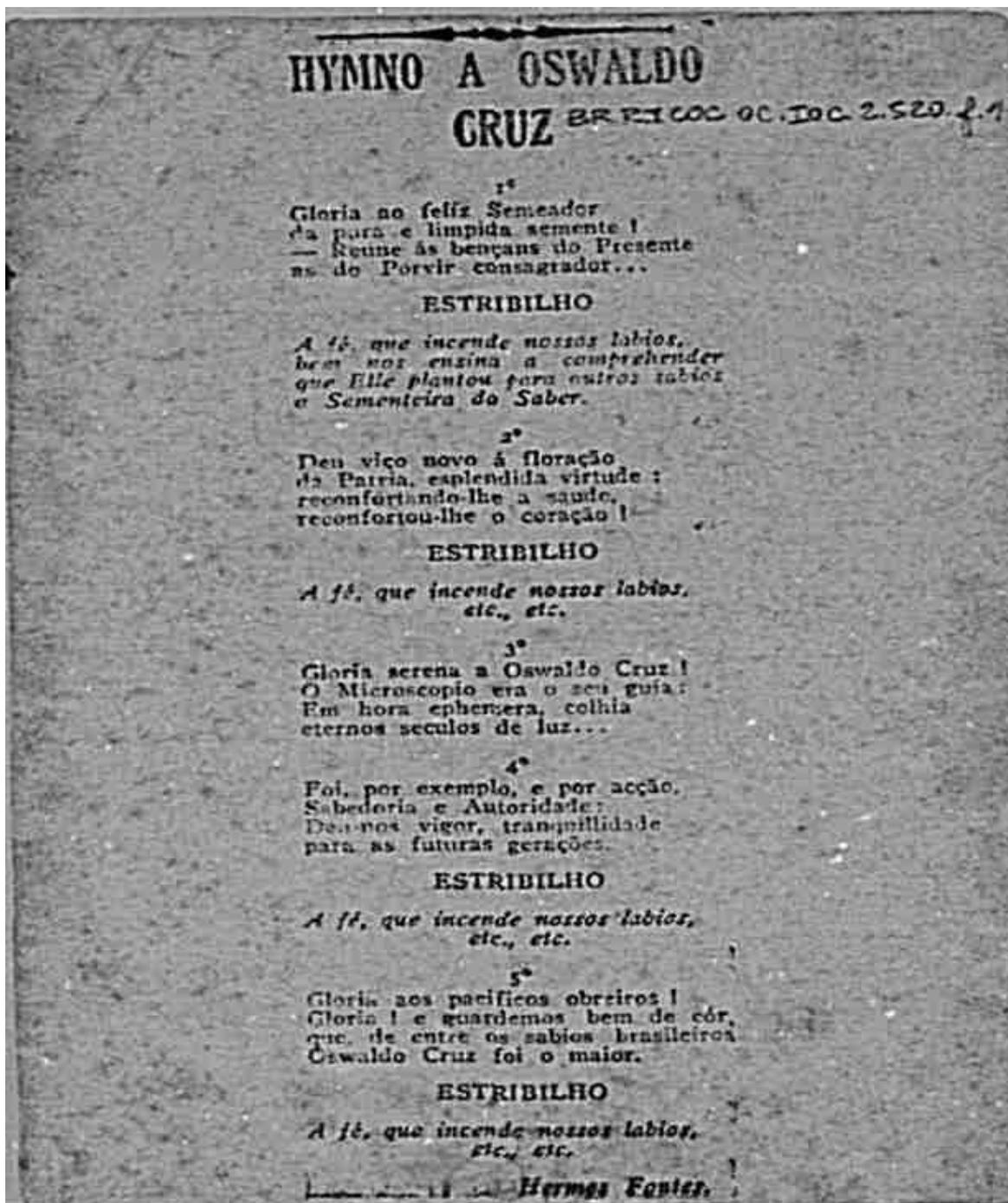


Figura 50 - Hino a Oswaldo Cruz, microfilmagem, acervo da Casa de Oswaldo Cruz, fundo Oswaldo Cruz.

Anexo B – Fragmento do Decreto 5156/1904

Decreto nº 5.156, de 8 de Março de 1904

Dá novo regulamento aos serviços sanitários a cargo da União

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, de accôrdo com o decreto legislativo nº 1.151, de 5 de janeiro ultimo, resolve que nos serviços sanitarios a cargo da União se observe o regulamento que a este acompanha, assignado pelo Ministerio de Estado da Justiça e Negocios Interiores.

Rio de Janeiro, 8 de março de 1904, 16º da Republica.

FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES.
J. J. Seabra.

REGULAMENTO DOS SERVIÇOS SANITARIOS A CARGO DA UNIÃO, A QUE SE REFRE O DECRETO N. 5156, DESTA DATA

PARTE I

GENERALIDADES

[...]

TITULO II

DA DIRECTORIA GERAL DE SAUDE PUBLICA

[...]

Art. 9º São repartições directamente dependentes da Directoria Geral de Saude Publica e terão regulamentos e regimentos proprios: a Inspectoria da prophylaxia especifica da febre amarella, a Inspectoria de isolamento e desinfecção, os hospitaes de isolamento, lazaretos e estações de desinfecção e o Instituto Sorotherapico.

Anexo C – Decreto nº 1802/1907.

DECRETO Nº 1.802, DE 12 DE DEZEMBRO DE 1907

Crêa o Instituto de Pathologia Experimental de Manguinhos

O PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL:
FAÇO SABER QUE O CONGRESSO NACIONAL DECRETOU E EU
SANCCIONO A SEGUINTE RESOLUÇÃO:

ART. 1º E' CREADO O INSTITUTO DE PATHOLOGIA EXPERIMENTAL DE MANGUINHOS, SUBORDINADO DIRECTAMENTE AO MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES, DESTINANDO-SE AOS SEGUINTE MISTERES:

- A) ESTUDO DAS MOLESTIAS INFECTUOSAS E PARASITARIAS DO HOMEM, DOS ANIMAES E DAS PLANTAS;
- B) QUESTÕES REFERENTES Á HYGIENE E ZOOLOGIA;
PREPARO DOS SÔROS THERAPEUTICOS E DEMAIS PRODUCTOS
- C) CONGENERES, DESTINADOS AO TRATAMENTO E PROPHYLAXIA DA MOLESTIA;
- D) ESCOLA DE VETERINARIA, COMPREHENDENDO A PATHOLOGIA, A HYGIENE E THERAPEUTICA, MAS NA MEDIDA DOS TRABALHOS SCIENTIFICOS OCCURRENTES.

§ 1º A PARTE TECHNICO-SCIENTIFICA DO INSTITUTO SERÁ EXERCIDA POR UM DIRECTOR, DOUS CHEFES DO SERVIÇO E SEIS ASSISTENTES.

§ 2º QUANDO AS CIRCUMSTAMCIAS O EXIGIREM, O DIRECTOR PODERÁ SUGGERIR AO GOVERNO A CONVENIENCIA DE SEREM CONTRACTADOS PROFISSIONAES PARA O AUXILIAREM NOS TRABALHOS, DURANTE O TEMPO QUE FÔR NECESSARIO, CUSTEADA A DESPEZA PELA VERBA PARA ESSE FIM DESTINADA, E, NA FALTA, PELA DE - SOCCORROS PUBLICOS - SI LEGALMENTE PUDER SER NELLA CONTEMPLADA.

§ 3º O DIRECTOR, QUE TERÁ TAMBEM A SEU CARGO A PARTE ADMINISTRATIVA, SERÁ DE LIVRE NOMEAÇÃO DO PRESIDENTE DA REPUBLICA, ESCOLHIDO DENTE OS PROFISSIONAES DE NOTORIO SABER.

OS CHEFES DE SERVIÇO SERÃO IGUALMENTE NOMEADOS PELO PRESIDENTE DA REPUBLICA, ESCOLHIDOS DENTRE OS ASSISTENTES, QUE TAMBEM SERÃO NOMEADOS PELO PRESIDENTE DA REPUBLICA, MEDIANTE CONCURSO, EXCEPTO AS PRIMEIRAS NOMEAÇÕES.

OS CHEFES DE SERVIÇO E ASSISTENTES SERÃO VITALICIOS DEPOIS DE 10 ANNOS DE EFFECTIVO SERVIÇO, REGULADAS SUAS APOSENTADORIAS PELO DISPOSTO NO DECRETO N. 117, DE 4 DE NOVEMBRO DE 1892.

§ 4º SERÁ GRATUITA A FREQUENCIA NA ESCOLA DE VETERINARIA, MAS DEPENDENTE DE PERMISSÃO NOMINAL DO GOVERNO, EM NUMERO QUE O INSTITUTO COMPORTE, SEM PREJUZO DO DESEMPENHO DOS ENCARGOS QUE LHE INCUMBIREM, NOS TERMOS DESTA LEI E DO SEU REGULAMENTO.

§ 5º O INSTITUTO FORNECERÁ TODAS AS VACCINAS E SÔROS QUE SE TORNAREM NECESSARIOS POR OCCASIÃO DE EPIDEMIAS, QUANDO REQUISITADOS OFFICIALMENTE, FICANDO, PORÉM, DISPENSADO DA ELABORAÇÃO DA VACCINA ANTI-VARIOLICA, EMQUANTO FÔR ESTA PREPARADA DE MODO SATISFACTORIO, A JUIZO DO GOVERNO, PELO INSTITUTO VACCINICO DO DISTRICTO FEDERAL.

§ 6º ALÉM DO PESSOAL TECHNICO-SCIENTIFICO, O INSTITUTO TERÁ MAIS OS SEGUINTES FUNCIONARIOS:

	UM	ZELADOR;
	UM	ALMOXARIFE;
UM		ARCHIVISTA-ESCRITURARIO;
UM		DESENHISTA;

NOMEADOS PELO MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES, COM DIREITO A VITALICIEDADE DEPOIS DE 10 ANNOS DE EFFECTIVO EXERCICIO E COM DIREITO Á APOSENTADORIA, NOS TERMOS DO DECRETO N. 117, DE 4 DE NOVEMBRO DE 1892.

O PESSOAL SUBALTERNO, CUJO NUMERO E VENCIMENTOS ESTÃO
FIXADOS NA TABELLA QUE ACOMPANHA A PRESENTE LEI, SERÁ DA
LIVRE NOMEAÇÃO DO DIRECTOR.

§ 7º O INSTITUTO GOSARÁ DE INTEIRA E FRANCA AUTONOMIA NAS
INVESTIGAÇÕES TECHNICO-SCIENTIFICAS.

§ 8º O DIRECTOR DO INSTITUTO, OU ALGUEM A SEU MANDO, TERÁ
INGRESSO NOS HOSPITAES AFFECTOS Á ADMINISTRAÇÃO SANITARIA
DO GOVERNO DA UNIÃO, SOLICITANDO DAS RESPECTIVAS
DIRECTORIAS QUE LHE PERMITTAM COLHER OS ELEMENTOS QUE
JULGAR INDISPENSÁVEIS PARA AS SUAS INVESTIGAÇÕES.

§ 9º OS ESTUDOS PROCEDIDOS NO INSTITUTO DE MANGUINHOS
SERÃO PUBLICADOS, A TITULO DE MEMORIAS, AO PASSO QUE SE
FOREM CONFIRMANDO AS EXPERIENCIAS.

AS MEMORIAS SERÃO DISTRIBUIDAS PELAS ESCOLAS
PROFISSIONAES DE MEDICINA, DE VETERINARIA E DE AGRICULTURA,
EXISTENTES NO PAIZ, CONSTITUINDO OBJECTO DE PERMUTA COM AS
PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS DO MESMO GENERO.

§ 10. O INSTITUTO PODERÁ REPRESENTAR AO GOVERNO SOBRE A
CONVENIENCIA DE SER MANDADO QUALQUER DE SEUS MEMBROS
PARA PONTOS DIVERSOS COM O FIM DE ESTUDAR QUESTÕES
SCIENTIFICAS, INTIMAMENTE RELACIONADAS COM OS ASSUMPTOS
TRATADOS NO INSTITUTO, E O GOVERNO PODERÁ ATTENDER Á
REPRESENTAÇÃO, SI HOVER VERBA DESTINADA PARA ESSE FIM.

§ 11. NÃO SE PODERÃO OFFERECER Á VENDA VACCINA E SÔRO
FABRICADOS NO ESTRANGEIRO, OU DENTRO DO PAIZ POR
PARTICULARES, SEM PRÉVIO EXAME, ENSAIO E LAUDO FAVORAVEL DO
INSTITUTO. A ESSE EXAME NÃO FICARÃO SUJEITOS OS SÔROS E
VACCINAS PREPARADOS POR INSTITUTOS OFFICIAES DOS ESTADOS E
DISTRICTO FEDERAL, SALVO QUANDO ALGUMA OCCURENCIA FÔR DE
ORDEM A GERAR SUSPEITA CONTRARIA Á PUREZA E PERFEIÇÃO DOS
DITOS PREPARADOS.

§ 12. PARA COMPLETA INSTALLAÇÃO DO INSTITUTO DE PATHOLOGIA
EXPERIMENTAL DE MANGUINHOS E CONSTRUCÇÃO DOS EDIFICIOS
NECESSARIOS, PODERÁ SER DESPENDIDA ATÉ A QUANTIA DE 600:000\$,
ABRINDO O PRESIDENTE DA REPUBLICA, PARA ESSE FIM, O
NECESSARIO CREDITO PELO MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS
INTERIORES.

§ 13. FICA O PRESIDENTE DA REPUBLICA AUTORIZADO A
DESAPROPRIAR OS TERRENOS DA FAZENDA DE MANGUINHOS QUE
FOREM NECESSARIOS PARA A INSTALLAÇÃO DEFINITIVA DO INSTITUTO
DE PATHOLOGIA EXPERIMENTAL DE MANGUINHOS, ABRINDO PARA ISSO
O NECESSARIO CREDITO.

ART. 2º FICA O PRESIDENTE DA REPUBLICA AUTORIZADO A ABRIR OS CREDITOS NECESSARIOS PARA ACUDIR ÁS DESPEZAS CONSTANTES DA TABELLA QUE ACOMPANHA A PRESENTE LEI E QUE MONTAM Á QUANTIA DE 331:240\$000.

ART. 3º O GOVERNO, NO REGULAMENTO QUE EXPEDIR PARA DAR ORGANIZAÇÃO AO INSTITUTO, INDICARÁ AS ATTRIBUIÇÕES, SUBSTITUIÇÕES, COMMINARÁ AS PENAS DISCIPLINARES DE SUSPENSÃO E DE MULTA ATÉ 200\$ E O DOBRO NAS REINCIDENCIAS, E ESTABELECEERÁ AS CONDIÇÕES EM QUE DEVA SER MINISTRADO O ENSINO.

ART. 4º REVOGAM-SE AS DISPOSIÇÕES EM CONTRARIO.

RIO DE JANEIRO, 12 DE DEZEMBRO DE 1907, 19º DA REPUBLICA.

AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENNA.
AUGUSTO TAVARES DE LYRA.

Anexo D – Decreto nº 6.891/1908

DECRETO Nº 6.891, DE 19 DE MARÇO DE 1908

Approva, para o Instituto de Pathologia Experimental de Manguinhos, que passa a denominar-se Instituto «Oswaldo Cruz», o regulamento a que se refere o art. 3º do decreto n. 1802, de 12 de dezembro de 1907.

O PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL RESOLVE, DE ACCÔRDO COM O ART. 3º DO DECRETO N. 1802; DE 12 DE DEZEMBRO DE 1907, APPROVAR, PARA O INSTITUTO DE PATHOLOGIA EXPERIMENTAL DE MANGUINHOS, QUE PASSA A DENOMINAR-SO INSTITUTO «OSWALDO CRUZ», O REGULAMENTO QUE A ESTE ACOMPANHA, ASSIGNADO PELO MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES.

RIO DE JANEIRO, 19 DE MARÇO DA 1908, 20º DA REPUBLICA.

AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENNA.
AUGUSTO TAVARES DE LYRA.

REGULAMENTO A QUE SE REFERE O ART. 3º DO DECRETO N. 1802, DE 12 DE DEZEMBRO DE 1907

ART. 1º O INSTITUTO DA PATOLOGIA EXPERIMENTAL DE MANGUINHOS, QUE PASSA A DENOMINAR-SE INSTITUTO «OSWALDO CRUZ», ESTÁ SUBORDINADO DIRECTAMENTE AO MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES E GOSA DE INTEIRA E FRANCA AUTONOMIA NAS INVESTIGAÇÕES TECHNICO-SCIENTIFICA.

ART. 2º O INSTITUTO É DESTINADO AOS SEGUINTE MISTERES:

A) ESTUDO DAS MOLESTIAS INFECTUOSAS E PARASITARIAS DO HOMEM, DOS ANIMAES E DAS PLANTAS;

B) ESTUDO DE QUESTÕES REFERENTES Á HYGIENE E Á ZOOLOGIA;

C) PREPARO DOS SÔROS THERAPEUTICOS E DEMAIS PRODUCTOS CONGENERES, DESTINADOS AO TRATAMENTO E PROPHYLAXIA DAS MOLESTIAS;

D) ESCOLA VETERINARIA, COMPREHENDENDO A PATHOLOGIA, A HYGIENE E A THERAPEUTICA, MAS NA MEDIDA DOS TRABALHOS SCIENTIFICOS OCCORRENTES.

ART. 3º O ESTUDO DAS MOLESTIAS INFECTUOSAS DOS HOMENS E DOS ANIMAES REFERE-SE EXCLUSIVAMENTE A PESQUIZAS SCIENTIFICAS QUE COM ELLAS SE RELACIONAM E NÃO ÀS VERIFICAÇÕES DIAGNOSTICAS SYSTEMATICAS QUE CONSTITUEM, NO DISIRICTO FEDERAL, ATTRIBUIÇÃO DO LABORATORIO BACTERIOLOGICO A CARGO DA DIRECTÓRIA GERAL DE SAUDE PUBLICA.

ART. 4º PARA OS ESTUDOS SCIENTIFICOS QUE SE TENHAM DE EFFECTUAR Á REQUISIÇÃO DOS GOVERNOS ESTADOAES OU DE PARTICULARES, OS INTERESSADOS FACILITARÃO TODOS OS MEIOS NECESSARIOS PARA TRANSPORTE DO PESSOAL E DO MATERIAL, ASSIM COMO OS RECURSOS NECESSARIOS AOS ESTUDOS, PODENDO SER INSTALLADOS LABORATORIOS FILIAES NAS ZONAS EM QUE SE TORNAREM ELLES NECESSARIOS.

ART. 5º O ESTUDO DAS QUESTÕES DE HYGIENE QUE INTERESSAREM ÀS ADMINISTRAÇÕES SERÁ FEITO NO INSTITUTO, APÓS REQUISIÇÃO DAS RESPECTIVAS AUTORIDADES, SEM PREJUZO DOS SERVIÇOS NORMAES DO INSTITUTO.

ART. 6º O INSTITUTO PREPARARÁ OS SÔROS THERAPEUTICOS E VACCINAS DE RECONHECIDA VANTAGEM E FORNECEL-OS-HA GRATUITAMENTE ÀS AUTORIDADES OFFICIAES QUE OS REQUISITAREM, POR OCCASIÃO DE EPIDEMIAS.

ART. 7º AS VACCINAS, SÔROS E PRODUCTOS CONGENERES DESTINADOS Á PROPHYLAXIA E TRATAMENTO DAS EPIZOOTIAS SERÃO VENDIDOS, DE ACCÔRDO COM OS PREÇOS CONSIGNADOS NA TABELLA, N. 2. OS DEMAIS PRODUCTOS QUE NÃO FOREM REQUISITADOS OFFICIALMENTE, POR OCCASIÃO DE EPIDEMIAS, SERÃO TAMBEM VENDIDOS PELO INSTITUTO, DE ACCÔRDO COM OS PREÇOS ESTIPULADOS NA MESMA TABELLA.

ART. 8º PARA AS INVESTIGAÇÕES SCIENTIFICAS DO INSTITUTO, SEU DIRECTOR, OU ALGUEM A SEU MANDO, TERÁ INGRESSO NOS HOSPITAES AFFECTOS Á ADMINISTRAÇÃO SANITARIA DO GOVERNO DA UNIÃO, SOLICITANDO DAS RESPECTIVAS DIRECTORIAS QUE LHE PERMITTAM COLHER OS ELEMENTOS QUE JULGAR INDISPENSAVEIS A ESSAS INVESTIGAÇÕES.

ART. 9º O DIRECTOR DO INSTITUTO PODERÁ ENTRAR EM ACCÔRDO COM AS ADMINISTRAÇÕES DOS HOSPITAES PARA ESTABELEÇER NELLES OS MEIOS NECESSARIOS PARA FACILITAR AS INVESTIGAÇÕES SCIENTIFICAS QUE JULGAR UTEIS E PROVEITOSAS, FAZENDO AS INSTALLAÇÕES QUE FOREM CONVENIENTES, DESTACANDO PARA ISSO O PESSOAL NECESSARIO.

ART. 10. OS CURSOS APPLICAVEIS Á VETERINARIA FEITOS NO INSTITUTO REFEREM-SE TÃO SÓMENTE Á BACTERIOLOGIA E PARASITOLOGIA APPLICADAS Á PATHOLOGIA, HYGIENE E THERAPEUTICA VETERINARIAS.

ART. 11. AOS CURSOS SERÃO ADMITTIDOS OS MEDICOS E VETERINARIOS DIPLOMADOS E OS ESTUDANTES DAS ESCOLAS DE MEDICINA E DE VETERINARIA. OS CURSOS SERÃO GRATUITOS, MAS AS PESSOAS QUE FREQUENTAREM OS TRABALHOS PRATICOS TERÃO DE INDEMNIZAR O INSTITUTO DO MATERIAL QUE DETERIORAREM.

ART. 12. PARA INSCRIÇÃO NOS CURSOS, OS CANDIDATOS REQUERERÃO MATRICULA AO DIRECTOR DO INSTITUTO, QUE SOLICITARÁ A NECESSARIA PERMISSÃO DO GOVERNO, DE ACCÔRDO COM O DISPOSTO NO § 4º DO ART. 1º DO DECRETO N. 1802, DE 12 DE DEZEMBRO DE 1907.

ART. 13. OS TRABALHOS DO INSTITUTO SERÃO PUBLICADOS EM «MEMORIAS» QUE APPARECERÃO Á PROPORÇÃO QUE OS TRABALHOS SE FOREM CONCLUINDO.

ART. 14. AS «MEMORIAS» SERÃO DISTRIBUIDAS PELAS ESCOLAS PROFISSIONAES, DE MEDICINA, DE VETERINARIA E DE AGRICULTURA, EXISTENTES NO PAIZ, CONSTITUINDO OBJECTO DE PERMUTA COM AS PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS DO MESMO GENERO.

ART. 15. OS TRABALHOS QUE CONSTITUIREM AS «MEMORIAS» PODERÃO SER PUBLICADOS EM DIVERSAS LINGUAS, MAS DELLES HAVERÁ SEMPRE UMA EDIÇÃO EM PORTUGUEZ.

ART. 16. A IMPRESSÃO DAS «MEMORIAS» PODERÁ SER FEITA ONDE MAIOR VANTAGENS HOVER PARA QUE A REALIZAÇÃO DOS TRABALHOS QUE ELLAS ENCERRAREM SEJA A MAIS PERFEITA POSSIVEL.

ART. 17. SÓ PODERÃO SER PUBLICADOS COM O NOME E RESPONSABILIDADE DO INSTITUTO OS TRABALHOS QUE FOREM APPROVADOS PELO DIRECTOR.

ART. 18. O PESSOAL TECHNICO-SCIENTIFICO DO INSTITUTO É CONSTITUIDO POR UM DIRECTOR, DOUS CHEFES DO SERVIÇO E SEIS ASSISTENTES.

ART. 19. QUANDO AS CIRCUMSTANCIAS O EXIGIREM, O DIRECTOR SUGGERIRÁ AO GOVERNO A CONVENIENCIA DE SEREM CANTRACTADOS PROFISSIONAES PARA O AUXILIAREM NOS TRABALHOS DURANTE O TEMPO QUE FÔR NECESSARIO.

ART. 20. O DIRECTOR, QUE TERÁ TAMBEM A SEU CARGO A PARTE ADMINISTRATIVA, SERÁ DE LIVRE NOMEAÇÃO DO PRESIDENTE DA REPUBLICA, ESCOLHIDO DENTRE OS PROFISSIONAES DE NOTORIO SABER.

ART. 21. AO DIRECTOR COMPETE:

A) ORIENTAÇÃO E DIRECÇÃO DOS TRABALHOS SCIENTIFICOS E A ADMINISTRAÇÃO DO INSTITUTO;

- B) REPRESENTAR O INSTITUTO EM TODAS AS SUAS RELAÇÕES;
- C) DISTRIBUIR OS TRABALHOS PELOS CHEFES DE SERVIÇO, ASSISTENTES E DEMAIS PESSOAL, FISCALIZANDO-OS E ORIENTANDO-OS;
- D) PROPÔR AO GOVERNO O CONTRACTO DE PROFISSIONAES PARA AUXILIAR OS TRABALHOS.
- E) SOLICITAR AO GOVERNO PERMISSÃO PARA ENVIAR O PESSOAL DO INSTITUTO A PONTOS DIVERSOS DO PAIZ, OU DO ESTRANGEIRO, COM O FIM DE ESTUDAR QUESTÕES SCIENTIFICAS INTIMAMENTE RELACIONADAS COM OS ASSUMPTOS TRATADOS NO INSTITUTO;
- F) FAZER FISCALIZAR A VENDA DOS SÔROS E VACCINAS FABRICADOS NO ESTRANGEIRO, OU DENTRO DO PAIZ, POR PARTICULARES;
- G) INFORMAR O GOVERNO SOBRE A ADMISSÃO DOS CANDIDATOS AOS CURSOS DO INSTITUTO;
- H) NOMEAR, DEMITTIR E CONTRACTAR O PESSOAL SUBALTERNO E EXTRAORDINARIO;
- I) IMPÔR AO PESSOAL, NOS CASOS DE FALTAS, AS PENAS DE CENSURA VERBAL E ESCRIPTA, SUSPENSÃO DE 1 A 15 DIAS E MULTA ATÉ 200\$ E DO DOBRO NAS REINCIDENCIAS, LEVANDO, NESSES DOUS ULTIMOS CASOS, O FACTO AO CONHECIMENTO DO MINISTRO;
- J) PROPÔR AS SUBSTITUIÇÕES DO PESSOAL TECHNICO;
- K) ORGANIZAR OS CURSOS E DISTRIBUIL-OS PELOS AUXILIARES DO INSTITUTO;
- L) PRESIDIR OS CONCURSOS PARA A ADMISSÃO DOS ASSISTENTES;
- M) AUTORIZAR A PUBLICAÇÃO DOS TRABALHOS SCIENTIFICOS;
- N) APRESENTAR ANNUALMENTE AO MINISTRO UM RELATORIO DOS TRABALHOS DO INSTITUTO.

ART. 22. OS CHEFES DE SERVIÇO SERÃO NOMEADOS PELO PRESIDENTE DA REPUBLICA, ESCOLHIDOS DENTRE OS ASSISTENTES.

ART. 23. AOS CHEFES DO SERVIÇO COMPETE EFFECTUAR OS ESTUDOS E DESEMPENHAR AS COMMISSÕES QUE LHES FOREM ASSIGNALADAS PELO DIRECTOR.

ART. 24. OS ASSISTENTES SERÃO NOMEADOS PELO PRESIDENTE DA REPUBLICA, MEDIANTE CONCURSO, EXCEPTO NAS PRIMEIRAS NOMEAÇÕES.

ART. 25. AOS ASSISTENTES COMPETE EFFECTUAR OS ESTUDOS E DESEMPENHAR AS COMMISSÕES QUE LHES FOREM ASSIGNALADAS PELO DIRECTOR E PELOS CHEFES DE SERVIÇO, SI FOREM COMMISSIONADOS PARA TRABALHAR SOB A DIRECÇÃO DESTES.

ART. 26. OS ASSISTENTES SERÃO DISTRIBUIDOS POR ESPECIALIDADES, DE ACCÔRDO COM OS ASSUMPTOS DE QUE SE OCCUPA O INSTITUTO.

ART. 27. PARA ADMISSÃO AO CONCURSO DE ASSISTENTES OS CANDIDATOS DEVERÃO PROVAR TER FREQUENTADO E TOMADO PARTE NOS TRABALHOS PRATICOS, POR ESPAÇO MAXIMO DE UM ANNO, EM INSTITUTO NACIONAL OU ESTRANGEIRO CONGENERE AO INSTITUTO «OSWALDO CRUZ».

ART. 28. A INSCRIÇÃO PARA O CONCURSO DOS ASSISTENTES SERÁ ABERTA POR ESPAÇO DE TRES MEZES.

ART. 29. O JURY DO CONCURSO SERÁ CONSTITUIDO PELO PESSOAL TECHNICO DO INSTITUTO, SOB A PRESIDENCIA DO DIRECTOR.

ART. 30. O CONCURSO CONSTARÁ DE PROVAS PRATICAS, ESCRIPTAS E ORAES, QUE VERSARÃO SOBRE AS SEGUINTEs MATERIAS: BACTERIOLOGIA, PARASITOLOGIA, HISTORIA NATURAL MEDICA E AGRICOLA; MOLESTIAS INFECTUOSAS E PARASITARIAS DOS HOMENS, ANIMAES E PLANTAS; QUESTÕES PRATICAS DE LABORATORIO REFERENTES À HYGIENE E À CLINICA; ANATOMIA E HISTOLOGIA PATHOLOGICAS, SÔROTHERAPIA, VACCINAS PATHOLOGIA, THERAPEUTICA E HYGIENE VETERINARIAS (MOLESTIAS INFECTUOSAS E PARASITARIAS).

PARAGRAPHO UNICO. AS PROVAS DO CONCURSO CONSTARÃO PRINCIPALMENTE DE MATERIAS QUE CONSTITUIREM A ESPECIALIDADE DE CUJA FALTA SE RESENTIR O INSTITUTO.

ART. 31. OS CONCURSOS SERÃO FEITOS DE ACCÔRDO COM AS INSTRUCÇÕES QUE SERÃO MANDADAS OBSERVAR PELO MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES.

ART. 32. OS CHEFES DE SERVIÇO E OS ASSISTENTES SERÃO VITALICIOS DEPOIS DE 10 ANNOS DE SERVIÇO EFFECTIVO, REGULADA, A SUA APOSENTADORIA PELO DISPOSTO NO DECRETO N. 117, DE 4 DE NOVEMBRO DE 1892.

ART. 33. O PESSOAL TECHNICO PODERÁ RESIDIR NO INSTITUTO, SI NISSO HOVER VANTAGENS PARA OS SERVIÇOS.

ART. 34. ALÉM DO PESSOAL TECHNICO-SCIENTIFICO, O INSTITUTO TERÁ MAIS OS SEGUINTEs FUNCIONARIOS: UM ZELADOR, UM ALMOXARIFE, UM ESCRIPTURARIO E UM DESENHISTA.

ART. 35. ESSES FUNCIONARIOS SERÃO NOMEADOS PELO MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES, COM DIREITO A VITALICIEDADE DEPOIS DE 10 ANNOS DE EFFECTIVO EXERCICIO E COM DIREITO À APOSENTADORIA NOS TERMOS DO DECRETO N. 117, DE 4 DE NOVEMBRO DE 1892.

ART. 36. AO ZELADOR COMPETE:

A) ZELAR PELA CONSERVAÇÃO DE TODOS OS BENS IMMOVEIS, MOVEIS E SEMOVENTES DO INSTITUTO;

B) SUPERINTENDER O SERVIÇO DE TODO O PESSOAL SUBALTERNO;

C) CUMPRIR AS DETERMINAÇÕES DO DIRECTOR;

D) RESIDIR NO INSTITUTO.

ART. 37. AO ALMOXARIFE COMPETE:

- A) DIRIGIR O ALMOXARIFADO E FAZER A RESPECTIVA ESCRIPTURAÇÃO;
- B) MANTER E CONSERVAR A BIBLIOTHECA DO INSTITUTO;
- C) CUMPRIR AS DETERMINAÇÕES DO DIRECTOR.

ART. 38. AO ARCHIVISTA-ESCRITURARIO COMPETE:

- A) FAZER A ESCRIPTURAÇÃO E CORRESPONDENCIA E MANTER O ARCHIVO DO INSTITUTO;
- B) CUMPRIR AS DETERMINAÇÕES DO DIRECTOR.

ART. 39. AO DESENHISTA COMPETE EXECUTAR OS TRABALHOS DE DESENHO, PINTURA E CALLIGRAPHIA QUE LHE FOREM DISTRIBUIDOS PELO DIRECTOR.

ART. 40. O PESSOAL SUBALTERNO DO INSTITUTO É DE NOMEAÇÃO OU CONTRACTADO.

ART. 41. O PESSOAL DE NOMEAÇÃO É CONSTITUIDO POR UM CHEFE DE COCHEIRAS, QUATRO SERVENTES DE 1ª CLASSE, QUATRO SERVENTES DE 2ª CLASSE, CINCO AJUDANTES, UM MESTRE, DOUS MACHINISTAS E DOUS FOGUISTAS.

ART. 42. O PESSOAL SUBALTERNO CONTRACTADO SERÁ ADMITTIDO E DISPENSADO PELO DIRECTOR DE ACCÔRDO COM AS NECESSIDADES DO SERVIÇO E SERÁ PAGO PELA VERBA - MATERIAL - ONDE SE ACHA INCLUIDA A RESPECTIVA CONSIGNAÇÃO (TABELLA I).

ART. 43. EM SEUS IMPEDIMENTOS, O DIRECTOR SERÁ SUBSTITUIDO PELOS CHEFES DE SERVIÇO, QUE SE REVESARÃO TODOS OS MEZES, POR ORDEM DE ANTIGUIDADE. OS CHEFES DE SERVIÇO SERÃO SUBSTITUIDOS PELOS ASSISTENTES, QUE TAMBEM SE REVESARÃO TODOS OS MEZES, POR ORDEM DE ANTIGUIDADE. OS ASSISTENTES SERÃO SUBSTITUIDOS POR FUNCIONARIOS INTERNOS, ESCOLHIDOS DE PREFERENCIA ENTRE OS AUXILIARES CONTRACTADOS OU, NA FALTA, POR UM ANTIGO DISCIPULO DO INSTITUTO.

OS DEMAIS FUNCIONARIOS ADMINISTRATIVOS SERÃO SUBSTITUIDOS DE ACCÔRDO COM AS RESPECTIVAS HIERARCHIAS, ASSIGNADAS PELAS DIFFERENÇAS DE VENCIMENTOS. FICA EXCLUIDO O DESENHISTA, QUE SÓ PODERÁ SER SUBSTITUIDO POR UM TECHNICO.

ART. 44. AOS FUNCIONARIOS EM COMMISSÃO FÓRA DO DISTRICTO FEDERAL SERÁ CONCEDIDA UMA AJUDA DE CUSTO CORRESPONDENTE AOS PREÇOS DAS PASSAGENS E MAIS UMA GRATIFICAÇÃO IGUAL A UM TERÇO DOS VENCIMENTOS.

ART. 45. O PESSOAL DO INSTITUTO PERCEBERÁ OS VENCIMENTOS CONSTANTES DA TABELLA I.

ART. 46. TUDO QUANTO DISSER RESPEITO A FALTAS DE COMPARECIMENTO DOS EMPREGADOS, CUJA JUSTIFICAÇÃO COMPETE AO DIRECTOR, BEM ASSIM A LICENÇAS E PENAS DISCIPLINARES,

REGULAR-SE-HA PELO DISPOSTO SOBRE A MATERIA NO REGULAMENTO DA SECRETARIA DE ESTADO.

DISPOSIÇÕES TRANSITORIAS

ART. 47. O ESTUDO DAS MOLESTIAS DAS PLANTAS SÓ SERÁ INICIADO APÓS A INSTALAÇÃO DA SECÇÃO DO INSTITUTO DESTINADA A ESSAS PESQUIZAS.

ART. 48. A ABERTURA DO CURSO SERÁ ANNUNCIADA POR PUBLICAÇÕES NO DIARIO OFFICIAL E NA IMPRENSA DIARIA.

ART. 49. PARA O INSTITUTO «OSWALDO CRUZ» SERÃO APROVEITADOS O PESSOAL E O MATERIAL PERTENCENTES AO SERVIÇO DO EXTINGTO INSTITUTO SOROTHERAPICO FEDERAL, DA DIRECTORIA GERAL DE SAUDE PUBLICA.

ART. 50. AO PESSOAL SERÁ CONTADO O TEMPO QUE SERVIA NO ANTIGO INSTITUTO SOROTHERAPICO FEDERAL, PARA OS FINS DO DISPÔSTO NOS §§ 3º IN FINE E 6º DO ART. 1º DO DECRETO N. 1802, DE 12 DO DEZEMBRO DE 1907.

RIO DE JANEIRO, 19 DE MARÇO DE 1908.

AUGUSTO TAVARES DE LYRA.

TABELLA I

TABELLA DOS VENCIMENTOS DO PESSOAL DO INSTITUTO «OSWALDO CRUZ» A QUE SE REFEREM OS ARTS. 42 E 45 DO REGULAMENTOS APPROVADO PELO DECRETO N. 6891, DESTA DATA

1 DIRECTOR	18:000\$000
2 CHEFES DE SERVIÇO A 14:400\$	28:800\$000
6 ASSISTENTES A 10:800\$	64:800\$000
1 ZELADOR	7:200\$000
1 ALMOXARIFE	6:800\$000
1 DESENHISTA	4:800\$000
1 ARCHIVISTA-ESCRITURARIO	3:600\$000
	134:000\$000

PESSOAL SUBALTERNO

1 CHEFE DE COCHEIRAS	3:600\$000
4 SERVENTES DE 1ª CLASSE A 3:000\$	12:000\$000
4 SERVENTES DE 2ª CLASSE A 2:400\$	9:600\$000
5 AJUDANTES A 2:160\$	10:800\$000
1 MESTRE	5:400\$000
2 MACHINISTAS A 5:400\$	10:800\$000
2 FOGUISTAS A 2:520\$	5:040\$000

57:240\$000

RIO DE JANEIRO, 19 DE MARÇO DE 1908.

AUGUSTO TAVARES DE LYRA.

TABELLA II

TABELLA A QUE SE REFERE O ART. 7º DO REGULAMENTO APPROVADO PELO DECRETO N. 6891, DESTA DATA

SÔRO-ANTIPESTOSO, VIDRO DE 20CC	10\$000
SÔRO-VACCINA, DÓSE	8\$000
SÔRO-ANTI-ESTREPTOCOCCICO, VIDRO 20CC	8\$000
SÔRO-ANTI-TETANICO, VIDRO DE 20CC	5\$000
TUBERCULINA T. O. A., CADA DILUIÇÃO	5\$000
TUBERCULINA BRUTA, VIDRO DE 10CC	6\$500
TUBERCULINA DILUIDA, 10CC	2\$000
MALLEINA, 1 VIDRO COM 10 DÓSES DE MALLEINA, DILUIDA	10\$000
MALLEINA, 1 VIDRO COM 1 DITA DE DITA BRUTA	2\$000
VACCINA ANTI-PESTOSA, 1 DÓSE DE 2CC	5\$000
VACCINA CONTRA A PESTE DA MANQUEIRA (CARBUNCULO SYMPTOMATICO), DÓSE	\$500
VACCINA CONTRA O CARBUNCULO VERDADEIRO (CARBUNCULO BACTERIDIANO), DÓSE.....	\$500

RIO DE JANEIRO, 19 DE MARÇO DE 1908.

AUGUSTO TAVARES DE LYRA.

Anexo E – Fragmento do decreto nº 13.527, de 26 de março de 1919

Regulamento do Instituto Oswaldo Cruz, a que se refere o decreto n. 13.527, de 26 de março de 1919

[...]

Art. 48. O pessoal subalterno do Instituto, de nomeação do director, será constituído de um mestre, dous machinistas, um preparador de meios de cultura, um encarregado do museu, um carpinteiro, um bombeiro, cinco auxiliares de laboratorio, seis serventes de 1ª classe, seis serventes de 2ª classe, dez serventes de 3ª classe, seis serventes de 4ª classe, um encarregado da conservação dos edificios, um telephonista, um pintor, dous ajudantes de carpinteiro, dous foguistas e um lustrador.

